



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**PODEROSAS DO FOZ: trajetórias, migrações e profissionalização  
de mulheres que praticam futebol**

Mariane da Silva Pisani

Florianópolis  
2012



Mariane da Silva Pisani

**PODEROSAS DO FOZ: TRAJETÓRIAS, MIGRAÇÕES E  
PROFISSIONALIZAÇÃO DE MULHERES QUE PRATICAM  
FUTEBOL**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós Graduação em Antropologia  
Social da Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do  
Grau de Mestre em Antropologia  
Social.

Orientadora: Prof. Dra. Carmen Silvia  
Rial

Florianópolis  
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pisani, Mariane da Silva

Poderosas do Foz [dissertação] : trajetórias, migrações e  
profissionalização de mulheres que praticam futebol /  
Mariane da Silva Pisani ; orientadora, Carmen Silvia de  
Moraes Rial - Florianópolis, SC, 2012.

166 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia Social. 2. futebol. 3. mulheres. 4.  
profissionalização. 5. migração. I. Rial, Carmen Silvia de  
Moraes. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Mariane da Silva Pisani

**PODEROSAS DO FOZ: TRAJETÓRIAS, MIGRAÇÕES E  
PROFISSIONALIZAÇÃO DE MULHERES QUE PRATICAM  
FUTEBOL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestra, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

Local, 14 de dezembro de 2012.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alicia Norma Gonzalez de Castells  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Silvia Rial  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alicia Norma Gonzalez de Castells  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Alex Vailati, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Mario Bick  
Bard College/NY



Para meu pai e minha mãe

e

Para todas as *poderosas*  
jogadoras de futebol



## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social no qual pude completar mais uma etapa de minha formação acadêmica.

Ao Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural que financiou este trabalho do começo ao fim. E à rede de pesquisa coordenada pela professora Glaucia Oliveira de Assis Ribeiro.

Aos professores e às professoras do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, grandes mestres que me orientaram e ensinaram ao longo dos cinco anos em que permaneci na Universidade Federal de Santa Catarina, em especial à minha orientadora Carmen Silvia Rial – que me acompanha desde 2007 - pela paciência, generosidade e competência com que me preparou para a vida acadêmica.

Aos amigos e amigas do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem pelas trocas, pelos debates, pelas conversas, pela ajuda e pelas oportunidades oferecidas para participar em Seminários, Exposições e Congressos organizados por vocês. Rafael Devos, Alex Vailati, Marina Moros, Matias Godio, Monica Soares Siqueira, Ana Paula dos Santos, Caroline Soares de Almeida, Fernando Gonçalves Bitencourt, Jimena Massa, Luciano Jahnecka, Maria Elizabeth Goidanich, Maycon H.F. Mello, Ricardo Lanzarini Gomes da Silva, Rafael Venuto, Valentine Godolphim, Viviane Kraieski de Assunção, Viviane Teixeira Silveira e Wagner Xavier de Camargo. A vocês, o meu respeito e afeto.

Aos colegas da turma de Mestrado do PPGAS da UFSC do ano de 2011, pela companhia e amizade que me permitiram seguir em frente sem nunca desanimar. Adriana Strappazon, Ana Paula Casagrande, Anahi Guedes de Mello, Anna Carolina H. Amorim, Caroline Soares de Almeida, Charles Raimundo da Silva, Dalila Floriani Petry, Diogo Virgílio Teixeira, Gabriel Luis Rosa, Jaqueline de Mendonça Oliveira, Júlia Machado Souza, Letícia Grala Dias, Marcel Schmitz Gutíá, Marina Monteiro, Nádia Philippsen Fürbringer, Nádia dos Santos Aguiar, Rafael Knabben, Rocio Pacuar, Sabrina Testa e Tania Solar. E aos colegas das outras turmas de Mestrado e de Doutorado pela presença sempre constante e inspiradora.

À Fátima, Adriana e Karla, mulheres maravilhosas que facilitam e organizam as nossas vidas com seu trabalho atencioso e dedicado.

Aos colegas do Grupo de Trabalhos de Esporte da Reunião Brasileira de Antropologia e da Reunião de Antropologia do Mercosul, pela leitura e pelos comentários pontuais a todos os trabalhos submetidos. Não teria chegado até este momento sem suas contribuições atentas.

À Barbara Arisi, Bianca Gonçalves de Oliveira, Waldinei Freitas, Everton Iasinski, José Valdivia e alunos de Antropologia da UNILA que facilitaram etapas do meu trabalho de campo e ajudaram a tornar este momento um pouco mais divertido e menos solitário.

Ao ex-diretor técnico Alekssandro, ao dirigentes Gezi e toda a comissão técnica do ADI/Foz Futebol Feminino, pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

À amizade, ao apoio, ao afeto, ao carinho e ao companheirismo, que já duram quase vinte anos, de Juliana Stadnik de Lima.

Aos Praceiros, pelos momentos de alegria, descontração e pela amizade insubstituível. Thio, Bernardo, Dézão, Negão, Lola, Amanda, Samanta, Joyce, Maiquinho, Tropesso, Zero, Fou, Carioca, Saviski, Priscila, Maurílio, Léo, Peruano, Prüsse, Bremm, Alice e Marcelo. E ao Eduardo Garcia, que não é dos Praceiros, mas sempre se faz presente em minha vida.

Aos cientistas sociais Mártin Sommer Moreira, Mariana Knierim Correia, Suzana Castanheiro Uliano, Leonardo Salles, Caio Dorigoni, Talita Sene, Franco Delatorre, Celso Senna, Patrick Dias Marques, João Vitor Mastelari, Paula Zanardi, Ricardo Suíno, Joel Rosa da Luz e a todos/as os outros colegas que me acompanham nesta caminhada acadêmica desde 2007.

Aos historiadores Icles Rodrigues e Luiz Felipe Zimmermann.

Aos palpites, aos conselhos e às opiniões ultrassinceras de Gibran, Denílson, Alessandra, George, Iasir, Cheetos, Campos, Lívia,

Cíntia, Alessandro, Maurício, Verônica, Lihzianne, Anildo, Aldemir, Hermes, Cristian, Wilson e Igor. Vocês fazem meus dias um pouco mais felizes. Um viva à Trindade do Amor!

Ao Luiz Eduardo Amorim pela paciência, pelo afeto e pelas leituras atentas deste trabalho.

Às *Poderosas do Foz*, pelos dias maravilhosos de convivência e intenso aprendizado. Admiro, respeito e valorizo o trabalho o trabalho de vocês.

Aos meus pais, Osni e Josefina, pelo amor, incentivo, carinho, educação e apoio incondicionais e insubstituíveis durante toda a minha vida. Eu amo vocês.

E a todas as pessoas que tornaram este trabalho possível. Meus sinceros reconhecimento e gratidão.



“(…) o som da pelota estufando as redes é a mais sublime das melodias. É nesse país tropical abençoado por Deus que está o melhor futebol do mundo. Porque o brasileiro, meu caro amigo, joga bola como quem faz música”

Marcelo Ferla, jornalista.



## RESUMO

Sabemos que o universo do futebol, bem como o dos esportes em geral, desde sua origem é predominantemente ocupado por homens. Mulheres que praticassem qualquer tipo de modalidade esportiva eram duramente julgadas em sua feminilidade. O futebol de mulheres possui apenas 30 anos de história no Brasil, se contarmos a partir da revogação em 1979 da lei que proibia as mulheres de jogarem. É fato que muitas conquistas aconteceram, podemos notá-las isso através do crescente número de mulheres que praticam o futebol e da proliferação de campeonatos estaduais, nacionais e internacionais que acontecem anualmente pelo Brasil e pelo mundo. Partindo desses e de outros conhecimentos, iniciamos esta pesquisa em outubro de 2011 com o time de futebol praticado por mulheres, fundado na cidade de Foz do Iguaçu, oeste do estado do Paraná. O time, ADI/Foz Futebol Feminino, possui apenas dois anos de história. Tendo iniciado suas atividades em março de 2010, possui em seu elenco jogadoras – as Poderosas do Foz - de expressão nacional, bem como conquistas de alguns dos títulos mais importantes para o futebol praticado por mulheres no Brasil. Do contato com essas atletas questões como sexualidade, corpo, trajetórias pessoais, projetos de vida, dificuldades e preconceitos na carreira, profissão, profissionalização e migração surgiram e serão discutidas neste trabalho.

**Palavras chave:** futebol; mulher; migração; Poderosas do Foz; profissionalização



## ABSTRACT

We know that the world of football, as well as sports in general, since its origin is predominantly occupied by men. Women who practice any kind of sport were severely judged on their femininity. The women's football has only 30 years of history in Brazil, counting since the rescind of the law in 1979 that prohibited women from playing. It is a fact that many achievements have happened, we note that by increasing the number of women who play football and the proliferation of national and international championships. Starting from this knowledge, this study began in October 2011 with a the football team practiced for women, located in the city of Foz do Iguaçu, state of Paraná. The team, ADI / Female Football Foz, has only two years of history, founded in March 2010 and has players in his squad - the Poderosas do Foz - of national expression, as well as some of the most important titles for the football played by women in Brazil. Contact with these athletes issues such as sexuality, body, personal histories, life stories, difficulties and prejudices career, profession, professionalism and migration have emerged and will be discussed in this paper.

**Key Words:** soccer; woman; migration; Poderosas do Foz; professionalization



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Araguari Atlético Clube, sediado nas Minas Gerais, iniciou as atividades com o futebol feminino em 19 de dezembro de 1958. É considerado o primeiro time oficial do Brasil formado somente por mulheres.....	33
Figura 2 - Sala da casa do meio, onde são servidas as refeições.....	38
Figura 3 - Bandeira com o brasão do Sport Club Corinthians Paulista exposta na sala de um dos três apartamentos e que nos acompanhava.....	45
Figura 4 - Mapa da região de Foz do Iguaçu.....	49
Figura 5 - Produto Interno Bruto de Foz do Iguaçu.....	52
Figura 6 - Patrocinadores ADI/Foz Futebol Fêmino.....	58
Figura 7 - Outdoor exposto na cidade de Foz do Iguaçu. Coca-Cola, patrocinadora oficial do time das Poderosas.....	59
Figura 8 - Uma das portas de entrada da casa das Poderosas do Foz.....	64
Figura 9 - Uma das formações do time das Poderosas do Foz.....	68
Figura 10 - Poderosas se enfaixando antes de amistoso – 14 de junho de 2012.....	103
Figura 11 - Poderosa enfaixando os pés.....	103
Figura 12 - Meninas e mulheres observando o jogo amistoso entre as Poderosas do Foz e o time de homens da categoria sub-16. Junho de 2012.....	117
Figura 13 - Gráfico de Vera Botelho (2010).....	121



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Conquistas das Poderosas do Foz (2010 – 2012).....	63
Tabela 2 - Rodadas do draft em 2009 na Women's Professional Soccer – EUA.....	124



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADI – Associação Desportiva Iguaçense  
CBF – Confederação Brasileira de Futebol  
EUA – Estados Unidos da América  
FIFA - Fédération Internationale de Football Association  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social  
ITC – International Transfer Certificate  
NBA - National Basketball Association.  
PNAD – Programa Nacional de Amostras por Domicílio  
PTI – Parque Tecnológico Itaipu  
TMS – Transfer Matching System  
UEFA - Union of European Football Associations  
UFC - Ultimate Fighting Championship  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
WPS - Women's Professional Soccer



## SUMÁRIO

Introdução.....	27
Parte I - Contextos e problematizações.....	29
1 - O futebol das mulheres no país do futebol.....	29
2 – Campo.....	34
2.1 – Primeiros contatos com a pesquisa.....	34
2.2 – Chegando ao campo.....	37
3- Discussões do trabalho de campo.....	41
3.1 - Dicotomia nós/outros.....	42
3.2 - Autoridade etnográfica/Produção textual.....	45
3.3 – O ciberespaço como ferramenta de pesquisa.....	47
3.4 – Usos da imagem no saber antropológico.....	48
4 – Foz do Iguaçu.....	49
4.1 – Breve Histórico.....	49
4.2 – A fronteira.....	53
4.3 – As migrações.....	57
Parte II - As Poderosas do Foz.....	61
1 – O time das Poderosas do Foz.....	61
2 – As Poderosas do Foz.....	66
2.1 – Trajetórias de jogadoras de futebol no Brasil.....	68
3 – Gênero, sexualidades e corpos: os preconceitos no futebol das mulheres....	83
Parte III - Profissionalização e migrações de mulheres que praticam futebol...93	
1 – Profissionalização de jogadoras de futebol.....	93
1.1 – Distinção entre as categorias de profissional e amador.....	93
1.2 – Profissão: Jogadora de futebol, mercadoria que ninguém compra.....	105
1.2.1 – Técnicos e dirigentes.....	106
1.2.2 – O dom.....	108
1.2.3 – Empresários.....	110
1.2.4 – O Bolsa Atleta.....	112
1.2.5 – Incentivo e valorização do futebol de mulheres no Brasil.....	113
2 – As migrações de jogadoras de futebol.....	119
Conclusões.....	137
Referências.....	143

Anexos.....	151
Anexo 1 - 1921 Primeira partida de futebol feminino.....	151
Anexo 2 - Aleksandro Fogagnoli deixa o Foz Cataratas.....	152
Anexo 3 - Trecho de entrevista com as Poderosas do Foz. Realizada em junho de 2012.....	153
Anexo 4 - A Gazeta do Iguazu.....	157
Anexo 5 - Treinadoras impõem suas marcas.....	159
Anexo 6 - Entrevista jogadora Marta. Revista Seleção Reader's Digest. Agosto de 2008.....	163
Anexo 7 - Tutora de Marta, paranaense revê a melhor do mundo.....	165

## INTRODUÇÃO

Após 27 anos da chegada de Charles Miller ao Brasil – trazendo na bagagem duas bolas usadas e um livro com as regras do futebol - no ano de 1921, na cidade de Alagoas, o cronista Graciliano Ramos escreve ao público uma crônica na qual discorre sobre a inserção do esporte bretão no país. Segundo Graciliano, a compleição do brasileiro, por demais franzina, mirrada, fraquinha e de uma pobreza de músculos lastimável, nunca se adaptaria à prática futebolística. Para ele, o futebol de homens nunca iria preencher nenhum espaço da vida dos brasileiros, e afinal, se possuíamos, já naquela época, esportes em quantidade, *para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? Por que o futebol?*

Quase 100 anos se passaram, desde a publicação dessa crônica, e o que vemos atualmente é que o futebol tornou-se, para a maioria dos brasileiros e das brasileiras, mais do que uma paixão. O futebol preenche cada canto de nossas vidas, e mesmo aqueles que não gostam da modalidade não conseguem passar um dia sequer sem alguma referência sobre o esporte. Nas ruas, encontramos pessoas com camisas de seus times; nos jornais, notícias sobre campeonatos; nas mesas de bares, sempre surgem comentários sobre a atuação deste ou daquele jogador ou do gol mais bonito da rodada; em época de Copa do Mundo, o Brasil entra em recesso, afinal somos todos liberados mais cedo do serviço, da aula e de nossos afazeres para acompanhar a Seleção Brasileira. O futebol está em todos os espaços do nosso cotidiano. E vai além. Mais do que ocupar o imaginário de milhões de brasileiros, o futebol dita lógicas de mercado e faz girar anualmente bilhões de reais.

Os personagens, que nos fazem acompanhar esse espetáculo assiduamente e que ajudam a alimentar essa paixão pelo futebol, estão representados na imagem dos jogadores. Estes, às vezes, tornam-se heróis, outras vezes, vilões. Sobre eles voltamos nossos olhares diariamente, e não somente para acompanhar suas atuações em campo, vigiamos e controlamos, também, suas vidas pessoais. Muitas pesquisas, artigos, crônicas, filmes e músicas versam sobre esses homens, esses jogadores que carregam consigo a responsabilidade de representar uma nação, e defendê-la dentro de campo. Entretanto, pouco ou quase nada, se fala sobre as mulheres brasileiras que jogam futebol, embora elas existam, aos milhares.

Essas mulheres jogadoras de futebol também enfrentam longos períodos de treino, disputam campeonatos, tiram seu sustento pessoal da modalidade, têm sonhos e projetos de vida que o futebol ajuda a construir ou acaba por destruir. *Mulher no futebol é mercadoria que*

*ninguém compra*, e por ser mercadoria que não se compra, é peça que não movimenta dinheiro no sistema futebolístico, logo pouco visibilizada e valorizada.

Trago neste trabalho uma etnografia sobre um time de futebol de mulheres fundado na cidade de Foz do Iguaçu, oeste do estado do Paraná, fronteira com os países da Argentina e do Paraguai. Durante o período em que permaneci com as atletas, aqui conhecidas como *Poderosas do Foz*, inúmeras questões que envolvem o futebol praticado por mulheres emergiram. Assim, organizo o trabalho da seguinte maneira: no primeiro capítulo discorro sobre o processo histórico e social pelos quais o futebol de mulheres passou até constituir-se como modalidade esportiva no Brasil. Em seguida, sobre a inserção delas na modalidade – campo desta pesquisa -, realizando discussões pertinentes para a compreensão, elaboração e problematização desta etnografia.

O segundo, mostra o time das *Poderosas do Foz*. Como ele surgiu no cenário desportivo brasileiro atual e de que modo essas mulheres elaboram e vivenciam sua trajetória no futebol. Assim, procuro descrever as maneiras pelas quais os conceitos de gênero, sexualidade e corpo encontram-se entrelaçados na profissão de jogadora de futebol, e alguns preconceitos enfrentados por elas por terem escolhido essa profissão como meio de subsistência.

Por fim, no último capítulo, duas questões importantes para a compreensão do futebol de mulheres no Brasil: a discussão sobre profissionalização e a de migração no esporte. São questões repensadas, a partir das experiências pessoais *Poderosas do Foz*. Com elas, as questões, busco saber como e em quais circunstâncias ocorrem estes dois fenômenos. Assim, o objetivo deste trabalho busca compreender e elucidar alguns aspectos ligados à profissão de jogadora de futebol no Brasil. Para isso, procuramos conhecer os projetos de vida, as trajetórias, os afetos, a centralidade do estudo, a família, as intercorrências para profissionalização e as migrações dessas mulheres.

*Por que o futebol?* perguntou Graciliano, eu perguntaria: por que não o futebol de mulheres? Dentro dos estudos de gênero, migração e esporte na Antropologia, esta dissertação surge como uma reflexão que busca contribuir e retroalimentar as discussões sobre o posicionamento político e social das mulheres que jogam futebol.

## PARTE I

### CONTEXTOS E PROBLEMATIZAÇÕES

*"Que seria da bola de futebol sem um menino bem brasileiro na vida dela? Os dois nasceram, sob medida, um para o outro. Ambos gostam de brincar. Aliás, em qualquer lugar do mundo, todo garoto adora brincar."*

**Armando Nogueira**  
**(Parte de citação exposta na entrada do Museu do Futebol)**

#### **1 - O futebol das mulheres no país do futebol**

Inúmeras pesquisas acadêmicas, textos e crônicas esportivas nos mostram em detalhes a história e a trajetória do futebol no Brasil. José Lins do Rego, Mário Filho, Nelson Rodrigues e outros autores retrataram em suas crônicas a ligação quase visceral existente entre a bola de futebol e o menino, e como esses dois juntos - quando em perfeita sintonia - conseguiam representar uma concepção de brasilidade. O menino, nesse contexto, personagem principal, aparece nos textos ora como jogador ora como torcedor. Enquanto jogador, via-se encarregado de representar em campo as melhores qualidades do homem brasileiro, principalmente quando atuava – e atua - pela Seleção; enquanto torcedor, esperava ver-se representado em campo pelo jogador que deveria honrar as cores da bandeira na camisa que envergava.

“Outra vez me coloco na posição de bom moço, para dizer que acredito, apesar de tudo, nos rapazes do Brasil... o homem da arquibancada sabe valorizar o que é bom, mas sofre de sofreguidão, e desespera-se com facilidade... É para o homem da arquibancada que me volto, apelando para o seu coração e seu patriotismo. De nossa torcida depende muito o sucesso do Brasil”<sup>1</sup> (LINS DO REGO, *apud* FERREIRA ANTUNES, 2004, p. 81)

Para o jornalista e escrito Mário Filho, foi a plateia quem transformou o futebol em espetáculo, pois sem o público seria apenas

---

<sup>1</sup> *Jornal dos Sports*, 13-06-1950.

uma prática esportiva qualquer. Para ele, foram os torcedores que transformaram o futebol em paixão nacional e incutiram neste um forte sentimento de brasilidade. “No fundo, o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador representa-o, representa o seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua Pátria. A derrota do jogador é a derrota do torcedor. Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou” (RODRIGUES FILHO, 1964).

Ferreira Antunes (2004), que discute futebol e identidade nacional com base nos textos dos autores acima mencionados, diz que nas crônicas esportivas de Mario Filho estava explícito que o brasileiro não conseguia mais separar de seu cotidiano o jogo de que mais gostava, e que era fonte inesgotável de emoções. Sendo assim, torcer pelo Brasil nos jogos da Seleção era sentir-se parte da nação brasileira e uma atitude patriótica.

Futebol-arte; “ripa na chulipa e pimba na gorduchinha”; charangas nas torcidas; Zagallo e a superstição com o número 13; clássicos nacionais como Fla-Flu e Gre-Nal; torcidas organizadas; seleções 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002; Taça Jules Rimet; Pelé, os Ronaldinhos, Tostão, Rivellino, Taffarel, Dunga, Bebeto, Rivaldo, Garrincha, Zico, Romário, Cafu e outros brilhantes jogadores da nossa Seleção; o verde e o amarelo que enfeitam as ruas em tempo de Copa; “a Taça do Mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa”; a camisa canarinho; gol antológico de Ronaldinho Gaúcho nas quartas de final da Copa de 2002 (Brasil x Inglaterra); Leônidas da Silva e o chute de bicicleta; radinho de pilha dentro dos estádios; “É do Brasiiiiii!” . Tornamo-nos a nação do futebol. Mas não a nação do futebol das mulheres.

Desde o início da prática desportiva do futebol no Brasil, as mulheres apareciam como coadjuvantes. As senhoritas eram retratadas nas crônicas da época pela beleza e elegância que traziam para as partidas. As arquibancadas das canchas se enchiam de moças solteiras que utilizavam esse espaço de lazer - dos homens - para momentos de flerte. Tudo, é claro, sob o olhar atento dos familiares. Como se observa neste trecho, publicado em um jornal de Florianópolis:

A presença feminina nas arquibancadas era constante e percebida pela imprensa local. As jovens representantes da sociedade de Florianópolis, sempre elegantemente trajadas, conforme diziam as crônicas nos jornais, tornavam mais graciosas e encantadoras as tardes esportivas de domingo no

*Club Sportivo Annita Garibaldi*, o primeiro espaço destinado tanto à prática quanto ao público em geral na capital catarinense: “às duas horas da tarde a concorrência era extraordinária vendo-se as arquibancadas repletas, os lugares reservados às exmas. Famílias literalmente ocupados por gentis representantes do bello sexo, que com a sua presença vinham dar maior realce à festa<sup>2</sup>” (SOARES DE ALMEIDA, PISANI, 2011 p. 6)

As moças e seus familiares frequentavam as arquibancadas dos jogos de futebol, e essa participação ativa das mulheres podia ser vista não apenas na cidade de Florianópolis; em outras localidades como Rio de Janeiro e São Paulo a presença delas também era amplamente divulgada em reportagens e fotografias da época. Havia, inclusive, fotógrafos que iam a campo exclusivamente para registrar a presença das moças: “o fotógrafo da *Revista da Semana* ou da *Careta*, quando ia a um campo de futebol, era para bater fotos de um grupo de moças. De time, só encomendando, como uma fotografia de formatura” (RODRIGUES FILHO, 1964).

Não devemos, contudo, tomar a presença dessas senhoritas nas arquibancadas como sendo a única forma de participação das mulheres no futebol. Sete anos após as notícias sobre a presença do *bello sexo* nas arquibancadas de Florianópolis, o jornal *A Gazeta* noticiava em seus cadernos a primeira partida de futebol disputada por mulheres no Brasil. Era o ano de 1921, e jogadoras catarinenses (SC) enfrentavam as jogadoras de Tremembé (SP)<sup>3</sup>. Dezenove anos depois, segundo o historiador Fábio Franzini:

a edição de abril da revista *Educação Física* informava a realização de uma “interessante partida de futebol entre senhoritas” no Rio de Janeiro, que “constituiu um espetáculo de grande sucesso, causando assim sensação em nosso mundo desportivo<sup>4</sup>. Àquela altura, matéria do jornal paulistano *Folha da Manhã* reconhecia a existência de dez equipes de senhoritas futebolistas “em franca

---

<sup>2</sup> Sport – Foot-ball – Matches. *Jornal do Commercio*. 13 de agosto de 1913. p. 1 e 2.

<sup>3</sup> Ver Anexos. Anexo 1.

<sup>4</sup> “Futebol feminino no Rio de Janeiro”. *Educação Física —Revista de Esportes e Saúde*. Rio de Janeiro, n.41, abr. 1940, p.65.

e regular atividade” na capital federal<sup>5</sup> (2004, p. 319)

Porém, no ano seguinte, em 1941, o Decreto-Lei nº 3.199, do dia 14 de abril<sup>6</sup>, trazia a seguinte ordem no artigo 54: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Dentre os desportos não compatíveis com a “natureza feminina” foram listados: as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo, o pentatlo, o rugby, o polo, o water-polo, algumas modalidades do atletismo e o futebol. Caso quisessem, as mulheres poderiam praticar o tênis, o voleibol, o críquete, a natação e o ciclismo (os dois últimos apenas moderadamente).

À “natureza feminina” eram atribuídos valores como discrição, paciência, elegância, graciosidade e sensibilidade. Sendo assim, às mulheres era reservado o espaço privado da casa e as tarefas que condiziam com o seu sexo: ser boa mãe e boa esposa. Jogos de futebol para essas mulheres, nem pensar.

Para a moral de então, tais fatos (*jogos de futebol de mulheres*) eram um ataque ao esporte nacional e à “família brasileira”, tanto que, enquanto a *Gazeta* celebrava a intervenção das autoridades e o fim da “existência condenável do futebol feminino”, o *Diário Carioca* vibrava com a investigação, pela polícia, das “verdadeiras finalidades desses clubes femininos”, qualificados como “antros de perdição” pelo repórter (FRANZINI, 2004, p. 324. grifo nosso).

Apesar de os discursos contra a prática futebolística das mulheres terem levado à diminuição drástica do número de esportistas na modalidade, elas continuaram jogando e se organizando em grupos para disputar campeonatos.

---

<sup>5</sup> “Em negociações a vinda a esta capital dos quadros femininos do ‘Eva’ e do ‘Brasileiro’”, *Folha da Manhã*, São Paulo, 05.04.1940, p.11.

<sup>6</sup> Acesso em: 13 de setembro de 2012. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>

Figura 1 - Araguari Atlético Clube, sediado nas Minas Gerais, iniciou as atividades com o futebol feminino em 19 de dezembro de 1958. É considerado o primeiro time oficial do Brasil formado somente por mulheres.

NEY MONTES COM O PRIMEIRO TIME DE FUTEBOL FEMININO DO BRASIL - 1959



(Fonte: Acervo pessoal de Teresa Cristina Montes Cunha)

Entretanto, no final de 1959, a Confederação Brasileira de Desportos, com bases no Decreto-Lei de 1941, proibiu a prática do futebol entre as mulheres – principalmente se estivesse vinculada a clubes ou grupos que disputassem campeonatos -, uma vez que a modalidade era considerada demasiadamente violenta. No ano de 1964, início da ditadura militar, o então presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, através da resolução 7/65 do Conselho Nacional dos Desportos, vetou qualquer tipo de prática do futebol de mulheres no Brasil, fosse competição oficial ou apenas um jogo de várzea.

Somente quinze anos mais tarde, a resolução 7/65 foi revogada e voltou a permitir às mulheres o direito de jogar o futebol, fosse em momentos de lazer ou para seguir carreira no esporte. A partir de 1979, elas podiam novamente se organizar em clubes e times para participar de campeonatos, assim o número de praticantes legais do esporte – uma vez que o veto havia sido revogado - foi aumentando ao longo das décadas. O primeiro campeonato de nível nacional de futebol praticado por mulheres no Brasil ocorreu em 1983, foi chamado de Taça Brasil de Futebol Feminino (1983-1989) e teve todas as edições vencidas pelo Esporte Clube Radar, da cidade do Rio de Janeiro. Depois surgiram outras competições como o

Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (1994-2001) e atualmente temos a Copa do Brasil de Futebol Feminino (2007-2012). Nesta, 32 equipes disputaram nas seis edições realizadas e participaram quase 770 atletas a cada ano, se considerarmos 24 jogadoras por time. E, ainda segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)<sup>7</sup>, o país conta com cerca de 400 mil jogadoras ativas (FRANZINI, 2004).

Podemos pensar que é um número pequeno de atletas se compararmos à quantidade de homens que jogam futebol no Brasil. Entretanto, se considerarmos que, no Brasil, o futebol de mulheres constituiu-se como prática legal somente há 33 anos, veremos que é um número expressivo. A Seleção Brasileira de Futebol Feminino já conquistou os seguintes títulos: Campeonato Sul-Americano Feminino em 1991, 1995, 1998, 2003 e 2010; Universíada com medalha de ouro em Pequim, 2001 e em Esmirna, 2005; Jogos Pan-Americanos com medalha de ouro em Santo Domingo, 2003, e no Rio de Janeiro, 2007; Torneio Internacional Cidade de São Paulo em 2009 e 2011; Jogos Mundiais Militares com medalha de ouro em 2011. A Seleção ainda se destacou na Copa do Mundo de Futebol Feminino ficando em 2º lugar em 2007 e em 3º lugar em 1999; Olimpíadas com medalha de prata em Atenas, 2004 e em Pequim, 2008.

Mesmo com todas essas vitórias da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, devemos lembrar que ela é composta por, no máximo, 24 atletas. As outras jogadoras de futebol do país, que não são chamadas para a Seleção, sofrem com o descaso, com a pouca visibilidade, com a incerteza de um futuro concreto na carreira, com o esquecimento, com a presença do machismo e do preconceito. É preciso valorizar o trabalho dessas atletas, pois, após a vivência em campo com algumas jogadoras de futebol, percebi que a vida de uma bola de futebol estaria tão ou mais completa com uma menina bem brasileira brincando com ela. Marta - cinco vezes eleita a melhor jogadora do Mundo, feito não alcançado por qualquer outro atleta brasileiro – que nos diga.

## **2 – Campo**

### **2.1 – Primeiros contatos com a pesquisa**

Ainda bolsista de Iniciação Científica (2007-2010) - na graduação de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - fiz parte da pesquisa *Circulação Transnacional de Jogadores de Futebol Brasileiros: consumo alimentar, fronteiras e identidade nacional*, sob a orientação da professora Carmen Silvia de Moraes Rial (2008). Minha contribuição para a pesquisa foi a de

---

<sup>7</sup> Acessos diários: [www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br)

levantar dados no site da CBF sobre jogadores que saíam do Brasil para atuar no exterior; registrar os países que mais recebiam atletas brasileiros; levantar o número de migrações por ano, bem como a quantidade de países que recebiam jogadores; dentre outras questões. A partir desse levantamento de dados, escrevi um Trabalho de Conclusão de Curso que procurou problematizar e evidenciar as representações feitas na mídia (exclusivamente no jornal on-line espanhol Marca) a respeito de alguns desses atletas brasileiros migrantes que atuavam e/ou atuam no exterior (PISANI, 2011).

Entretanto, outros questionamentos surgiram quando do levantamento desses dados no site da CBF, mas que só poderiam ser trabalhados em estudos futuros. Assim é que para esta dissertação de Mestrado, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, pela UFSC, procuramos levantar alguns questionamentos sobre alguns dados pouco claros nas listas de *Registros e Transferências*, dispostas no referido site. Nelas apareceram algumas vezes um ou dois nomes (por ano) de jogadoras emigrantes. A procura de dados sobre a circulação de homens nos fez notar, ainda que em número infinitamente menor, a presença de mulheres que jogam futebol e que migram em virtude dessa profissão. Surgiram, então, as primeiras questões: Como ocorre a migração no caso das mulheres que jogam futebol? Quais seriam as especificidades que apresentam em relação à migração dos jogadores? Também elas possuem empresários que as auxiliam no exterior?

A partir dessas interrogações, me interessei em realizar uma busca por mulheres que atualmente jogam futebol no Brasil de forma profissional. Precisava encontrá-las e entrar em contato para tentar compreender as condições em que ocorrem as migrações e assim problematizar e esclarecer o que foi encontrado quando pesquisava no banco de dados da CBF. Além do objetivo norteador desta dissertação - a migração de jogadoras de futebol - me interessava também conhecer as condições vivenciadas por elas, 33 anos após a queda do veto que proibia a prática do futebol. Contariam com apoio familiar no início da carreira? Sofrem preconceitos por serem jogadoras de futebol? Recebem algum tipo de incentivo do governo para disputar campeonatos?

Como descrito na primeira parte deste capítulo, fiz um levantamento de campeonatos e torneios de futebol de mulheres no Brasil, e ainda no site da CBF encontrei o torneio *Copa do Brasil de Futebol Feminino*. Este, podemos afirmar, é atualmente um dos maiores campeonatos em visibilidade e número de equipes participantes de futebol feminino do país, por isso apresentamos aqui algumas

informações sobre a *Copa do Brasil de Futebol Feminino de 2012*, acompanhada de perto: o campeonato foi composto por 38 jogos ao longo de três meses e contabilizou um total de 161 gols. Com público pagante de 8.329 pessoas, o campeonato arrecadou um total de R\$59.087,00 reais, uma média de R\$7,00 o ingresso por pessoa. Vale destacar que a maior arrecadação em um jogo foi de R\$ 19.680,00 com a presença de 2.174 pessoas e a menor, de R\$60,00, para um público de 11 pessoas<sup>8</sup>. Em paper apresentado por Carmen Rial, em Copenhague em dezembro de 2010, essa arrecadação é inferior à arrecadação da quarta divisão de futebol praticado por homens no Brasil.

Dentre as 32 equipes que disputaram a *Copa do Brasil de Futebol Feminino* em 2011, uma chamou a atenção: o Foz Cataratas Futebol Clube. O diferencial deste time entre os demais deu-se pelo fato de ser uma equipe nova no cenário esportivo, em atuação há dois anos, sua estreia nos gramados ocorreu em 7 de março de 2010. Já conta com dois títulos de campeão paranaense (2010 e 2011) e um vice-campeonato na *Copa do Brasil de Futebol Feminino* de 2010 ainda sob o nome de Foz do Iguaçu Futebol Clube. Em dezembro de 2011, o Foz Cataratas consagrou-se campeão da *Copa do Brasil de Futebol Feminino* conquistando assim uma vaga para disputar a 4ª *Copa Libertadores da América de Futebol Feminino* de 2012, que ocorreu entre 15 e 25 de novembro de 2012 – a equipe conquistou o vice campeonato. O time irá disputar esse campeonato sob um novo nome: ADI/Foz Futebol Feminino.

Ao entrar em contato - abril de 2011 - com o ex-dirigente técnico do Foz Cataratas Futebol Clube, Alekssandro Hamann Fogagnoli<sup>9</sup>, pude constatar que o projeto para a criação do time teve início em novembro de 2009, sendo seus idealizadores o locutor esportivo, Luciano do Valle, o professor de Educação Física, Alekssandro H. Fogagnoli e Gezi Damasceno, atual técnico da equipe e presidente da Associação Desportiva Iguaçuense (ADI). Vale lembrar que consegui o primeiro contato com o time através da Federação Paranaense de Futebol, e acredito que, desde o início, minha presença – tanto por parte da diretoria como por parte das atletas - foi bem aceita. Já no primeiro e-mail trocado com os responsáveis pelo time, no qual expus os objetivos de pesquisa, obtive uma resposta que considero importante para um pesquisador que busca entrar em campo:

---

<sup>8</sup> Dados do site da Confederação Brasileira de Futebol. Acesso em setembro de 2012.

<sup>9</sup> Foi oferecido aos interlocutores deste trabalho o anonimato.

“Temos muito interesse em colaborar com seu trabalho, mesmo porque o futebol feminino é muito carente de informações e indicadores, não só de performance, mas também de aspectos estruturais. Contudo, muitas vezes vários trabalhos são realizados e seus resultados não são divulgados aos que mais possam interessar, à comunidade científica e aqueles que poderiam reproduzir seu estudo: os técnicos, os preparadores físicos, etc.”.

Essa foi, para mim, uma demonstração clara de que o futebol de mulheres precisa de pesquisadores que se interessem em estudá-lo. Acredito que uma etnografia se constrói através da relação intersubjetiva existente entre o pesquisador e os seus interlocutores. A pesquisa vai tomando formas a partir do momento em que o antropólogo consegue realizar seus contatos, ou seja, a partir do momento em que conseguimos estabelecer uma proximidade mínima com nossos interlocutores para realizar nossas observações e intervenções. Os anseios dos dirigentes do Foz Cataratas/Foz Futebol Feminino - que depois descobri serem partilhados por muitas pessoas que estão inseridas no sistema futebolístico de mulheres – permitiram minha rápida inserção em campo, uma vez que proporcionaram espaço para que eu pudesse me apresentar como uma pesquisadora que poderia levantar informações e indicadores dos aspectos sociais, esportivos e políticos que permeiam o esporte. Além disso, assumi o compromisso de dar retorno dos resultados da pesquisa para amplo conhecimento sobre a forma como o futebol de mulheres se estrutura atualmente no Brasil, o que faço através desta dissertação e dos artigos já apresentados em congressos, como a Reunião Brasileira de Antropologia, em 2012 e a Reunião de Antropologia do Mercosul, em 2011.

## **2.2 – Chegando ao campo**

Em outubro em 2011, estive em campo pela primeira vez. Viajei de ônibus de Florianópolis a Foz de Iguaçu para ficar uma semana junto das jogadoras de futebol do Foz Cataratas Futebol Clube. Em 11 de outubro de 2011, uma terça-feira, liguei para Aleksandro avisando que acabara de chegar em Foz para iniciar minha pesquisa e que gostaria de conversar com as atletas. Ele me avisou que passaria para buscar-me no início da tarde e que me deixaria no residencial onde as jogadoras moravam, assim eu poderia ir com elas até o treino.

Por volta das 14 horas daquela tarde, ele chegou e estava acompanhado do auxiliar técnico do time, Claudemir de Souza, o Padre. Aleksandro, explicou-me que não estaria mais na cidade a partir de quinta-feira, mas se eu precisasse de ajuda, ele estaria disponível através do telefone. Além disso, o ex-diretor técnico disse que daria total liberdade para eu estar com as jogadoras, não interferindo em nenhum momento da pesquisa.

A distância entre o lugar onde estava hospedada e a moradia das atletas era de aproximadamente dois quilômetros. Assim que cheguei ao residencial onde as atletas moravam, fui recebida por uma delas. Esta avisou-me de que suas colegas já haviam almoçado e algumas delas estavam dormindo, recuperando-se do treino da manhã. Em rápida conversa, descobri que grande parte das jogadoras morava nesse residencial. Apenas quatro atletas, das vinte e quatro do time, moravam fora, uma ainda morava com os pais. As que moravam no residencial se dividiam em três apartamentos, cada qual com três quartos onde dormiam duas jogadoras por quarto. A atleta me contou ainda que quem prepara o almoço e o jantar delas é uma cozinheira contratada pelo time, a *Tia*, como descobri mais tarde ser carinhosamente apelidada. As refeições são servidas na *casa do meio*, como é chamado o apartamento localizado no bloco central do residencial. Entretanto, nem sempre almoçam juntas. Algumas até realizam as refeições na sala e conversam com as colegas, mas o comum é que sirvam seus pratos e saiam para comer em seus apartamentos ou quartos.

Figura 2 - Sala da *casa do meio*, onde são servidas as refeições.



Foto: Mariane da Silva Pisani

Assim, pude notar que as áreas de uso comum são pouco ocupadas ou personalizadas. Nos três apartamentos, as salas possuem o mesmo estilo: conjunto de sofá, uma mesa - com poucas ou nenhuma cadeira – e, em algum canto da sala, um aparelho de televisão. Os banheiros também são simples e não encontramos produtos de higiene ou perfumaria dentro deles. Contudo, os quartos são personalizados de acordo com o gosto pessoal de cada atleta. Se em um quarto pudemos ver cortinas, cobertores, travesseiros e uma parede na cor rosa, em outro encontramos uma TV de LCD 32’, um vídeogame de última geração, um Ipod sobre a cama, tênis de marca espalhados pelo chão e uma cômoda repleta de perfumes importados trazidos do Paraguai. Mais do que apenas marcar um gosto diferenciado na decoração, essas diferenças chamaram a atenção, pois pareciam demonstrar a existência de distinções salariais entre as jogadoras, conforme veremos adiante.

Fiquei sabendo ainda que as jogadoras treinavam duas vezes por dia: pela manhã, geralmente, fazem academia e, à tarde, realizam treino em campo. Na parte da manhã, treinam das 9h às 10h15, então voltam para casa, almoçam e dormem para voltarem ao treino, à tarde, entre 15h e 17h15<sup>10</sup>. As jogadoras não treinam em feriados nacionais, sábados à tarde e domingos o dia inteiro. Um ônibus as apanha na frente do residencial e deixa aquelas que estão lesionadas na fisioterapia. Naquele dia, acompanhei o treino da tarde.

Às 14h40, as atletas começaram a sair de seus quartos, todas trajavam shorts, chinelos de dedo e camisa. Na frente do residencial, o ônibus já as aguardava para levá-las ao treino. Durante o trajeto, algumas jogadoras dividiram comigo uma informação importante, entretanto não poderia revelá-la aqui, por estar rompendo o segredo que me foi pedido. Contudo, adianto que encarei o “segredo compartilhado” como uma indicação de que tinha a confiança delas.

De volta ao trajeto para o campo de treinamento, descobri que ele está localizado dentro da Usina Binacional de Itaipu. Ainda no ônibus fui me apresentando às jogadoras. O Foz Futebol Feminino é um time composto por jovens mulheres, cuja idade média, em outubro de 2011, era de 21 anos. As atletas do elenco possuíam idades que variavam entre 16 e 33 anos. Pude conversar, brevemente, com algumas e ouvi delas que a realidade que eu encontraria no time do Foz não é a mesma de alguns outros times de futebol de mulheres no Brasil. Para

---

<sup>10</sup> Nos clubes de futebol praticado por homens no Brasil o treino também ocorre em dois turnos. Já na Europa é comum que os treinos sejam de apenas um turno, geralmente pela manhã.

elas, o Foz possuía uma infraestrutura muito boa e todas as meninas recebiam salário. À entrada na Usina Binacional de Itaipu, é importante ressaltar, existe um controle realizado através de crachás magnéticos e determina quem está autorizado a circular em suas dependências. Consegui entrar, pois estava acompanhada das jogadoras e fazíamos todos os trajetos dentro do ônibus do Foz, mas creio que passei despercebida pelos funcionários da Usina de Itaipu.

Quando chegamos ao campo de treinamento, fui convidada a entrar no vestiário e acompanhar as jogadoras se trocando para começar os treinos. Sempre conversando, rindo e ouvindo música, as atletas colocaram seus uniformes - colocados previamente dentro do vestiário pelo roupeiro do time, Chapal - calçaram seus meiões, suas chuteiras e saíram para o campo. Lá, Aleksandro me apresentou para todas as jogadoras. Rapidamente expliquei a razão de estar ali e minha intenção de estudar os processos migratórios de jogadoras de futebol. Fui interrogada por uma atleta, que mais tarde descobri chamar-se Marina, sobre o motivo de escolher o futebol de campo em vez do futebol de salão. Respondi dizendo que o futebol de campo é pouco estudado e visível. Ela assentiu concordando. Retirei-me do campo e sentei no banco de reservas para assistir ao treino. Enquanto as jogadoras faziam aquecimento em duplas, uma jogadora lesionada sentou-se ao meu lado e começou a conversar comigo. Perguntou-me se eu estudava Educação Física, respondi que era estudante de Antropologia. Conversamos até o final do treino, nesse meio tempo algumas jogadoras vinham e se apresentavam a mim, mostrando-se disponíveis a ajudar na pesquisa no que fosse preciso. Marina, a atleta que me questionou na frente do grupo assim que fui apresentada, foi a primeira a se colocar à disposição para uma entrevista.

Ao final do treino, elas voltaram ao vestiários, e eu as acompanhei, sempre, aonde quer que fossem. Trocaram-se e encaminharam-se ao ônibus que as esperava para levá-las para casa. Dentro do ônibus, a jogadora que passou o treino ao meu lado, conversando comigo, chamou duas colegas que também se dispuseram a conceder entrevistas. No final daquele primeiro dia em campo, já possuía duas entrevistas – uma com Paula e outra com Thaisa, de 1 hora e meia cada - observações do dia a dia das atletas, e, o mais importante, contava com sua cumplicidade para guardar um segredo. Tinha sido aceita pelo grupo, o que é sempre um momento importante para uma antropóloga

Durante a semana em que permaneci em Foz do Iguaçu, acompanhando o dia a dia das atletas, observei diversos treinos,

momentos de lazer, um amistoso, além de outras situações em que minha presença foi aceita. Sempre fui incluída e convidada pelas jogadoras a participar de tudo o que dizia respeito aos seus cotidianos. O mesmo se repetiu em junho de 2012, quando retornei a Foz do Iguaçu para realizar a segunda parte do trabalho de campo. Neste segundo momento, permaneci junto à elas durante aproximadamente vinte dias.

Logo que cheguei, fui recebida com entusiasmo. Algumas jogadoras do ano anterior haviam saído do time e outras entraram em seus lugares, mas o elenco que conhecera em outubro de 2011, permanecia quase que em sua totalidade. A segunda estada em campo foi marcada por algumas inseguranças e instabilidade profissional para as jogadoras do Foz Cataratas Futebol Clube, uma vez que os salários estavam atrasados havia dois meses. Além disso, poucos dias depois de minha chegada à cidade, Alekssandro desligou-se do time que ficou sob a administração de Gezi Damasceno<sup>11</sup>. A discussão e análise desses momentos recebem um capítulo nesta dissertação.

A percepção de que eu era uma pessoa disposta a estudar o futebol de mulheres e que a pesquisa desenvolvida poderia ajudar, de alguma forma, a modalidade a crescer, se desenvolver e ganhar visibilidade, não era apenas do ex-dirigente técnico. Na segunda ida a campo, fui convidada inúmeras vezes a emitir opinião pessoal sobre a forma de tomar determinados posicionamentos políticos dentro da modalidade. Uma atleta pediu-me para escrever uma carta, com algumas idéias suas sobre como o futebol de mulheres poderia tornar-se um ícone no Brasil, e enviá-la à atual Presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Mesmo depois de retornar a Florianópolis, fui procurada por uma das atletas do Foz que, através do *Facebook*, enviou-me um vídeo em inglês e com ele, o pedido de tradução e divulgação. No vídeo, uma ex-jogadora do Santos Futebol Clube – que não era brasileira - relatava os problemas enfrentados dentro do esporte no Brasil. A atleta do Foz via nele uma forma de mostrar ao público as dificuldades a que precisam se submeter para seguir carreira de jogadora<sup>12</sup>.

### **3- Discussões do trabalho de campo**

A Antropologia é marcada pelas constantes tensões existentes entre o arcabouço metodológico e o teórico que a orienta. Lembra-nos Roberto Cardoso de Oliveira que ao contrário das Ciências Naturais e

---

<sup>11</sup> Ver em Anexos. Anexo 2.

<sup>12</sup> Caitlin Davis Fisher: The body image of female athletes - [http://www.youtube.com/watch?v=zj-oJqQYQXM&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=zj-oJqQYQXM&feature=player_embedded)

Exatas, a Antropologia nem sempre supera – substituindo em uma escala “evolutiva do conhecimento” - os paradigmas ou postulados científicos da disciplina. Ao contrário, “na antropologia social os vemos em plena simultaneidade, sem que o novo paradigma elimine o anterior pela via das “revoluções científicas” de que nos fala Khun, mas aceite a convivência, muitas vezes num mesmo país, outras vezes numa mesma instituição” (1988, p. 15).

Nesse processo de transformações e deslocamentos, a disciplina se recria teoricamente e repensa as formas do fazer metodológico. Creio que a grande “revolução científica” da Antropologia é o exercício constante de ter a consciência de que a realidade descrita em nossos trabalhos não se trata da realidade fixada e imutável, uma vez que ela é elaborada e construída a partir da visão de etnógrafo, que a textualiza num contexto específico, de acordo com sua subjetividade.

Após evidenciarmos neste capítulo algumas das condições e das negociações políticas vivenciadas para realização da pesquisa e entrada em campo, é de extrema importância que se faça um exercício autocrítico sobre a produção antropológica que este trabalho se propõe, mostrando o seu alcance e as suas limitações. Para este exercício autorreflexivo, quatro pontos propulsionam a discussão sobre esta dissertação, os quais alimentam os debates metodológicos e epistemológicos da disciplina: a dicotomia “nós/outros”; a construção da autoridade etnográfica/produção textual; a discussão sobre os usos do ciberespaço como ferramenta de pesquisa antropológica; os usos das imagens nos trabalhos antropológicos.

### **3.1 - Dicotomia nós/outros**

No início da prática antropológica, numerosos estudos expunham quase que de maneira exótica o *outro*. Inúmeras expedições percorreram terras distantes dos grandes centros europeus em busca de objetos como máscaras, vasos, colares e cerâmicas, a fim de mostrá-los em museus e marcar assim, uma pretensa superioridade do *nós* – geralmente ocidental - diante de objetos tão incomuns e exóticos. Uma das mais famosas expedições, a Expedição Dacar-Djiboti, percorreu solo africano no início da década de 1930. O antropólogo Michel Leiris descreveu em seu diário de campo – posteriormente transformado no livro *A África Fantasma* – paisagens, cotidiano, festas, sacrifícios e rituais dos povos que conheceu ao longo da expedição. Assim como ele, outros antropólogos registraram em seus diários de campo a estranheza e a comichade que o *outro* causava, como é o caso de Malinowski em seus diários.

“Ao despertar, mal terminei de me arrumar, chegam ao acampamento duas mulheres velhas com pompons na cabeça, como palhaços, usando colares de sementes (o de uma delas, entremeado com cabeças de fósforos) e belas tanguinhas por cima dos *bila*. Cantam e dançam de um jeito ao mesmo tempo encantador e burlesco (...)” (LEIRIS, 2007, p. 139).

Durante muito tempo, a demarcação dicotômica entre o *nós* e os *outros* foi valorizada e compreendida como um dos objetivos principais dos trabalhos antropológicos. Atualmente, algumas discussões na área buscam repensar e até desconstruir essa visão, entretanto, devemos ter em mente que não se trata de negar a dicotomia, mas de mudar o enfoque dado, atentando para as diferenças internas ao *nós* e aos *outros*, bem como para o caráter relacional delas.

Bruno Latour nos fala que as dicotomias, por excelência, traços da modernidade, não poderiam existir – e sem elas a modernidade também não existiria – uma vez que implicam a ideia de polos, neste caso *nós* e *outros*, puros e intactos. Entretanto, Latour nos mostra como essa visão dicotômica ainda permeia discursos e trabalhos científicos quando cremos existir um *nós* (ocidental) que domina a natureza e, por consequência, a ciência, e um *outro* (culturas não ocidentais), que sempre será objeto de investigação e estranhamento (LATOURE, 2008).

Afinal, precisamos do *outro* para nos constituirmos enquanto disciplina, bem como para pensarmos sobre o *nós*. Lembra-nos Gilberto Velho que o processo de familiarizar o exótico e o de exotizar o familiar “torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (1978).

O *outro*, para quem olhamos, também nos olha de volta, e aceitando essa premissa fica mais simples problematizar alguns pontos da nossa inserção em campo. Acredito que fui percebida, inúmeras vezes pelas jogadoras, como pesquisadora do “futebol feminino”, ou seja, como alguém que poderia levar para “fora” do meio futebolístico - com algum tipo de autoridade sobre o assunto - as dificuldades, os sonhos e os anseios da mulher que joga futebol no Brasil atualmente. Caracterizando-se, assim um jogo político de interesses, de ambos os lados. Eu poderia realizar a pesquisa, contanto que retornasse

posteriormente com o trabalho, dando assim mais visibilidade para o futebol de mulheres, em especial para aquele time.

É inegável que essa visão do grupo sobre mim me tornou familiar, me impregnou de um papel social que permitiu um transitar confortável dentro daquele sistema simbólico. A princípio, minha presença foi rapidamente aceita pelos técnicos e auxiliares, pois eu poderia levantar inúmeras informações sobre o Foz Futebol Feminino que ajudariam a fornecer indicadores para que o time melhorasse seu desempenho em competições. Ao ser aceita pelas jogadoras, acredito fui percebida como alguém que detinha algum “poder”, ou influência, e que seria uma emissária junto aos órgãos competentes, e que regulam a modalidade no Brasil, das reclamações, dos desejos e das ideias dessas mulheres para melhorar as condições em que se encontram atualmente dentro do esporte. O pedido de uma atleta – que não quis ser identificada - para que eu enviasse para a Presidente da República as suas ideias sobre como o futebol de mulheres poderia vir a ser uma modalidade tão importante e prestigiada quanto o futebol de homens<sup>13</sup> e a solicitação para que traduzisse e divulgasse o vídeo da ex-jogadora do Santos Futebol Clube, são exemplos emblemáticos desse estado em que se configurou o meu estar no grupo.

No mais – acredito que por estar na mesma faixa etária de grande parte das atletas - fui convidada e participei inúmeras vezes de momentos descontraídos do dia a dia. Durante minha estada em campo, fui com elas ao cinema, ao shopping passear, joguei sinuca, estive em um aniversário surpresa (estando, inclusive, encarregada de vigiar a chegada da aniversariante), joguei baralho (apostando moedinhas de 10 centavos de real a cada rodada e perdendo todas as vezes), ouvi música, fui ao supermercado fazer compras, fui ao Paraguai e ainda joguei intermináveis partidas de Banco Imobiliário. Por fim, descobri que dividia com elas um símbolo comum, importante para elas, enquanto representantes da modalidade, e importante para mim, enquanto apaixonada por futebol: torcíamos, quase todas, para o Sport Club Corinthians Paulista. Foram vários os momentos em que acompanhamos juntas – torcendo, vibrando e nos emocionando - os jogos do nosso time no campeonato *Taça Libertadores da América de 2012*, que acontecia no momento em que estava em Foz do Iguaçu, e da qual o Corinthians foi campeão pela primeira vez em 101 anos de existência. Elas acompanhavam apaixonadamente o time que se consagraria campeão, e conheciam a história do time paulista como ninguém. Contudo, duvido

---

<sup>13</sup> Ver em Anexos. Anexo 3.

que o inverso fosse verdadeiro, ou seja, que os jogadores do Corinthians soubessem da existência do Foz Futebol Feminino, campeão brasileiro.

Figura 3 - Bandeira com o brasão do Sport Club Corinthians Paulista exposta na sala de um dos três apartamentos e que nos acompanhava.



Foto: Mariane da Silva Pisani

### **3.2 - Autoridade etnográfica/Produção textual**

É a partir da tradução que fazemos dos *outros* e de suas diferenças que elaboramos nossos textos. Entretanto, esses textos possuem limitações que precisam ser evidenciadas e problematizadas, conforme no lembra Clifford Geertz:

a distância entre interagir com outros onde eles estão e representá-los onde não estão, sempre imensa, mas não muito notada, de repente tornou-se extremamente visível. O que antes parecia apenas tecnicamente difícil – introduzir a vida “deles” em “nossos” livros – tornou-se delicado, em termos

morais, políticos e até epistemológicos. (2008, p. 171)

Uma das limitações deste trabalho encontra-se na medida em que a descrição dos processos migratórios, bem como das especificidades dos sistemas futebolístico das mulheres, está inserido dentro de um recorte geográfico – time da cidade de Foz do Iguaçu – e temporal – período que compreende outubro de 2011 até julho de 2012. Outra limitação encontra-se no fato de que nem todas as atletas do time quiseram falar, ou falaram, mas não autorizaram o uso de seus nomes, o que torna o objeto de estudo um pouco mais restrito e um pouco mais pessoal de cada mulher. As migrações aparecem em contextos bem específicos das trajetórias de vida de cada uma. É preciso lembrar ainda que o tempo de convivência diária com essas atletas foi um pouco mais de um mês, o que torna as observações um pouco mais limitadas. Ressalto também que não dormi, em nenhuma noite no residencial com as jogadoras, ou seja, não passei um dia inteiro com elas. Assim tudo o que conversavam ao fim dos dias da pesquisa permanece desconhecido.

Acredito que há um ponto principal e importante para compreender e problematizar esta produção textual, que, como nos diz Geertz, é por vezes delicada em termos morais, políticos e até epistemológico. Este momento, que considero fundamental, é a minha chegada em campo em junho de 2012. Uma vez em Foz do Iguaçu, presenciei a instabilidade que assolava as mulheres daquele time. Esta instabilidade, por sua vez, gerava reclamações e indignação por parte das atletas. O atraso de salário e o descaso que vivenciavam à época promoviam debates diários entre elas, ora em tom de revolta – com posições e até falas exaltadas - ora em tom de resignação e tristeza, o que fatalmente marca o texto que se produz nessa situação. A limitação aqui, se encontra no que lembra Stratern: “o esforço para criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo (o texto escrito) que estabeleça suas próprias condições de inteligibilidade [faz da] criatividade da linguagem escrita tanto recurso como limitação” (2006, p. 47, grifo nosso). É um recurso no momento em que mostra diferentes formas dos *outros* de experienciar o mundo e uma limitação, pois é fruto da parcialidade de nossa interpretação cultural (ROSALDO, 2000). Ou seja, os momentos vividos naquele time foram repletos de informações e fatos, mas a parcialidade interpretativa desta antropóloga, que procurou reconstruir aqueles acontecimentos, é apenas uma interpretação dentre muitas outras possíveis.

### 3.3 – O ciberespaço como ferramenta de pesquisa

Da primeira inserção em campo, em outubro de 2011, ao final da segunda, em junho de 2012, mantive, através da internet, contatos diários com as atletas do Foz Futebol Feminino. Poucos e-mails foram trocados, a maior parte das interações deu-se através do *Facebook*, rede social instalada no ciberespaço e amplamente utilizada pelas jogadoras de futebol. O *Facebook* permite que se compartilhe com os amigos fotos e informações através de *post* ou postagens, como são chamadas as manifestações pessoais no ciberespaço. As postagens que descrevem e versam sobre assuntos pessoais ou outros, a escolha de cada indivíduo. Por sua vez, os amigos que têm acesso a essas postagens podem comentá-las publicamente ou apenas demonstrar apreciação/aprovação através do dispositivo “curtir” – Like. As jogadoras postam com frequência no *Facebook* frases de incentivo quando há uma partida a ser disputada, fotografias e relatos do seu cotidiano, trechos bíblicos e imagens jocosas que fazem referências às colegas do time. Nessa rede social existe ainda espaço reservado para *chat*, no qual as pessoas podem conversar privadamente em troca instantânea de mensagens.

Quase todas as atletas do Foz Futebol Feminino estão inscritas no *Facebook*, e eu, que também estou, as adicionei e fui adicionada por elas nesta rede virtual de amigos. Durante o período em que não estive em campo, na cidade de Foz do Iguaçu, estava em campo no ciberespaço, acompanhando as postagens das atletas, e elas, por sua vez, também acompanhavam as minhas – o outro para quem olhamos, também nos olha de volta. Floriani fala que “desafiar-se a pensar o *ciberespaço* é, portanto, estar atento à heterogeneidade desse *locus*, aceitar a prerrogativa de variabilidade das interações é abrir-se a um campo de estudos intensamente dinâmico e que exige repensar a própria prática de pesquisa constantemente” (FLORIANI, 2010).

A dinamicidade virtual do *Facebook* e a variabilidade das interações ocorridas nele não nos permitem, porque nos limitam, reconstruir todos os fatos e informações que ali circulam – o mesmo acontece em campo “não-virtual”, como já vimos anteriormente. Essa ferramenta, contudo, nos dá a possibilidade de olhar o *outro* em uma das múltiplas faces que ele apresenta. Repensar a prática de pesquisa antropológica a partir dos usos feitos do ciberespaço é desafiar-se e estar aberto às novas formas de interação social que o mundo contemporâneo apresenta.

### 3.4 – Usos da imagem no saber antropológico

Fernando Tacca nos lembra que as sociedades possuem inúmeras formas de comunicação - e de se fazer entender -, em virtude disso pode a Antropologia Visual ser considerada recurso válido na construção do conhecimento sobre o outro (2002). Essa visão é corroborada por Etienne Samain que nos fala a respeito do uso da fotografia no trabalho etnográfico. Segundo Etienne, o uso de imagens ultrapassa a simples ilustração, o verbal e o pictórico são complementares e necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada. O texto não basta por si só e a fotografia, também não (1995). A imagem torna-se, então, lugar efetivo da significação e da sintetização simbólica sobre os outros. Não basta mais escrever e discursar em torno dos homens e mulheres de outras sociedades ou diferentes segmentos sociais, faz-se necessário mostrar, expor e tornar visível as diferenças.

Neste sentido, os usos imagéticos neste trabalho apontam para o que indica Rial: é preciso que se faça a integração entre o texto e as imagens produzidas em campo. A autora nos fala que “toda imagem é polissêmica, tendo subjacentes a seus significantes uma cadeia de significados, cabendo a quem a lê a escolha entre um ou outro” (1995, p. 120), ou seja, a objetividade do trabalho antropológico não estaria mais ameaçada pelo “visor” da câmara do que pelo “caderno de campo” (SAMAIN, 1995), o enquadramento feito na foto é também uma entre muitas possibilidades de leitura da cena. Abordando as imagens no cenário cotidiano e contemporâneo, Rial nos diz que:

“os mesmos avanços tecnológicos, que propiciam a uma imagem ir ao ar em todos os jornais televisivos do mundo, acabam por permitir que cada um de nós se torne um cineasta em potencial. Se esse acesso ainda não é completamente democrático – afinal, uma câmara custa cerca de mil dólares – ao menos garante uma produção de imagens e uma divulgação nunca antes vista.” (RIAL, 1995, p. 123)

Podemos afirmar então que os usos da imagem têm se tornado amplamente difundidos em nossa sociedade – a alta velocidade e a quantidade de informações que recebemos por segundo superam quaisquer outras épocas. Então, como podemos pensar a antropologia nesse cenário? E Rial novamente nos dá a resposta, pois se a antropologia resulta de um encontro – pesquisador e “pesquisados” - cria-se a



Além disso, segundo o *site* oficial de turismo da cidade<sup>15</sup>, Foz do Iguaçu possui traços multiculturais em virtude também das diferentes culturas dos visitantes que compartilham espaços da cidade a cada semana. Um levantamento de visitantes, coletado entre os dias 24 a 30 de novembro de 2009, no Parque Nacional do Iguaçu, mostrou que o mesmo foi visitado por aproximadamente 58% de brasileiros e 42% de estrangeiros. Entre esses estrangeiros haviam pessoas da Holanda, França, Federação Russa, Eslovênia, Israel, Japão e outros países. No mais, a Secretaria Municipal de Turismo da cidade de Foz do Iguaçu tem a estimativa de que 1.5 milhão de turistas passam pela cidade anualmente (FOZ DO IGUAÇU, 2012).

Inicialmente ocupada por índios kaingang e guaranis, Foz do Iguaçu recebeu em 15 de julho de 1888 a primeira comissão composta por missionários e desbravadores dispostos a povoar e ocupar a área. O antropólogo Silvio Coelho dos Santos nos ajuda a problematizar e repensar essa ocupação da região sul do Brasil.

Em Santa Catarina, a colonização começou em 1829, em São Pedro de Alcântara, próximo a Florianópolis. No Paraná, imigrantes começaram a ser localizados no rio Negro, a partir de 1829. Os governos provinciais e monárquico estavam interessados na ocupação das terras localizadas entre o litoral e o planalto. Os vales litorâneos, cobertos com exuberantes florestas, e as encostas do planalto até então não haviam sido explorados. Toda essa área era considerada como desabitada, embora há muito se soubesse da presença ali de indígenas. A idéia de um “vazio demográfico” prevaleceu nas decisões oficiais. (COELHO DOS SANTOS, 1997, p. 19)

Segundo o autor, ocupação branca realizada por missionários, desbravadores e imigrantes não foi pacífica sob nenhum aspecto. Na proporção em que as colônias aumentavam e avançavam para o interior dos estados de Santa Catarina e do Paraná a reação indígena era notada. Começa uma disputa territorial violenta e desigual entre indígenas e colonizadores.

---

<sup>15</sup> <http://www.pmfi.pr.gov.br/turismo>

As expedições de vingança ao interior do sertão, para revidar ataques cometidos pelos indígenas, eram conhecidas no Brasil desde os tempos coloniais. As colônias e o governo provincial logo começaram a organizar e remunerar grupos armados que adentravam na floresta com o intuito de dizimar os índios em seus acampamentos. A justificativa oficial era afugentar os indígenas “para longe dos lugares habitados”. As palavras “bugreiro”, “caçadores de índios”, “tropas” e “montarias” logo começam a aparecer nos documentos oficiais e no noticiário dos jornais. (COELHO DOS SANTOS, 1997, p. 26)

Em 23 de novembro de 1889, às margens do rio Paraná, foi erguida, sob o comando do 2º tenente José Joaquim Firmino, uma colônia militar que visava

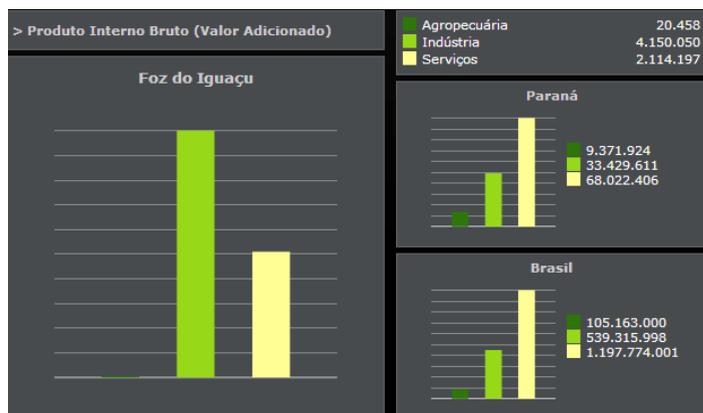
“coibir abusos no território descoberto” e avisar que “daquela data por diante não seria mais permitido explorações nas matas brasileiras sem prévia autorização do Governo.” Quanto aos abusos (...) se referia aos estrangeiros, principalmente argentinos e paraguaios, que, durante anos, devastaram o Oeste do Paraná com a extração de erva-mate e de madeira. Portanto, a “descoberta” da foz do rio Iguazu foi uma iniciativa de salvaguardar a região geograficamente estratégica da tríplice fronteira e tomar a posse efetiva de um território que pertencia legalmente ao Brasil. (SBARDELOTTO, 2010, p. 295)

Antes mesmo que o ano de 1889 acabasse, a região já era habitada por 188 paraguaios, 93 brasileiros, 33 argentinos, 5 franceses, 2 uruguaios, 2 espanhóis e 1 inglês, perfazendo um total de 324 pessoas não índias. A ocupação e colonização da região foram lentas. O oeste do estado do Paraná recebeu um fluxo de imigrantes vindos da Europa em meados do século XIX, a maioria italianos e alemães. Estes trabalhavam na extração da madeira e no cultivo da erva-mate. No ano de 1905, chegou à região a linha telegráfica; em 1912, emancipou-se da colônia militar e passou a ser administrada pelo governo de Guarapuava, cidade do oeste do estado do Paraná. Em 1914, Iguazu desmembrou-se daquele município recebendo o nome de “Vila Iguassu”. Em 1917,

modificou seu nome para Foz do Iguazu (FOZ DO IGUAÇU - IBGE, 2011). Vale lembrar que Iguazu é topônimo indígena, no qual *ig* significa “água” e *açu* significa “grande”, uma clara menção às cataratas e ao grande fluxo de água existente na região.

Até meados da década de 1960, Foz do Iguazu era uma cidade com baixo índice populacional e sua economia tinha base na agricultura e nos pequenos comércios locais. Porém, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu em meados da década 1970 (1975-1982), a região sofreu fortes impactos sociais, políticos e culturais, o que ocasionou aumento considerável do contingente populacional da cidade. “Em 1960, o município contava com 28.080 habitantes, em 1970, com 33.970 e passou a ter, em 1980, 136.320 habitantes, registrando um crescimento de 385%” (MANTOVI, 2006). Atualmente, a cidade tem sua economia baseada predominantemente nos Serviços (hotelaria, turismo, restaurantes) e Indústria (hidrelétrica), pouco, ou quase nada provém do setor da Agricultura (FOZ DO IGUAÇU - IBGE, 2011).

Figura 5 - Produto Interno Bruto de Foz do Iguazu (fonte: FOZ DO IGUAÇU - IBGE, 2011)



Podemos perceber então que a maior parte da economia da cidade provém da Indústria, aqui entendida pela Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu. Esta tem uma política de investimento e patrocínio aos desportos brasileiros. Segundo o superintendente de Comunicação Social da Itaipu Binacional, Gilmar Piolla, a empresa acredita que o esporte contribui para a sociedade e afirma que patrocina “todos que

ajudem a gente a fomentar uma imagem positiva da nossa cidade".<sup>16</sup>(Jornal Itaipu Eletrônico – acesso em setembro de 2012).

“É nas regiões fronteiriças que as coisas acontecem (...), é onde uma coisa gradualmente se transforma em outra” (HANNERZ,1997, p.8). Segundo o autor, uma fronteira em expansão é uma região de oportunidades, onde os moradores podem se unir e reinventar tradições; ao mesmo tempo em que representam espaços limites e de tensão, as fronteiras remontam a ambientes de progresso, de oportunidades e de novas configurações sociais e políticas (HANNERZ, 1997).

Consequimos, então destacar alguns aspectos pelos quais, e através deles, a cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu desempenhou, e ainda desempenha, papel importante enquanto região de oportunidades, enquanto cidade onde novas configurações políticas, sociais e culturais se afirmam. Muito pelo fato do aspecto geográfico da região, Foz do Iguaçu está localizada na fronteira que separa Brasil, Paraguai e Argentina, por isso a cidade liga comercial, política e culturalmente os países que a circundam. Recentemente, foi construída ali a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a UNILA, que recebe e busca integrar jovens estudantes de toda esta região da América Latina. É também a própria configuração geográfica que vai nos levar a destacar outro aspecto importante para que Foz do Iguaçu seja reconhecida como uma região de oportunidades: a cidade atraiu grande número de imigrantes que escolheu fixar residência no município, sobretudo nas décadas de 1970-80, em virtude da construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu. As alterações geográficas demandadas por tão grande empreendimento humano, aliadas às belezas preservadas e mantidas inalteradas, fizeram com que um terceiro aspecto surgisse: Foz do Iguaçu atrai a curiosidade de milhares de turistas do mundo inteiro. Os turistas que visitam Foz do Iguaçu vêm de todos os lugares do planeta e trazem necessidades de toda ordem, o que faz com que se viva, no dia a dia da cidade, uma intensa troca cultural.

#### **4.2 – A fronteira**

Pela importância da fronteira na construção do contexto físico, cultural e político desta pesquisa, vamos nos deter nesta categoria. Carmen Rial nos diz que fronteiras físicas servem para separar e para impedir que se entre ou que se saia de um local. Estas fronteiras podem aparecer sob forma de muros, muralhas, rios, montanhas ou outros acidentes geográficos (RIAL, 2009). “Fronteiras são espaços especiais:

---

<sup>16</sup> Ver Anexos. Anexo 4.

liminares, híbridos, escorregadios, perigosos, controlados, reprimidos e potencialmente sangrentos” (RIAL, 2009, p.2). As fronteiras existem, portanto, para demarcar os lugares que são seguros dos não-seguros, diferenciar o *nós* dos *outros*. Ainda segundo a autora, fronteiras criam espaços intermediários ou transnacionais, como é o espaço criado pelas fronteiras existentes em Foz do Iguaçu.

A transnacionalidade é amplamente discutida nas obras de Marshal Sahlins. Para o autor, as “comunidades multilocais são capazes de transcender a territorialidade, muitas vezes ultrapassando fronteiras nacionais” (1997, p. 116), ou seja, grupos de pessoas conseguem transpor seus costumes, hábitos, símbolos e significados, para além do lugar onde moram, para além de fronteiras físicas e culturais às quais estão familiarizados. É frequente, portanto, que a transnacionalidade esteja intimamente relacionada a processos migratórios, uma vez que estes levam pessoas a se fixarem por um determinado período de tempo em lugares longínquos de onde nasceram e foram criadas. A terra natal permanece como fonte de valores e identidades herdadas, e vai além, pois ela também “transcende outras fronteiras culturais, conformando as ações e atitudes da parcela de seu povo que vive em contextos urbanos e/ou estrangeiros” (SAHLINS, 1997).

Vivendo durante um mês na cidade, pude observar que a transnacionalidade no contexto de Foz do Iguaçu vai além dos processos migratórios. A existência desta transnacionalidade fica evidente em uma simples caminhada pelas ruas da cidade. As pessoas comunicam-se em português, espanhol e árabe – a cidade possui uma grande comunidade islâmica, e um dos principais atrativos turísticos de Foz do Iguaçu é a Mesquita Mulçumana Omar Ibn Al-Khatab. Vale ressaltar, também, que os restaurantes mais famosos da cidade são árabes. No lado brasileiro da fronteira, há um forte trânsito de carros, táxis, ônibus e caminhões com placas do Paraguai e da Argentina, assim como do lado estrangeiro podemos evidenciar a presença maciça de brasileiros. Alguns dos trabalhadores dos ônibus do município de Foz do Iguaçu não são brasileiros. Encontrei cobradores, cobradoras e motoristas de nacionalidade paraguaia. Há brasileiros/as que se casaram com paraguaios/as, ou com argentinos/as, e que vivem junto de seus cônjuges na terra natal destes, no entanto, trabalham e visitam seus familiares diariamente do lado brasileiro. Grande parte dos comerciantes da Ciudad del Leste, no Paraguai, (paraguaios, chineses, árabes) – com quem pude conversar - moram com suas famílias no Brasil. Um outro fato digno de nota é que todas as padarias e supermercados aonde fui, do lado brasileiro da fronteira, vendem as *chipas*, um salgado feito à base de

polvilho e queijo tipicamente paraguaio. Dessa forma, pudemos perceber que as fronteiras não são impeditivas do livre trânsito de brasileiros/as, paraguaios/as e argentinos/as nos três países que circundam a cidade de Foz do Iguaçu, e mais, a transnacionalidade existente na cidade permite que esta vivencie diariamente uma mistura de línguas, cores, costumes, comidas, símbolos, crenças e afetos. A fronteira, nos casos descritos até aqui, não se caracteriza como um lugar *potencialmente sangrento* ou *perigoso*, como nos diz Rial, mas um lugar de trocas intensas, que, antes de separar ou impedir, aproxima *nós* dos *outros*, caracterizando-se assim como um local *híbrido* cuja identidade se dá pelas significações e lembranças partilhadas.

As relações de sociabilidade nas *sociedades complexas* (VELHO, 1999) dão-se e constroem-se dentro das cidades, e vão para além das suas delimitações espaciais e arquitetônicas. Arantes nos diz que “a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios sociais” (2000, p. 106). Os habitantes de Foz do Iguaçu, ao se deslocarem pela cidade, apropriando-se, utilizando-se do espaço público e ressignificando-o, elaboram novas fronteiras simbólicas que geralmente vão, como já dito anteriormente, além das fronteiras arquitetônicas e espaciais. Diz-nos Arantes que através deste processo, ruas, praças, monumentos se transformam em “suportes físicos de significações e lembranças partilhadas” (2000).

Para fechar esta discussão, descrevo aqui duas vivências em campo a respeito das fronteiras existentes em Foz do Iguaçu. Ao atravessar sozinha, pela primeira vez, a fronteira Brasil-Argentina, percebi um forte *controle* na aduana. Pediram-me os documentos de identidade e os retiveram durante longos minutos para conferir, junto à Polícia Federal do Brasil, se havia algum tipo de irregularidade. Fica evidente o potencial perigo e controle das fronteiras. As jogadoras de futebol, com quem convivi em Foz do Iguaçu, mais tarde me contaram que, muitas vezes, atravessam essa fronteira buscando, no lado argentino, lugares de diversão - como boates ou casas de show - e essa travessia é realizada apenas de carro. Segundo relatos das mesmas, às vezes, são vistas com alguma desconfiança ao cruzarem a aduana argentina, por serem mulheres jovens, solteiras e brasileiras. Infelizmente, não tive a oportunidade de cruzar essa fronteira na companhia das atletas.

Entretanto, pude cruzar com algumas delas a fronteira Brasil-Paraguai. Estávamos em um grupo de seis pessoas – cinco atletas e eu –

e buscávamos por alguns itens que julgávamos serem mais baratos no Paraguai: celular, caixas de som, cabo de dados para o Ipod, roupas de marca, cartões de memória para máquina digital. Éramos guiadas por uma jogadora que “conhecia o Paraguai como a palma da sua mão”, o que para mim foi fato surpreendente, pois a mesma era do Rio de Janeiro e estava em Foz do Iguaçu para jogar há apenas dois anos. Em nenhum momento, na travessia entre os países, nos foi pedido algum documento de identificação, e, diferente da fronteira Brasil-Argentina, pudemos caminhar tranquilamente pela Ponte da Amizade em direção à Ciudad del Leste. Assim como nós, inúmeros outros brasileiros atravessavam a fronteira: a pé, de bicicleta, carro, ônibus ou motocicleta. Vale ressaltar que os controles das fronteiras, ora mais restritos ora menos, variam de acordo com uma série de fatores que vão desde as diferenças entre as moedas nacionais até as relações diplomáticas constantemente negociadas entre os países.

Chegando ao lado paraguaio notei, por parte dos ambulantes de rua, uma “comoção” ao presenciar um grupo de mulheres jovens caminhando sozinhas pelas ruas. Alguns assobiavam para nos chamar a atenção e outros, mais ousados, chamavam em uma língua com sotaque espanhol “ei, brasileiras, venham aqui...”. Seguíamos a jogadora que “conhecia o Paraguai”, e esta levou cada uma de nós às lojas onde poderíamos realizar as compras.

Entretanto, notamos que, apesar de ser início da tarde, as lojas fechavam-se rapidamente. Soubemos, pelos comerciantes que, o então presidente paraguaio, Fernando Lugo acabara de sofrer um *impeachment*, sendo substituído por seu vice Frederico Franco. A Ponte da Amizade se fecharia em instantes e quem estivesse em terras paraguaias teria de esperar até o dia seguinte para voltar ao Brasil. E, assim como um dos grandes mestres da antropologia fez em campo, eu também corri junto das minhas interlocutoras para escapar do perigo – característica das fronteiras como já vimos anteriormente - que se anunciava.

Geertz, que até então enfrentava rejeição em campo por parte de seus interlocutores balineses, correu com os mesmos para escapar de uma batida policial, mesmo não precisando conforme vemos no trecho:

“Acima de tudo, todos eles estavam muito satisfeitos e até mesmo surpresos porque nós simplesmente não ‘apresentamos nossos papéis’ (eles sabiam sobre isso também), não afirmando nossa condição de Visitantes Distintos, e preferimos

demonstrar nossa solidariedade para com os que eram agora nossos co-aldeões ” (GEERTZ, 2008, p. 187).

Eu corria com as jogadoras para alcançar a Ponte de Amizade antes que a mesma fosse fechada e ficássemos presas no Paraguai abandonadas à própria sorte. A região de compras no lado paraguaio fica inóspita depois que as lojas se fecham. E mesmo sob os alertas de “ladrão!”, que gritavam aos nos verem correndo, em nenhum momento paramos. Vale ressaltar, contudo, que as mulheres com quem eu corria eram atletas de alto rendimento e eu, uma antropóloga mal acostumada a exorbitâncias físicas. Com muito esforço acompanhei o ritmo delas, e este foi notado. As jogadoras fizeram inúmeras brincadeiras que duraram todo o percurso da corrida e depois dela, quando já alcançávamos o lado brasileiro. Quando voltamos para o residencial, ao encontrarem colegas que não estavam na situação conosco, elas contavam, rindo, sobre correria que eu, despreparada, tive de enfrentar para sair do Paraguai a tempo.

### **4.3 – As migrações**

Após breve levantamento histórico sobre Foz do Iguaçu, conseguimos evidenciar que entre as décadas de 1960 e 1980, devido à construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu (LINS RIBEIRO, 2010), a cidade recebeu um grande fluxo de pessoas. Algumas deslocaram-se até o extremo oeste do Paraná para trabalhar na construção da Usina, outras vieram atrás de novas possibilidades de vida que a cidade oferecia diante de todo investimento nos recursos hídricos da região. Nosso interesse é mostrar como o fenômeno migratório faz parte de um processo maior que envolve apropriação e ressignificação do espaço urbano, tornando essa cidade, ao longo de sua história, um espaço de oportunidades para seus novos moradores.

A partir dessas considerações, podemos indagar: por que se instalou em Foz do Iguaçu o time criado por Luciano do Valle, um paulista?

Foz do Iguaçu, ao longo de 50 anos, vivenciou um extenso crescimento populacional. Se em 1960 possuía 28.080 habitantes, em 2010 já contabilizava 256.088, o que representa um aumento de nove vezes. Segundo vários estudiosos de emigração, os deslocamentos populacionais são ocasionados por homens e mulheres que buscam na migração melhores oportunidades de trabalho e melhores condições de vida (OLIVEIRA ASSIS, 2007). Assim, grande parte dos atuais

moradores de Foz do Iguaçu chegou à cidade em um momento de crescimento e expansão, meados da década de 1970, atraídos pela necessidade de mão-de-obra na construção da Hidrelétrica.

Dentre os vários espaços existentes em Foz do Iguaçu, uma área ao norte da cidade foi preparada especialmente para “abrigar as diversas categorias de trabalhadores que se deslocaram para a região, tanto na margem brasileira como na paraguaia. No total, foram construídas cerca de nove mil moradias, das quais 4125 no lado brasileiro, divididos em três conjuntos habitacionais” (DE JESUS, 2009, p. 11). Paulo de Jesus nos diz que esses conjuntos foram chamados de Vilas e cada uma abrigava um segmento diferente de trabalhadores. Assim, “a Vila B destinava-se aos engenheiros; a Vila A, aos funcionários com cargos técnicos e administrativos; e a Vila C aos trabalhadores como serventes, carpinteiros, pedreiros, etc” (2009).

Com o final da construção da Hidrelétrica, no início da década de 1980, muitos trabalhadores permaneceram na região. Neste processo de apropriação e ressignificação do espaço urbano de Foz do Iguaçu, os imigrantes, agora moradores, transformam a cidade. Novas e melhores oportunidades de vida foram criadas e ao longo dos anos essas “Vilas Operárias” se transformaram. Atualmente, essas vilas possuem boa infraestrutura, são bairros que contam com lojas, escolas, bares, pizzarias, farmácias, bancos, postos de polícia, supermercados, etc.

A cidade de Foz do Iguaçu surge como um espaço de novas oportunidades, dentre elas a possibilidade do crescimento de um novo time dentro do cenário do futebol praticado por mulheres. A cidade possui um grande potencial financeiro decorrente dos recursos hídricos da região - turismo nas Cataratas; instalação da Hidrelétrica Binacional de Itaipu -, e vemos esse potencial sendo investido no time através dos patrocinadores.

Figura 6 - Patrocinadores ADI/Foz Futebol Feminino



Fonte: Antigo site [www.fozcataratas.com.br](http://www.fozcataratas.com.br)

Figura 7 - *Outdoor* exposto na cidade de Foz do Iguaçu. Coca-Cola, patrocinadora oficial do time das Poderosas.



Foto: Mariane da Silva Pisani

Como destacamos anteriormente na fala do superintendente de Comunicação Social da Itaipu Binacional, Gilmar Piolla, a Itaipu patrocina diversas modalidades esportivas dentro da cidade de Foz do Iguaçu, dentre elas o time de futebol de mulheres. "Nós estamos apoiando diversos projetos, e esta equipe do Foz Cataratas, nós acreditamos que poderá ser a base da futura seleção brasileira pois possui um grande potencial"<sup>17</sup> (Jornal Itaipu Eletrônico – acesso em setembro de 2012). Segundo um dos idealizadores do time, o comentarista esportivo Luciano do Valle, a escolha da cidade de Foz do Iguaçu para a instalação do time de futebol deu-se pelos seguintes motivos:

"É uma cidade que está precisando mostrar que pode formar muita gente para o esporte brasileiro. Para provar isso temos a Canoagem Slalon. Foz está formando gente e assumindo a responsabilidade que é uma filosofia do governo brasileiro" (...) Ele

---

<sup>17</sup> Ver Anexos. Anexo 4.

acredita que se cada cidade apadrinhar duas modalidades esportivas, em 2016 o Brasil terá uma grande equipe nacional olímpica<sup>18</sup> (Jornal Itaipu Eletrônico – acesso em setembro de 2012).

Outro ponto a destacar a favor da escolha da cidade sede é que Foz do Iguaçu não possui *tradição* em nenhum tipo de esporte, seja vôlei, futebol ou outro, tanto na modalidade masculina quanto na feminina. Como lembrado por Luciano do Valle, a escolha por Foz do Iguaçu, aliada ao patrocínio ostensivo de empresas locais, vem como tentativa de levar o nome da cidade como um importante representante do futebol praticado por mulheres. É a reinvenção de uma nova tradição – característica das cidades de fronteira -, conforme no propõe Hannerz (1997).

---

<sup>18</sup> Ver Anexos. Anexo 4.

## PARTE II AS PODEROSAS DO FOZ

*I first came to Brazil eight years ago to play professional football for Santos and quickly became evident that the nation of football was not the nation of woman football. We were the jerseys of the men's team from seven years prior; we walked forty five minutes to get to practice - no bus - often tired feet by the time we got there; we stayed up late at night washing our uniforms by hand in outdoor sinks; we were fed with different food than the men's team. The only thing we had in common with the men's team is our team name. My team mate shared stories with me of the struggles they faced to be accepted as a female players. And I still learn the word "preconceito" or prejudice around the woman's game.*

**Caitlin Davis Fisher**  
**(ex-jogadora do extinto Santos Futebol Clube)**

### **1 – O time das Poderosas do Foz**

Tendo atuado sob os nomes de Foz do Iguaçu Futebol Clube, Foz Cataratas Futebol Clube e atualmente jogando sob o nome ADI/Foz Futebol Feminino, o grupo de jogadoras de futebol de campo ganhou títulos importantes desde a sua criação em 2010 e vem despontando, nesses últimos dois anos, como um dos melhores times do “futebol feminino” no Brasil.

Segundo relatos em campo, o time – criado por uma iniciativa do jornalista Luciano do Valle – nasceu com o objetivo de buscar jogadoras talentosas em todo Brasil, para montar a base da Seleção Brasileira que disputará a Copa do Mundo em 2016. Assim, a comissão técnica do atual ADI/Foz Futebol Feminino reuniu em novembro de 2009, na cidade de Foz do Iguaçu, diversas jogadoras oriundas de quase todos os estados brasileiros: Pará, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Santa Catarina, Distrito Federal, Goiás, dentre outros.

Inúmeras atletas participaram de peneiras de seleção, e vinte e quatro mulheres foram escolhidas para integrar o grupo. Apenas uma

jogadora era da cidade de Foz do Iguaçu, as outras eram de outras cidades; a maioria, de outros estados.

Em 22 de fevereiro de 2010, o então Foz do Iguaçu Futebol Clube, iniciou seus treinamentos. A partida de estreia, vencida por 2 a 1, foi realizada no dia 7 de março de 2010, contra o Universidad Autónoma do Paraguai. A partida ocorrida no Estádio do ABC, em Foz do Iguaçu, teve como narrador o jornalista Luciano do Valle. No mesmo ano ainda, o grupo participou e saiu vitorioso do *Campeonato Paranaense de Futebol Feminino* e ficou em segundo lugar na *Copa do Brasil de Futebol Feminino*.

Em 2011, o time trocou seu nome para Foz Cataratas Futebol Clube e venceu, novamente, o *Campeonato Paranaense de Futebol Feminino*, competição realizada naquele ano nos meses de julho, agosto e setembro e que contava com apenas cinco equipes. Ainda em 2011, no mês de agosto, o grupo iniciou sua participação na *Copa do Brasil de Futebol Feminino* e, no dia 26 de novembro, conquistou o primeiro lugar na competição. Isso deu ao time a oportunidade de disputar a 4ª *Copa Libertadores da América de Futebol Feminino*, ocorrida, pela primeira vez, fora do estado de São Paulo, entre os dias 15 e 25 em novembro de 2012, nas cidades de Recife, Caruaru e Vitória de Santo Antão, em Pernambuco.

Ainda sob o nome de Foz Cataratas Futebol Clube, o grupo participou em abril de 2012 da *Copa do Brasil de Futebol Feminino*, mas não ficou bem classificado saindo da competição nas Quartas de Final. As atletas de Foz do Iguaçu perderam para o time São José (SP) que sagrou-se Campeão de 2012. Até junho de 2012, o time ainda participava de jogos sob o nome de Foz Cataratas Futebol Clube. Após mudança na gestão técnica, o nome foi trocado para ADI/Foz Futebol Feminino. Assim, no dia 02 de setembro de 2012, já sob novo nome, o grupo iniciou sua participação no *Campeonato Paranaense de Futebol Feminino*. Com quatro equipes na competição, o ADI/Foz Futebol Feminino venceu as três partidas do primeiro turno. E, no segundo turno, já conta com duas vitórias, a última partida que definirá se o grupo será Tricampeão da competição, ocorrerá após o final da 4ª *Copa Libertadores da América de Futebol Feminino*.

Tabela 1- *Conquistas das Poderosas do Foz* (2010 – 2012)

	Campeonato Paranaense de Futebol Feminino	Copa do Brasil de Futebol Feminino	Copa Libertadores da América de Futebol Feminino
2010	Primeiro Lugar	Segundo Lugar	Não participou
2011	Primeiro Lugar	Primeiro Lugar	Não participou
2012	A definir	Quartas de Final - Perdeu para o São José – SP	Segundo Lugar

Fonte: Elaboração Mariane da Silva Pisani

Antes ir a campo, no início do ano de 2011, acompanhei através de uma rádio on-line alguns jogos do então denominado Foz Cataratas Futebol Clube. Através das transmissões, durante a narração dos jogos e depois dos jogos, nas poucas notícias que li espalhadas por *blogs* esportivos na internet, percebi que os comentaristas se referiam às jogadoras como *Poderosas do Foz*. Já em campo, em outubro de 2011, interroguei as atletas sobre a razão daquele apelido. Todas falaram sobre Bruno Spertino Chagas, fã das atletas e morador de Foz do Iguaçu. Ele era o responsável pela criação do apelido e pela manutenção do Twitter e do Facebook<sup>19</sup> do time. Quando conversei com Bruno e o entrevistei, já no segundo momento em que estive em campo, em junho de 2012, ele explanou sobre os motivos da escolha do nome *Poderosas do Foz*:

Logo no começo, em 2010, a única rádio que acompanhava as jogadoras era a Rádio Cultura AM e ela titulava as meninas de "Princesas das Cataratas" ou "Meninas da Fronteira". Eu achava muito feio. Ao final do paranaense, elas foram campeãs invictas e logo no primeiro ano de fundação do time. Como sou viciado em Twitter, e não achava informações delas e nem de futebol feminino nas mídias, pensei em criar um twitter pra elas. "Princesas das Cataratas" ficava um nome muito grande: @princesasdascataratas ou @princesasdafronteira. Então comecei associar nomes menores. Não queria dizer isso, mas o

<sup>19</sup> Redes sociais amplamente utilizadas e divulgadas na internet. Através deles, os seus usuários recebem, trocam e compartilham informações de forma rápida sobre inúmeros assuntos.

melhor nome que achei estava associado à INVENCIBILIDADE. Poderosas! Lembrando o meu time, Poderoso Timão. Por fim, as rádios começaram a acompanhar, e meu twitter começou a crescer. Logo depois criei o perfil no Facebook e agora a FanPage. Mas no resumo, “Poderosas” é o nome que reflete o que o time conseguiu em tão pouco tempo.

O novo grupo de atletas que despontava no cenário do “futebol feminino” brasileiro e os êxitos obtidos não passaram despercebidos. Bruno conta ainda que conheceu as atletas no Parque Tecnológico Itaipu (PTI), local onde trabalha e elas costumam treinar. Segundo ele, “logo elas chamaram a atenção. Garotas, de calção, meião e chuteiras. Pensei que ficariam por apenas alguns dias, mas logo percebi que não. No início do estadual, do ano de 2010, ganhei um ingresso para um dos jogos. Não deu outra, passei a ir a quase todos”.

Figura 8 - Uma das portas de entrada da casa das *Poderosas do Foz*



Foto: Mariane da Silva Pisani

Na foto acima, vemos a porta de um dos apartamentos – da casa do meio - onde moram as jogadoras. Os vizinhos colocaram na porta cartazes de apoio, incentivo e carinho: “Meninas, vocês são super, mega, power Po-de-ro-sas! Parabéns”; “Parabéns super poderosas”; “É muita emoção, parabéns”; “Campeãs Poderosas, uuuuu...”; “Meninas, vocês nos enchem de orgulho, parabéns!”; “Parabéns, vocês mostraram que têm o poder!!!”.

Para Michael Foucault, o *poder* é uma relação que se constrói diariamente, uma vez que o cotidiano é um espaço de tensões entre as instituições disciplinares e as práticas culturais dos indivíduos. Segundo o autor “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2007, p. 102).

A pesquisadora norte-americana Sherry Ortner (2007) amplia este conceito e explana suas implicações. Sobre a teoria da prática, nos fala que esta pressupõe a cultura enquanto construtora dos sujeitos, atores sociais. Ao utilizar o conceito de *jogos sérios*, a autora nos mostra como este “pressupõe atores culturalmente variáveis (e não universais) e subjetivamente complexos (e não predominantemente racionalistas e interessados em si mesmos)” (2007, p. 46). Este conceito – jogos sérios - segundo Ortner, dá nitidez às “formas mais complexas de relações sociais, especialmente relações de poder, e a dimensões mais complexas da subjetividade dos atores sociais, particularmente (...) as que envolvem “intencionalidade” e “agência”” (2007, p. 46). Ou seja, o conceito de *jogos sérios* dá conta de explicar as relações sociais e dentro delas as relações de poder, as subjetividades dos atores e a agência e intencionalidade destes últimos.

As *Poderosas do Foz* negociam, na qualidade de atores sociais, através de suas escolhas – agência e intencionalidade -, seu lugar no mundo. Contudo, segundo Ortner, é impossível imaginar que o agente é livre ou que é um indivíduo que age sem restrições. Mesmo que elas escolham livremente serem jogadoras de futebol, sanções lhes são impostas por esta escolha. Sofrem preconceitos e, por vezes, recebem títulos pejorativos: machonas, masculinas, sapatão, entre outros. Se por um lado elas encontram-se inseridas em relações de solidariedade com seus familiares, amigos, treinadores e outras atletas, por outro, estão inseridas em relações de poder, de desigualdade e de competição (2007).

O nome, *Poderosas do Foz*, usado por Bruno para definir aquele grupo de mulheres faz parte de um processo que representa a agência das atletas, ao escolher o futebol como meio de vida, e as

localiza dentro dos *jogos sérios* - relações sociais -, como não mais inferiorizadas por sua escolha. Além de devolver o poder a estas jogadoras, o nome, *Poderosas do Foz*, vincula e apresenta um novo time no cenário do futebol praticado por mulheres e associa à invencibilidade, resistência e força. Em conversa com as jogadoras do time, pude verificar que elas gostam do nome que Bruno elaborou. Perguntando ainda o que achavam dos apelidos anteriores, ouvi-as dizer que as palavras “princesa” ou “meninas” não indicavam força/poder, faziam-nas parecer frágeis, e não eram apelidos que impunham respeito ou davam credibilidade para o trabalho do grupo. O time já mudou de nome três vezes, mas o apelido *Poderosas do Foz* permanece.

## **2 – As Poderosas do Foz**

Todas as jogadoras de futebol do ADI/Foz Futebol Feminino, com quem convivi, em outubro de 2011 e em junho de 2012, são, em sua maioria, jovens mulheres, solteiras e sem filhos, cuja faixa etária vai dos 16 aos 33 anos. Das 24 jogadoras que compõem o time, a maioria é negra ou morena e, através de conversas informais ou pelas entrevistas, pudemos perceber que todas elas vêm de famílias humildes – muitos dos pais e das mães dessas atletas trabalharam, ou ainda trabalham, como pedreiros, carpinteiros, babás, atendentes de loja, donas de casa.

Escolhas pessoais são realizadas dentro de um campo de possibilidades no qual o indivíduo age (ORTNER, 2007). Já sabemos que a existência e a prática legalizada do futebol das mulheres no Brasil têm pouco mais de 30 anos e, ainda repercute no imaginário social e cultural, que futebol e mulher não combinam. Ao longo da história do futebol praticado por mulheres, uma série de fatores e questões são elencados para justificar essa dissociação: as mulheres são do “sexo frágil” e seus corpos, portanto, não aguentam práticas esportivas intensas como o futebol; o corpo da mulher, que se espera “feminino” e “cheio de curvas”, quando submetido à prática esportiva adquire contornos “masculinizados”, tornando-se, portanto, desagradável aos olhos alheios; a sexualidade da mulher também é colocada em questão, pois caso pratique esportes, como o futebol, que é predominantemente masculino, é muito provável que ela seja, ou venha a tornar-se, homossexual.

Para a historiadora norte-americana Joan Scott, o conceito de gênero é uma categoria histórica que se elabora a partir de relações sociais fundadas, por sua vez, sobre as diferenças percebidas entre sexos; a partir dessas relações sociais constroem-se relações de poder (SCOTT, 1995 .p 21). Quando a noção de masculino ou feminino é

relacionada aos corpos, culturalmente, um conjunto específico de funções sociais é estabelecido para que o indivíduo as siga. Em uma sociedade patriarcal, corpos que tenham em si a noção do feminino precisam seguir determinadas regras de conduta e, ao relacionarem-se a corpos com características masculinas, estarão sempre em posição inferior de poder. O futebol praticado por mulheres e as suas atletas deixarão de sofrer estigmas e preconceitos quando as associações entre mulher e feminino no esporte cessarem. Podemos começar repensando a expressão “Futebol Feminino”, afinal o futebol não possui sexo, portanto, não pode possuir gênero – feminino ou masculino. Corremos riscos ao relacionarmos um gênero à prática esportiva, pois quase que instantaneamente pensamos seus praticantes como modelos específicos de feminilidade e masculinidade.

Ortner discute amplamente a teoria da prática e nos oferece algumas resoluções para a problematização existente entre gênero e prática esportiva. Afinal, a teoria da prática devolve “o ator ao processo social sem perder de vista a estrutura mais ampla que exerce coerção sobre a ação social (mas também a possibilita)” (2007, p.21). A teoria da prática nos ajuda ainda a repensar as relações de poder que se constroem nos processos sociais, ou seja, que relações de poder encontramos no futebol praticado por mulheres? E como essas relações levam a uma constante negociação de forças e de conflito estruturando o modelo de gênero hegemônico que compõe a nossa sociedade?

Durante minha permanência em campo, consegui realizar várias entrevistas. Na maioria das vezes, elas foram realizadas da mesma maneira. Sem que eu manifestasse interesse por fazer uma gravação, as jogadoras chegavam e me contavam sua trajetória de vida. Somente depois dessa abertura e demonstração de confiança, por parte delas, é que eu perguntava se poderia entrevistá-las com auxílio de um gravador. Se a resposta fosse afirmativa, marcávamos a conversa para outro momento. Algumas jogadoras que me contaram suas histórias não quiseram que eu as gravasse; outras ainda me contaram partes de suas vidas, mas no momento da gravação não quiseram repeti-las a fim de preservar os envolvidos nas histórias.

Com essa configuração, trago trechos das entrevistas e deixo evidente quem são estas mulheres. Não acredito que o anonimato, apesar de tê-lo oferecido a todas as entrevistadas, seja a melhor opção para este trabalho, uma vez que descrevo aspectos particulares de trajetórias pessoais. Acredito ser essencial contextualizar determinadas situações, pois apesar de este trabalho tentar evidenciar aspectos relacionados à profissão de jogadora de futebol no Brasil, não podemos cair na

armadilha de generalizar pensando que o que ocorre com uma atleta ocorrerá com todas as outras como via de regra. Expondo questões exploradas nas entrevistas, visamos mostrar se essas atletas contam ou não com apoio familiar no início da carreira; bem como evidenciar quais são seus *projetos de vida* (VELHO, 1994); se existe preocupação com o estudo, a formação acadêmica; se ainda sofrem preconceitos ou passam por dificuldades por serem jogadoras de futebol.

Figura 9 - Uma das formações do time das Poderosas do Foz.

De pé da esquerda para a direita: Bárbara, Leticia, Giovana, Renata Costa, Thayla, Bruna Miranda, Bruna Benites, Dani Neuhaus; abaixadas da esquerda para a direita: Adriane Nenê, Beatriz, Andressa, Daiane Moretti, Paula, Erica, Rilany, Ilana, Thaisa, Amanda



## 2.1 – Trajetórias de jogadoras de futebol no Brasil

Em todas as entrevistas realizadas, as jogadoras contaram com entusiasmo a forma como iniciaram suas carreiras.

Mariane: Começou a jogar futebol com quantos anos?

Adriana Nenê<sup>20</sup>: Comecei a jogar com nove anos, em time assim para valer foi com nove anos, agora

<sup>20</sup> A jogadora tinha 23 anos quando concedeu a entrevista em junho de 2012. Completou o Ensino Médio. É natural de Planaltina, Goiás. Seu pai é carpinteiro e a mãe babá.

brincar na rua foi desde os cinco anos de idade que eu mostrei interesse para jogar futebol.

Mariane: Alguém te incentivou a começar a jogar o futebol?

Adriana Nenê: Assim, incentivo para chegar e falar "vai jogar futebol", isso ninguém fez, foi de vontade própria, foi de mim. Depois que eles [os pais] viram que eu levava jeito para a coisa eles passaram a me incentivar, foram procurar times para eu jogar, que até então eu jogava na rua com os meninos ou jogava na escola. Como eles viram que eu levava jeito, então procuraram um lugar que tivesse um pouquinho mais de estrutura. Quer dizer, estrutura não, mas que eu não ficasse na rua jogando, que fosse um negócio mais sério.

Mariane: Como você começou a jogar o futebol?

Fernanda<sup>21</sup>: Comecei a jogar o futsal, futebol eu comecei a jogar esse ano [2011]. Futsal, nossa, eu tenho até um vídeo no Youtube que depois eu te mostro<sup>22</sup>. Comecei com sete anos no clube, na AFML [Associação dos Funcionários Municipais de Londrina]. Eu vi meu irmão jogar bola e eu morria de vontade de jogar com os meninos, mas tinha vergonha de pedir para o técnico. Eu não jogava, eu ficava vendo-o treinar, mas morrendo de vontade. Até que um dia, no nosso aniversário [dela e do irmão gêmeo], a minha mãe foi pedir pro técnico e ele deixou. Quando eu comecei a aparecer na TV porque estava jogando com os meninos, me lembro que foi o maior alvoroço 'menina no meio dos meninos'. Eu morava em Londrina e a TV em cima. Até que aos 15 anos um time de futsal de Londrina me chamou para jogar, mas antes eu tive uma proposta para jogar nos Estados Unidos o campo, mas minha mãe achou que eu era muito nova para ir com 13, 14 anos.

Nesses dois depoimentos, presenciamos um momento importante, em ambos os casos pais e mães incentivaram a prática

---

<sup>21</sup> A jogadora tinha 26 anos quando concedeu a entrevista em outubro de 2011. Chegou a cursar até o último ano do curso de Educação Física. É natural de Londrina, Paraná. Seu pai foi jogador de futebol de salão em equipes amadoras

<sup>22</sup> Naná - futsal Londrina - melhores momentos <http://www.youtube.com/watch?V=pickjslodxu>

desportiva das filhas e foram buscar um time para que elas atuassem. O pai de Adriane Nenê, carpinteiro, era o que mais a estimulava a seguir a carreira de jogadora de futebol. Já o pai de Fernanda, seu Jairo<sup>23</sup>, ex-jogador de futebol de salão, não era muito favorável à prática desportiva da filha. Segundo seu Jairo quem apoiava era a mãe, dona Marilene. Ela diz que incentivava a menina, pois achava bonito vê-la jogando e, já que ela se saía bem no meio dos garotos, não via motivos para impedi-la. Assim como Fernanda, a jogadora Paula também tem um irmão gêmeo e foi com ele que começou a jogar bola. A mãe de Paula incentivava a filha a jogar na escolinha de futebol junto com o irmão e negociava, junto às autoridades competentes, a participação da menina em campeonatos de meninos.

Paula<sup>24</sup>: Eu comecei a jogar futebol na escolinha com meus irmãos, é que sou gêmea, gêmea com um menino. Colocaram meu irmão na escolinha e eu falei ‘ah também quero’, porque era uma coisa nova. E meu pai também foi jogador de futebol.

Mariane: Só tens um irmão?

Paula: Não, tenho dois. Um mais velho e daí tenho o gêmeo. Aí no fim andávamos todos juntos. Minha mãe falou que não ia dar nada, que era só pra fazer uma atividade física, então tudo bem. Aí começou a escolinha e começaram aqueles campeonatinhos de escolinha. E eles [os meninos] reclamavam, ‘ah, eu não vou jogar contra menina, que menina é muito chorona, vai tomar bolada e vai chorar’. Tinha campeonatinho de federações e diziam: ‘não, não, porque não aceita menina, tem uma lei, uma regra, só menino pode jogar’. Aí minha mãe ia lá, conversava com o pessoal ‘ah, eu queria vê-la jogar’, e eles diziam ‘ah, tá bom, então você joga’. Então eu fui, entrei no campeonatinho e joguei contra os meninos. O nosso time ganhava sempre. Eu sempre jogava junto com o meu irmão, então, era aquela loucura. Os pais reclamavam ‘não, mas menina não pode jogar! Porque meu filho ficou tomando ‘rolinho’ de menina, assim não dá’.

---

<sup>23</sup> Depoimento no vídeo - <http://www.youtube.com/watch?V=pickjslodxu>

<sup>24</sup> A jogadora tinha 23 anos quando concedeu a entrevista em outubro de 2011. É natural da cidade do Rio de Janeiro. O pai é ex-jogador de base do Flamengo e a mãe trabalhou durante 22 anos em uma loja de uma rede mundial de *fast food*. A atleta, na época da entrevista, estava fazendo um curso técnico em Processos Gerenciais

Não acredito que as restrições dos pais e mães, mesmo que iniciais, ao futebol praticado por suas filhas estejam relacionadas à classe social ou ao nível de escolaridade deles. Seriam necessárias entrevistas com os parentes dessas atletas, o que não fizemos, para conseguirmos pensar sobre o porquê de alguns estimularem e outros não serem tão a favor da prática do futebol. cremos, sobretudo, que os estímulos ou as interdições estejam relacionados às próprias configurações familiares – avós, avôs, tios, primos e irmãos, muito complexas e influentes entre si para serem percebidas no período em que permanecemos em campo. Fica aqui uma proposta para estudos posteriores: quais são os motivos que levam alguns pais e mães a apoiarem ou a não apoiarem suas filhas na escolha por essa carreira?

O gênero e as relações de poder pesam sobre essas mulheres durante toda sua trajetória de vida, a começar pela dificuldade de acesso a prática do futebol, uma vez que sofrem com a resistência social. Como vimos na fala de Paula, existiam regras que impediam as meninas de jogar junto dos meninos. Diz-nos Fausto-Sterling (2001, 2002) que, nas primeiras Olimpíadas em que houve a participação de mulheres, elas precisaram desfilar nuas diante de uma banca examinadora, a qual daria parecer sobre a sua verdadeira feminilidade. Isso acontecia, pois acreditava-se que o ato de competir não era característica de mulheres de verdade, afinal, uma mulher de verdade, supunha-se caseira, recatada e sensível. Knijnik (2010), em levantamento histórico sobre relação entre gênero e esporte, nos diz que a partir de 1970, no campo da sociologia do esporte, os estudos criaram um estreito vínculo entre esporte e masculinidade, ou um certo tipo de masculinidade. Os contextos esportivos seriam “lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação dos *habitus* (ou maneiras de ser), das identidades, do comportamento e dos ideais masculinos” (DUNNING; MAGUIRE, 2010).

Audrey Robin define o tipo de masculinidade que o futebol elabora. Segundo a autora, desde a infância, os meninos estão expostos, através deste esporte, a valores essenciais masculinos como a força, a habilidade, a destreza e a solidariedade coletiva (2007). O espetáculo do futebol dramatiza essas virtudes e propaga uma "cultura" masculina: ao homem é permitido o direito de possuir uma expressão verbal e gestual repleta de palavrões e até mesmo ter um comportamento viril, grosseiro, rude e violento. Segundo a autora, tais atitudes são rigorosamente excluídas do comportamento feminino (ROBIN, 2007).

Mariane: E o seu irmão gêmeo, continuou jogando?  
Paula: Não, ele não quis seguir, não. Meu pai até ficou meio assim porque ele não quis seguir. Meu pai gosta muito, acompanha, sempre me ajuda, sabe. A minha família foi muito importante nessa decisão. Porque eu comecei jogando tênis. Eu fazia tênis também e minha avó gostava muito, ela falava que ‘futebol não é coisa para menina, você vai ficar roxa, vai apanhar’. Mas chega uma fase que você tem que decidir por uma coisa ou outra. Porque não dava de fazer as duas coisas.

Thaís<sup>25</sup>: Antigamente, lá para os meus 13 anos, eu estava na quadra jogando, os amigos passavam e falavam “ah, ela joga futebol”. As amigas da minha mãe mesmo falavam “ela quer jogar futebol, quer ser igual a homem”. Minha mãe chegava a me tirar da quadra e me mandava ir jogar vôlei com as meninas. Mas isso no começo, depois meu pai e meu irmão foram falando “deixa ela”. E eu fui.

Ainda sobre o início da prática futebolística dessas mulheres, pudemos perceber que a hegemonia dos homens no esporte fez com que todas iniciassem suas carreiras entre eles. Raro que alguma jogadora de futebol comece a jogar bola em uma escolinha para meninas, até porque elas só começaram a existir mais recentemente.

Marina<sup>26</sup>: Até que um dia, vi um cartaz dizendo que ia ter uma escolinha de futebol masculino na época, a Escolinha do Zico, que tinha em Campo Mourão, eu fui atrás para saber como que funcionava esta escola (...). Quando eu cheguei na escolinha, 60km longe, tinha 150 meninos. Não tinha uma menina a única era eu. Eu pedi se podia jogar ali com os meninos, já tinha uma base, porque eu já jogava antes, mas nunca tinha treinado (...). Eu tinha 13 anos na época.

---

<sup>25</sup> A jogadora tinha 22 anos quando concedeu a entrevista em outubro de 2011. É natural de Xambê, Paraná. O pai é vendedor em uma gráfica, a mãe é professora de história. Freqüentou o curso superior de “Sport and Fitness” em universidade norte americana, mas não chegou a se formar.

<sup>26</sup> A jogadora tinha 33 anos quando concedeu a entrevista em outubro de 2011. Natural de Iretama, Paraná. É formada em Educação Física pela Universidade Tuiti do Paraná

Ainda na trajetória da jogadora Marina uns dois anos mais tarde, aos 15 anos:

Marina: Eu estava no ginásio de esportes, num campeonato que tinha na cidade, e tinha um cartaz que haveria uma “clínica de futebol” – clínica de futebol é uma avaliação de futebol – e era só para os meninos, no Palmeiras. Essa avaliação iria acontecer em Terra Roxa, uns 350km da minha casa. Do lado do cartaz havia um rapaz que disse que iam 12 meninos da cidade fazer o teste (...). Parti, com a mesma autorização do meu pai e da minha mãe (...). Cheguei lá, tinha mais ou menos uns 300 meninos para fazer a clínica, durante dois dias. Eu pedi para o professor Zé Carlos, que foi o professor que me levou para São Paulo dois anos depois, se eu podia fazer a clínica junto. E ele perguntou: “É para você? Você vai se machucar no meio deles”. Eu falei que não, que eu já sabia jogar no meio dos meninos. Ele permitiu que eu jogasse. Resumindo, depois de dois dias da conversa, todos os meninos da minha cidade não passaram. E eu fiquei na clínica, eu passei na clínica. Eu fui a única da cidade que tinha passado nessa clínica (...). E eu era a atração, porque eu sempre fazia as clínicas dos meninos.

O futebol ainda pode ser considerado um lugar socialmente aceito para o ensino dos *habitus* masculinos. Uma mulher – mesmo que ainda criança – que adentra um campo de futebol, que participa de torneios, que disputa lugares e posições em igualdade de condições com os homens e ainda demonstra habilidades com a bola causa desconforto, surpresa, estranheza, vira atração, uma vez que sua presença desconstrói e desloca esse lugar de perpetuação de masculinidades. “Esses corpos e essas práticas tensionam os olhares acostumados ao mesmo, pois desestabilizam representações naturalizadas que colam no masculino e no feminino diversos atributos, comportamentos, virtudes, atitudes... colam, ainda, diferentes gestualidades, aparências e usos do corpo” (KNIJNIK, 2010, p 9). A mulher, até então associada à maternidade, à delicadeza e à submissão, aparece agora exibindo um corpo atlético, correndo atrás da bola, gritando com as companheiras e com os adversários, competindo e disputando. Essas representações do feminino são construções sociais e podemos confirmá-las ao constatarmos que em

outros países não se associa a prática do futebol à perda de uma suposta feminilidade. Nos Estados Unidos da América, o futebol – *soccer* - é um esporte sem gênero. Se tivesse um, seria mais feminino que masculino, e é assim também nos países nórdicos da Europa Ocidental. Nos EUA, afinal, são outros esportes que ocupam este lugar de “esporte masculino”, como o UFC ou o *fotball*.

Vale ressaltar, contudo, que embora existam resistências sociais às praticas futebolística de mulheres, há exceções dentro deste cenário. As jogadoras que conseguem traçar uma carreira no esporte contam com o apoio e incentivo de familiares. As mulheres desta etnografia possuem uma carreira de sucesso e estão em um dos principais clubes de futebol do país, portanto são exceção diante das milhares de jogadoras que não conseguiram fazer carreira e sequer puderam jogar, dado o preconceito social.

Mesmo enfrentando alguns estranhamentos e negativas no início de suas carreiras, é nos familiares que essas atletas buscam apoio – moral e financeiro - para continuar a jogar. Mesmo quando tudo parece dar errado, são os pais, os avós e os tios que incentivam a permanência dessas mulheres no meio futebolístico. Como já enunciado em outros estudos (RIAL; 2006, 2008, 2009; PISANI, 2011) a profissão de jogador de futebol é um *projeto de vida coletivo* (VELHO, 1999), e com as jogadoras não seria diferente.

Mariane: E seus pais gostavam?

Adriana Nenê: Sim, sim. Os dois. Meu pai, como é que eu posso te dizer, sempre foi mais fanático. Minha mãe sempre gostou e acompanhou, mas meu pai era o fã numero um. Ele que fazia tudo para me ver jogar, deixava de ir trabalhar para me ver jogar, levava nos treinos.

Mariane: O que ele fazia?

Adriana Nenê: Meu pai era carpinteiro, e aí é um serviço puxado e ele cansava bastante. As vezes trabalhava no sábado, trabalhava com meu tio, meu tio também gostava. E quando tinha um jogo muito importante e tinha que trabalhar no sábado ele já pedia "tem como colocar outro aí no meu lugar que hoje tem jogo da Nenê e eu preciso assistir", e o meu tio sabia como ele era e liberava ele para ir ou para me levar. Até em treino ele pedia para ir porque não conseguia acompanhar durante a semana, então no sábado ele pedia dispensa para poder ir assistir os jogos.

Mariane: E o que a sua família achou quando você começou a jogar futebol?

Aniele<sup>27</sup>: O meu pai sempre me incentivou ao extremo, toda família. Tio, primos, avô, avó achavam o máximo. Até minha avó gabava muito, porque eu jogava e ficava mais tempo fora de casa jogando do que em casa. Mas a minha mãe.. Bem, agora que eu tive a oportunidade de jogar pelo Coritiba ela puxou mais para eu não ir jogar, e foi por isso que eu não fui. Mas agora no Foz, nossa, ela sempre vai assistir os jogos quando pode. Apoio da família nunca faltou.

Marina: (...) E eu passei três meses lá, nesse lugar [Sede do Palmeiras], fazendo os treinamentos com eles - já tinha terminado a minha escola - mas o professor chegou ao final e disse que eu não tinha experiência para ficar no time, que ele precisava de gente já experiente para ficar. Liguei para minha mãe e ela falou 'você vai ficar aí.'. Eu comecei a chorar muito, porque não tinha passado. Ela falou para mim 'você vai ficar aí, que o professor vai arrumar alguma coisa para você. Pode ficar tranquila'.

Tayla<sup>28</sup>: Minha mãe e minha avó ajudaram bastante para que eu entrasse em um time profissional. Tive bastante teoria no Santos, porque entrei nova e não tinha experiência nenhuma em futebol de campo. A primeira vez que coloquei uma chuteira no meu pé foi no teste. (...) Não tive nenhuma prática, fiquei dois anos sem jogar, e em 2009, quando pensava que estava tudo acabado - tinha perdido minha mãe nesse ano e precisava ter uma coisa fixa, precisava ganhar um valor descente pra ajudar em casa - aí fui apresentada pro Foz Cataratas, e pra mim foi uma luz no fim do túnel. (...) Mas a dificuldade maior do

---

<sup>27</sup> A jogadora tinha 22 anos quando concedeu a entrevista em junho de 2012. O pai jogou em um time de base no Rio de Grande do Sul, depois construiu uma micro-empresa. Já a mãe trabalhava como enfermeira e agora é dona de casa. A jogadora formou-se em Educação Física pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>28</sup> A jogadora tinha 20 anos quando concedeu a entrevista em junho de 2012. Foi criada pela avó e pela mãe, esta veio a falecer em 2009. A atleta chegou a cursar Educação Física, mas desistiu da graduação antes de se formar.

início foi a condução, todo dia pagava 10 reais, e estudava, às vezes, não dava tempo de almoçar. Então a dificuldade maior foi essa, minha avó e minha mãe sempre resolveram com o dinheiro.

Nos livros *Individualismo e Cultura e Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, o antropólogo Gilberto Velho trabalha com a noção de projeto de vida. Segundo o autor, um projeto é elaborado e orientado pelas noções de mundo, *ethos*, estilos de vida e emoções dos indivíduos (1999). Projetos podem ser individuais – quando elaborados por uma só pessoa - ou sociais – quando projetos individuais unem-se e os indivíduos passam a almejar o mesmo objetivo. Esse tipo de projeto tem características políticas, uma vez que envolve a negociação de desejos e sonhos. Assim como abordado em nosso trabalho sobre jogadores de futebol e suas representações midiáticas no exterior (PISANI, 2011), as jogadoras de futebol também possuem um projeto social elaborado junto com seus familiares, como podemos perceber ao longo deste capítulo. E, da mesma forma como os jogadores homens, as atletas também buscam retribuir esse apoio inicial que vem da família. Mesmo que não consigam comprar casas ou aposentar os pais – fornecendo-lhes um bom salário mensal - elas procuram ajudá-los complementando a renda ou enviando-lhes dinheiro quando é necessário ou podem.

Mariane: Você ajuda seus pais com o dinheiro recebido jogando futebol?

Thaís: Não, porque eles não são tão ruins de vida, mas eles não têm condições de me bancar [em um time ou faculdade] fora do país. Mas agora meu pai vai fazer uma cirurgia e não vai poder trabalhar, e ele ganha dinheiro vendendo coisas para a gráfica. Ele vai ficar três meses sem trabalhar, então vou dar metade do meu salário para ajudar lá em casa, porque eu não preciso tanto. Ele me perguntou se eu poderia ajudar lá em casa durante esse tempo, e eu falei que sim uma vez que não tenho gastos aqui.

Mariane: O resto das meninas ajuda os pais?

Thaís: Ajuda sim. Tem uma jogadora que mora aqui que ajuda a mãe, fica com pouco dinheiro, mas sempre ajuda a mãe dela. Porque ela lava roupas e sempre precisa de um dinheiro a mais.

Podemos supor que essas atletas se percebem como provedoras e/ou doadoras, o que não é incomum na profissão de jogador e jogadora de futebol pois, como nos recorda Carmen Rial, os atletas desse esporte “não têm a acumulação da renda ou o consumo como objetivos centrais. De fato, eles se veem enquanto veículos que transportam, transformam e transmutam o dinheiro em bens para suas famílias” (RIAL, 2008).

Quando as atletas são interrogadas sobre o que o futebol mudou em suas vidas elas se denominam *privilegiadas*, pois, no time de Foz do Iguaçu, treinam duas horas por dia, ganham salário e não têm despesas com moradia ou alimentação. Conforme ficou evidenciado no início desta dissertação, o time possui patrocínio ostensivo das empresas locais e não-locais, fato que não ocorre com a maioria dos times de futebol praticado por mulheres. Todas as jogadoras recebem salários, mas nem todos os salários são do mesmo valor. Jogadoras que já tenham passado pela Seleção Brasileira recebem mais que as outras, assim como jogadoras que jogam em determinadas posições dentro de campo tendem a ganhar mais. Não sei com precisão o salário de cada uma das 24 jogadoras da equipe, um tema sempre delicado de ser abordado em uma entrevista, mas das conversas pudemos depreender uma diferença de quase 60% entre o maior e o menor salário. Também não parece que elas saibam ou tenham consciência da discrepância salarial dentro do time, embora um olhar atento e crítico, em relação à decoração de cada espaço individual dessas mulheres, consiga evidenciar as diferenças salariais. Como descrito anteriormente, em alguns quartos pudemos perceber a existência televisões, vídeo games, aparelhos de DVD, telefones de última geração, perfumes importados; em outros, a decoração é simples, com pouco ou nenhum aparelho eletrônico.

Vale ainda ressaltar que, no sistema futebolístico, o tratamento dado pelos clubes e times de futebol às mulheres que jogam bola não é padronizado. Existem times que oferecem moradia e alimentação às suas atletas, como o time das Poderosas, mas que não pagam salário às suas jogadoras; há ainda aqueles que fornecem moradia e alimentação e pagam salários somente para algumas jogadoras, geralmente àquelas que já tenham passado pela Seleção Brasileira; outros, que nada pagam às atletas e estas precisam trabalhar em um turno e jogar em outro.

Mariane: O futebol mudou a sua vida?

Fernanda: O futebol mudou a minha vida. Eu me sinto uma privilegiada em jogar futebol. Acho que todo mundo queria estar no meu lugar. Não vou falar assim: ‘nossa, ser jogadora de futebol que

legal, que massa!”, achando que é fácil. Não é fácil. Você acorda de manha, você não tem feriado, não tem sábado e nem domingo, você se machuca, pega aquele sol de rachar (...). Eu não me arrependo de ter escolhido o futebol para minha vida. Eu paro, olho e digo assim “ah, você poderia estar trabalhando”, mas vou levando o futebol até quando der, até quando eu achar que dá para jogar futebol em alto nível. Quando eu achar que não dá mais, que não estou conseguindo mais, aí eu vou ver a minha faculdade.

Marina: Eu larguei meu serviço, em Guarapuava, que era registrado e tudo para ir tentar a minha faculdade, que o meu sonho sempre foi fazer faculdade e ali não me forneciam. E aí uma mulher me ligou falando que me daria a faculdade. E eu, nas boas intenções, que existem boas e más intenções nesse mundo, eu fui. Fiquei lá por três meses. Três meses que ela não me pagou, então eu larguei ela. Saí de onde eu estava e fui para Belo Horizonte. Lá tinha um time de futebol de campo, o Santa Cruz, que disputava campeonatos mineiros e campeonatos dentro da cidade de BH. Eu fiquei lá por uns seis ou sete meses, e ainda trabalhava e jogava ao mesmo tempo. Trabalhava numa fábrica de reciclagem, como secretária, e jogava. Treinava à noite, todos os dias.

Em um caso, o futebol afastou dos estudos, já outro, foi possibilidade de acesso. De qualquer modo, nos projetos de vida, a inclusão do futebol mostra que há uma abertura para novas possibilidades individuais. Ainda merece destaque outro fato: apesar das diferenças estruturais entre os times, todos competem de forma igual na Copa do Brasil de Futebol Feminino, única competição de nível nacional brasileira patrocinada e organizada pela Confederação Brasileira de Futebol. No segundo maior campeonato de futebol de mulheres no Brasil - o Campeonato Paulista de Futebol Feminino – o mesmo acontece, ou seja, existem times com pouca estrutura – nos quais as atletas jogam e trabalham, ou jogam e não recebem nada – e times bem estruturados – nos quais as atletas só jogam futebol e ganham seus salários. Há ainda os pequenos campeonatos estaduais, como o

Campeonato Paranaense ou o Campeonato Catarinense que, por vezes, não chegam a ter seis equipes participantes.

Perguntando às atletas sobre planejamentos para o futuro, apenas Marina, que encontra-se perto de encerrar sua carreira futebolística, tinha idéias do que pretendia fazer. Algumas jogadoras falaram-me ainda que, dentro do futebol, o futuro é incerto, por conta da instabilidade profissional que ronda a modalidade – assunto que discutiremos no último capítulo

Marina: Pretendo ficar mais dois anos no futebol, estou fazendo 30 anos agora [2011]. Eu falo que “o futuro a Deus pertence”, o que eu falo aqui hoje, daqui dois anos, pode ser que não tenha acontecido, mas eu tenho muita vontade de fazer mestrado, de morar mais um tempo fora [do Brasil] (...). Eu sou árbitra de futebol de salão, então posso seguir na carreira (...), assim como sou professora de educação física (...). Então, este término de carreira já me levou a pensar em tudo isso, é que eu tenho que ter uma carreira após o término de ser jogadora de futebol. Afinal de contas, eu tive que fazer uma faculdade, porque eu sei que se amanhã eu parar, eu sou uma professora de educação física.

Marina destaca a importância de ter uma profissão, pois uma vez que o futebol de mulheres não rende de forma estável e segura – as atletas não trabalham com a Carteira de Trabalho assinada, por exemplo - é difícil que se possa sobreviver, de encerrada a carreira - mas há que destacar também que em alguns casos a carreira futebolística permitiu que continuasse os estudos. Thaisa destaca ainda que somente a jogadora Marta - que ganha “rios de dinheiro”, uma das únicas que vive só do esporte - não tem problema com nada. Então, as outras jogadoras precisam buscar nos estudos e no trabalho uma forma de continuar a vida depois que pararem de jogar.

Uma busca no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>29</sup>, conseguimos acesso aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2011, nos quais há indicadores sobre Educação e Rendimentos que nos chamaram a atenção<sup>30</sup>. No ano de 2011, o rendimento médio mensal dos homens

---

<sup>29</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

<sup>30</sup> IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011.

foi de R\$ 1.417,00, já o das mulheres foi de R\$ 997,00, ou seja, as mulheres recebiam apenas 70,4% do valor recebido pelos homens. Vale trazer ainda outros dados: 19,3% dos homens ganhavam até um salário mínimo e 24,8% deles ganhavam de um a dois salários mínimos; já entre as mulheres 27,6% delas ganhavam até um salário mínimo e apenas 20,3% ganhavam de um a dois salários mínimos. Há proporcionalmente mais mulheres que trabalham e não que recebem salário: 10,0%, contra 5,8% dos homens. Dos 6,6 milhões de pessoas desempregadas no Brasil, no ano de 2011, 59% eram mulheres. Contudo, a média dos anos de estudo das mulheres é superior a dos homens em todas as regiões brasileiras. Elas estudam 7,5 anos, contra 7,1 anos de estudos deles. Ainda é importante ressaltar que em todos os grupos de idade - com exceção do grupo de 60 anos ou mais de idade - a média de anos de estudo das mulheres foi superior a dos homens. E a faixa etária onde a diferença se acentua mais é dos 20 aos 24 anos, quando as mulheres passam a ter 10,2 anos de estudo contra 9,3 anos de estudos dos homens. Realizando uma comparação, em termos percentuais, entre o salário de uma *Poderosa do Foz*, que atua na posição de atacante titular, e o salário recebido por um atacante reserva do Atlético Paranaense<sup>31</sup> - Rodriguinho -, veremos que ela recebe apenas 2% do salário dele.

Os dados nos mostram que o mercado de trabalho brasileiro está fortemente marcado por uma persistente desigualdade de gênero. Mesmo que estudem mais anos que os homens, as mulheres continuam recebendo menos. O número de mulheres que ganham até um salário mínimo é superior ao dos homens, contudo mais homens ganham de um a dois salários mínimos que as mulheres, ou seja, quando o salário é menor, o número de mulheres é maior, porém quando ele é maior, o número de mulheres que o recebem diminui. Não podemos nos esquecer da taxa de desemprego no país: 3,8 milhões de mulheres encontravam-se desempregadas no ano de 2011, contra 2,8 milhões de homens.

Maria Ignez S. Paulilo nos fala sobre a diferenciação que existe ao denominarmos e rotularmos os tipos de trabalho. Trabalho *leve* seria aquele realizado por mulheres, portanto menos valorizado e menos

---

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_anual/2011/tabelas\\_pdf/sintese\\_ind\\_3\\_3.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/tabelas_pdf/sintese_ind_3_3.pdf)

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_anual/2011/tabelas\\_pdf/sintese\\_ind\\_7\\_1\\_1.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/tabelas_pdf/sintese_ind_7_1_1.pdf) (acessos em novembro de 2012)

<sup>31</sup>Reportagem datada 20 de outubro de 2011. [http://www.lancenet.com.br/atletico-paranaense/Ex-presidente-Atletico-PR-revela-salarios-jogadores\\_0\\_575942463.html](http://www.lancenet.com.br/atletico-paranaense/Ex-presidente-Atletico-PR-revela-salarios-jogadores_0_575942463.html). Acesso em novembro de 2012.

rentável financeiramente; já trabalho *pesado* seria todo tipo de atividade desenvolvida pelos homens, bem remunerado e valorizado socialmente. O ponto que a autora traz para a discussão é que as “profissões consideradas femininas têm remuneração sempre inferior às consideradas masculinas. Mesmo em profissões iguais e cargos iguais, os dois sexos têm remunerações distintas” (1987). Cristina Bruschini lembra-nos também que, dentro da manutenção de um modelo de família patriarcal, as mulheres ainda são responsáveis pelas atividades domésticas e a necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho (1998).

As jogadoras vivem essa distinção do *peso* (PAULILO, 1987) do trabalho no seu dia a dia, principalmente quando planejam o futuro. Algumas delas têm consciência de que, sem estudos, não conseguirão bons empregos depois que terminarem suas carreiras de jogadoras, e mais, sabem que o futebol dificilmente lhes renderá algum provento para depois que se aposentarem. Diferente de alguns homens futebolistas, pois mesmo depois que pararam de jogar, continuaram vendendo e associando seus nomes a grandes marcas nacionais e internacionais. As atletas percebem a diferença do *peso* do trabalho ainda quando estão em plena atividade esportiva. Uma das jogadoras – que não quis ser identificada – me disse que atualmente um pai prefere que seu filho jogue bola ao invés de fazer faculdade, afinal se o menino estudar e se formar, ele não será nada além de um funcionário comum, será como tantos outros que fizeram a mesma faculdade. Contudo, caso se destaque futebol, vai ser milionário, famoso e reconhecido. Já as meninas, segundo ela, precisam jogar bola e estudar, pois nunca irão despontar em uma carreira que não é reconhecida como profissão de mulher, e mesmo que despontem será algo efêmero, o que não garantirá o sustento até o final da vida.

Mariane: Nenê, você chegou a fazer alguma faculdade ou não?

Adriana Nenê: Não, só terminei o ensino médio. É uma coisa que eu me arrependo de não ter feito antes, por mais que seja difícil conciliar, por que você treina dois períodos por dia e está sempre viajando, então é uma coisa que eu quero fazer o mais rápido possível, mesmo com essa correria louca, mas eu já tenho 24 anos, então preciso ter uma coisa pra depois do futebol, porque é uma carreira curta.

Mariane: Termina com que idade mais ou menos?

Adriana Nenê: No futebol feminino costuma se estender mais um pouquinho, só que acho que não quero chegar a isso. Tem meninas aí que tem 37, 38 anos.

Mariane: Você acha importante que as meninas façam faculdade?

Marina: Demais, demais. Eu luto por isso, eu brigo aqui dentro por isso, e encho o saco das meninas por isso, porque eu acho que é importantíssimo. Só que é assim, eu tenho 30 anos, elas têm 20, 23, 24 e te algumas que ainda não sabem o que querem, talvez por isso a falta de interesse em fazer uma faculdade. Quando eu decidi fazer a faculdade já estava com 27 anos, foi justamente para quando eu acabar de jogar, eu ter uma estrutura por trás disso, porque eu não posso voltar para a casa da minha mãe e morar com ela como se nada tivesse acontecido. (...) A maioria dos clubes hoje de futebol feminino no Brasil são vinculados a universidades ou faculdades. Então o que deve ter é o interesse da jogadora em fazer a faculdade (...).

Mariane: O que acontece com uma menina que para de jogar hoje no Brasil?

Thaís: Normalmente, em feminino, eles pagam a faculdade para você também. Então elas vão estudando. As mais preguiçosas que não estudam, vão ser faxineiras depois, mas isso não é por causa do futebol, é porque elas são preguiçosas mesmo. Eles dão a bolsa pra você estudar. Eu não sei em São Paulo, mas aqui no Paraná é assim, eles dão o apoio para você estudar além de jogar. Igual, a gente estava conversando “o que você gostaria de ter feito, e deixou de fazer e se arrependeu?” 80% das meninas falaram sobre estudo. A Marina falou “ah, eu poderia ter feito minha pós-graduação e estou fazendo agora, mas poderia ter feito antes”. Outra menina “eu deixei de estudar, e eu queria ter terminado, mas eu vou voltar”. Por que não adianta. Com faculdade no Brasil você não é quase nada, imagina sem? Então tem que fazer faculdade, Pós, mestrado, cursos, cada vez estudando mais. Eu acho que a maioria delas pensa em estudar, e se você não estuda você não é nada.

O futebol para as mulheres é percebido e vivido como uma curta passagem na trajetória de vida e o estudo - de nível superior - aparece com um projeto para o futuro. Diferente dos homens que jogam futebol que, em ampla maioria, largam a escola ou faculdade para jogar, a situação de *semi-profissionalismo* das jogadoras – como veremos no próximo capítulo - permite que elas sigam estudando.

No time em questão, algumas jogadoras estudam, mas infelizmente, elas não estavam entre as que concederam as entrevistas. Apenas através de conversas informais, e muito rapidamente, estas mencionaram seus cursos e que o time oferecia a possibilidade de bolsa de estudos no momento da contratação. Contudo, não pudemos aprofundar se elas de fato possuem essas bolsas ou em quais universidades estão matriculadas. Dentre as entrevistadas, apenas Paula seguia estudando, fazendo um curso técnico, porém não mencionou em qual instituição. Percebemos que, em virtude da circulação que fazem entre um time e outro, é comum não haver regularidade nas matrículas. Para concluir uma graduação de quatro anos é preciso que elas ficassem minimamente estabilizadas em uma cidade, o que é raro devido à instabilidade presente no sistema futebolístico de mulheres, como veremos no último capítulo. Tanto Aniele quanto Marina concluíram seus cursos em Educação Física permanecendo, pelo menos, quatro anos na cidade onde estudavam. Paralelamente aos estudos, continuavam jogando.

### **3 – Gênero, sexualidades e corpos: os preconceitos no futebol das mulheres**

Caitlin Davis Fisher é uma jogadora de futebol americana que formou-se em Antropologia Biológica pela Universidade de Harvard em 2004. Após a formatura, começou a jogar futebol em times do Brasil e da Suécia, enquanto realizava concomitantemente pesquisas sobre o “futebol feminino”. A jogadora é co-fundadora do *Guerreiras Project*<sup>32</sup> que tem como objetivo discutir gênero, corpo e imagem das mulheres que jogam futebol, para provocar mudanças no cenário futebolístico e ampliar os espaços para a inserção dessas mulheres. Caitlin jogou no extinto time de futebol de mulher, o Santos Futebol Clube, e relata que rapidamente se tornou evidente que a nação do futebol não é a nação do futebol das mulheres. Em sua experiência no time brasileiro, ela conta as diferenças de tratamento dispensados ao time dos homens e ao time das mulheres. Segundo ela, a única coisa em comum entre as equipes era o

---

<sup>32</sup> <http://guerreirasproject.wordpress.com>

nome. Ela aprendeu ainda o significado da palavra “preconceito” – preconceito - existente em torno do futebol de mulheres no Brasil.

As diferenças e as separações sobre os espaços que homens e mulheres devem ocupar dentro do cenário do futebol brasileiro iniciam-se ainda nos primeiros momentos de vida. É comum, ao nascer um filho homem, que o pai coloque na criança uma roupinha com o emblema de algum time de futebol – geralmente o time para o qual o pai torce – ou mesmo que haja uma disputa entre os familiares, na maioria das vezes entre os homens, para ver quem dará à criança a primeira bola de futebol. Afinal o “mundo esportivo é um mundo de ‘macho’, no sentindo mais estrito e quase ‘pré-histórico’ do termo” (KNIJNIK, 2010. p. 327). Existem ainda pequenas chuteiras, em forma de sapatinho de bebê, que levam inscritos nomes dos meninos. Não existem, porém, para meninas.

Esta dissertação vem mostrando que o cenário esportivo é considerado propício à exacerbação de características tidas como “próprias do ser masculino”. Características do ser feminino, livremente associado e colado ao corpo das mulheres, permanecem de fora. Assim, nessa lógica de pensamento, é comum que as meninas permaneçam excluídas. É raro que uma criança, do sexo feminino, seja incentivada a jogar ou que ganhe presentes relacionados ao futebol – como uma bola, uma chuteira ou meióes – quando muito, a garota ganha uma camiseta para fazer parte da torcida do time. Geralmente, a vontade de jogar futebol parte das meninas e nos relatos das jogadoras é comum que as mães e os pais tentem retirar suas filhas das quadras e das ruas quando as observam jogando bola com os meninos. Talvez muitos talentos do futebol de mulheres tenham se perdido ainda nesse começo, por pressão familiar e social.

Mariane: Chegou sofrer algum preconceito aqui ou lá [nos EUA] por ser jogadora de futebol?

Adriane Nenê: Sempre tem, mas lá não. Acho que até quando uma menina nasce o pai já dá uma chuteira pra ela, porque lá [EUA] é cultura deles as meninas jogarem futebol. Tanto que nas preliminares dos jogos eles sempre colocavam meninhas de 5, 6 anos pra jogar, então já é cultura deles. Já aqui no Brasil não, por mais que a gente busque parar o preconceito, sempre tem alguma coisa, um cara machista que fala que futebol não é pra mulher, até as próprias mulheres mesmo, chegam e falam alguma coisa.

Mariane: Você já ouviu alguma mulher com esse pensamento?

Adriane Nenê: Já sim. Não depois que eu comecei, mas quando eu era pequena e jogava lá na minha cidade, na rua, as outras mães falavam pra minha “como você deixa sua filha jogar futebol?”. Tinha uma mãe que era até pior, a filha dela até gostava de jogar, mas a mãe dela proibia totalmente. Tempos atrás, eu estava de férias em casa e me encontrei com ela na rua, depois de muito tempo. Ela se emocionou quando me viu, e disse “Estou muito feliz em te ver, naquele tempo eu não deixava minha filha jogar com você, hoje ela está aó com dois filhos de um pai que não apoia ela, está sozinha, mora comigo, não trabalha, não terminou os estudos; Esses dias eu te vi na televisão falando que você foi para os EUA. Talvez se eu não tivesse proibido minha filha ela estaria aí, com você, e eu ficava criticando sua mãe também por deixar você jogar, e hoje eu vejo o quanto eu estava errada”. Ela falava chorando mesmo, dizia que se arrependia muito do que tinha feito. Então, mais uma pessoa que acabou aprendendo que não adianta esse tipo de preconceito, se gosta tem que deixar fazer, não tem que ligar para o que as pessoas falam. E minha mãe sempre agüentava. Alguém falava alguma coisa pra ela e ela sempre dizia “é isso que minha filha quer fazer e eu vou deixar”.

Adriana Nenê é uma jogadora que fugiu ao padrão de exclusão feminina do futebol por parte da família. Seu pai e sua mãe sempre a apoiaram, desde o início. O pai inclusive, segundo ela, é o fã número um. Ele faltava ao trabalho para acompanhar de perto o desenvolvimento esportivo da filha. Robin, que estuda futebol de mulheres em camadas populares dos subúrbios da França, utiliza uma categoria para explicar esta aposta dos pais na carreira das meninas – o que é algo não usual na maioria das vezes: ‘*garçon manquant*’, ou garoto ausente/inexistente<sup>33</sup>. Segundo a autora, ausente um filho homem, é aceitável que uma filha assuma o papel social do filho. Assim, todos os integrantes da família investem nela e a apoiam para que ela assuma áreas da vida social classificadas como masculinas, “pour

---

<sup>33</sup> Tradução livre.

répondre en quelque sorte aux attentes déçues mais fortement exprimées des pères d'avoir une descendance masculine” (ROBIN, 2007. p 123).

Contudo, em nossa etnografia, fica evidente que são as meninas que têm irmãos, mais ou menos de suas idades, que conseguem livre acesso ao campo de jogo e que frequentam escolinhas. Há até um “*gêmeolismo*”, que podemos comparar ao *caçulismo* existente entre os jogadores de futebol entrevistados por Carmen Rial (2008). Segundo ela, a grande maioria dos jogadores de futebol é filho caçula e essa tendência pode ser apontada pelas seguintes questões:

É necessário algum excedente econômico para propiciar a liberação de um integrante da família do trabalho remunerado. Assim, o fato de serem os caçulas os que com mais probabilidade conseguem realizar o projeto de serem jogadores profissionais pode ser explicado tanto por terem tido a possibilidade de serem liberados da tarefa de garantir a sobrevivência do grupo familiar com o seu trabalho (função assumida pelos irmãos mais velhos), quanto por poderem contar com a presença de um integrante da família, irmão mais velho, pai e muitas vezes a mãe, para acompanhá-los à escolinha ou campos de prática, o que às vezes implica em longos deslocamentos em transporte público (RIAL, 2008, p. 35).

É preciso, contudo, olhar com reserva essa comparação uma vez que o número entrevistadas na etnografia é baixo para confirmar uma tendência que aponte para o fato de que jogadoras que possuem irmãos gêmeos, ou com idades aproximadas, tenham acesso mais fácil aos campos de futebol. Entretanto, nos casos aqui descritos, fica evidente que o irmão serviu como desculpa ou estímulo para que elas frequentassem os campos à espera de uma vaga no time. E os pais, talvez, as tenham deixado jogar exatamente para não diferenciarem o tratamento em relação ao irmão. Nenhuma das jogadoras, com quem conversei, era filha única ou tinha apenas irmãs.

Miriam Grossi levanta uma questão evidente nos discursos das jogadoras de futebol: “o conceito de gênero está colado, no Ocidente, ao de sexualidade, o que promove uma imensa dificuldade no senso comum (...) de separar a problemática da identidade de gênero e a sexualidade, esta marcada pela escolha do objeto de desejo” (1998, p. 4). Os objetos de desejo traduzem-se em corpos, e sobre estes temos

valores sociais e culturais sendo colados e reificados a todo o instante de acordo com o sexo do indivíduo.

Fernanda: Sabe por que eu não ia para o futebol de campo? Porque eu achava muito masculinizado, eu tinha medo... Não era medo, mas era muito masculinizado. Mas agora não, mudou totalmente. As meninas aqui do Foz são todas meninas, gostam de se cuidar. (...) O campo mudou muito e elas são bem mais menininhas, bem mais femininas.

Mariane: Você acha que isso é por causa da imagem de que futebol é coisa de homens?

Fernanda: É, todo mundo acha isso: que onde tem um monte de mulher, tem mulher com mulher; que são masculinizadas, que elas fogem de homens. Eu acho que a mulher tem que se cuidar.

Thaís: Eu acho que tem muito preconceito no futebol feminino. No Brasil, tem muito preconceito, eles acham que é só um esporte masculino. E eu não tiro a razão deles, porque se você vai ver em um time pode ver muita menina com cabelo curto

Mariane: Aqui no time não tem nenhuma.

Thaís: É que o futebol está ficando feminino.

Mariane: Feminino como?

Thaís: Você não vê muitas meninas de cabelo curtinho, tem uma ou outra. Eu falei em relação a essa coisa de homossexualidade do futebol feminino, de acharem que é um futebol masculino. Entende? Como um patrocinador vai colocar uma menina na propaganda pro futebol feminino com o cabelo curtinho?!

Mariane: Homossexualidade que você fala é pelo fato de eles acharem que a menina que tem cabelo curto e joga futebol é homossexual?

Thaís: Isso! Que patrocinador vai querer essa imagem? Muitas pessoas julgam isso, mas não é isso. Você que vai conviver com a gente vai ver como nós somos vaidosas. Arruma, alisa o cabelo, as meninas se pintam na hora de sair. É uma pessoa normal. Nós somos muito vaidosas, mas ninguém vê isso. Então eu acho que esse preconceito de que o futebol é masculino nos deixa muito para baixo, entende? Então ninguém vai querer patrocinar, ninguém quer fazer nada por nós.

Conseguimos, notar que para as jogadoras de futebol, é imprescindível que sua imagem esteja associada à feminilidade, e que esta se traduza pela vaidade e pelo cuidado com o corpo: elas pintam e alisam os cabelos, fazem as unhas, cuidam da pele, depilam ou clareiam os pelos, ostentam tatuagens delicadas de flores, estrelas e borboletas. Para as atletas ainda, características associadas ao masculino (cabelos curtos, “jeito de homem”), dentro do futebol de mulheres, remetem à homossexualidade. E essa associação, geralmente aliada ao preconceito manifesto pela sociedade, causa baixa autoestima entre as jogadoras.

Marina: Há 20 anos atrás, as mulheres [que jogavam futebol] eram muito masculinizadas e isso prejudicava e prejudicou muito a imagem do futebol feminino. Junto à mídia, junto aos torcedores, eu não posso colocar uma menina que se pareça com um menino na televisão porque ela influencia os adolescentes. Isso eu estou falando de uma experiência que eu tive, numa reunião que eu fui numa grande emissora em São Paulo, com a minha professora e eu ouvi o próprio gerente de marketing dizendo que ele não podia colocar porque as meninas ainda tinham a aparência de meninos. E hoje a própria CBF fez uma conscientização sobre cabelos curtos, jeito de homem e presença. Hoje eu acredito que as meninas que apareçam na televisão se preocupem muito com a imagem.

O futebol no Brasil em vez de aparecer como um lugar de possível expressão de um outro modo de ser mulher, acaba contribuindo para reificar um estilo específico e hegemônico ser mulher: cabelos compridos, ajeitados, não-“jeito de homem”. E uma opção sexual: a heterossexual. As jogadoras internalizam, sem crítica, os discursos dos gerentes de marketing e da CBF, vistos como “conscientização”. Há que se problematizar, contudo, esta construção da feminilidade das jogadoras de futebol. Será que para acabar com o preconceito com a modalidade é necessário que o futebol praticado por mulheres tenha atletas femininas (com cabelos compridos, unhas feitas, peles bem cuidadas)? Ou será que essa feminilidade, por vezes imposta por órgãos midiáticos, não é por si só um preconceito, na medida em que tenta formatar essas mulheres nas normas de gênero, fazendo-as adotarem comportamentos e imagens estéticas esperados das mulheres? Em 2001, a Federação Paulista de Futebol estabeleceu que para uma atleta

participar de campeonatos precisaria apresentar signos de feminilidade: cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003), numa clara tentativa de recolocá-las nas normas de gênero, reforçando a dicotomia sexual e reafirmando que futebol é espaço de homem. As mulheres que jogam futebol passam a ser associadas e controladas em sua sexualidade, ou seja, elas até podem praticar o esporte, desde que mantenham suas características femininas – que supõem-se próprias da mulher - e que não demonstrem, com comportamentos masculinizados, o interesse pelo mesmo sexo.

Knijnik nos lembra que “a vida no esporte é uma vida homosocial. Atletas profissionais passam grande parte do seu tempo, a maior parte dele, entre homens [no nosso caso, entre mulheres]. Constroem amizades, relações, vínculos duradouros com outros homens [mulheres]. Esses vínculos são homossexuais? Podem ser ou não” (2010, p. 328, grifo nosso). Como em qualquer segmento da vida social, no futebol de mulheres também há a existência de homoafetividades, sejam estas realizadas entre corpos feminilizados ou masculinizados. “Devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivosexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução” (GROSSI, 1998, p. 12). Assumir uma homossexualidade é decisão pessoal e intransferível. Mesmo que mantenham entre si práticas afetivosexuais raramente o declaram ou demonstram em público, pois se o fizerem as atenções não se voltariam mais para o rendimento esportivo e sim para as opções sexuais.

As jogadoras de futebol exibem corpos musculosos e bem definidos, estes são frutos do preparo físico diário ao qual são submetidas: treinam duas vezes por dia, fazem academia, fazem fisioterapia e têm alimentação balanceada. O corpo dessas atletas é colocado, muitas vezes, no centro das discussões sobre esporte e gênero, uma vez que a compleição física da mulher sempre suscitou inúmeros debates. “Ao longo de nossa existência vivenciamos inúmeras experiências corporais e, estas, indubitavelmente, estão atravessadas pelas relações de gênero (...), aos homens e às mulheres sugerem-se participações, ênfases, movimentos justificados a partir da anatomia de seus corpos e da fisiologia de suas funções” (KNIJNIK, 2010, p. 8). No início da prática esportiva, acreditava-se que as mulheres não poderiam jogar futebol, pois seus corpos eram preparados pela natureza para a maternidade, acreditava-se, inclusive, que uma pancada no baixo ventre poderia deixá-las infértil. Posteriormente, iniciaram-se as discussões

sobre a existência de atletas exibindo musculaturas transbordantes, especulava-se sobre o quão saudáveis seriam para o corpo e para a saúde da mulher. Tentava-se, a todo custo, desestimular as mulheres à prática esportiva através de discursos biológicos. Em resgate realizado pela historiadora Caroline Soares de Almeida (2012), novas luzes são lançadas sobre a preocupação em torno dos usos dos corpos feitos pelas mulheres: ela pode ter raízes no fetiche e no desejo que estes corpos provocam.

Soares de Almeida resgata uma reportagem da revista Placar, da década de 80, que traz uma matéria intitulada “A bela e as feras do futebol”. Na revista, a jogadora bela é exposta através de grandes fotografias coloridas, enquadrada em poses sensuais, está sempre sorrindo, é branca e tem os cabelos compridos. A atleta vestia a camisa do time, usava um biquíni, meias e chuteiras. Já as feras são retratadas em fotos em 3x4, preto e branco, todas são negras, não sorriem e possuem os cabelos curtos (SOARES DE ALMEIDA, 2012).

Marina: Nós vemos um inédito calendário, feito agora [2011] com o Santos Futebol Clube, no qual as meninas ficaram maravilhosas, ficaram lindas. Um pouco de maquiagem aqui, um biquíni ali, a tonificação do corpo, o físico ajudou demais, quer dizer ficou muito bonito. E, no entanto, ainda houve críticas de pessoas que entendem pouquíssimo de futebol, que não sabem o preconceito que a gente passa.

Mariane: Dizendo o quê?

Marina: Dizendo que foi vulgar, que foi de mau gosto. Quer dizer, as pessoas não sabem que infelizmente a gente luta aí fora também contra um preconceito machista, que a mulher associada ao futebol tem uma imagem masculina, muscular. Mas é claro, a gente treina todos os dias, ganha uma tonificação diferente, fazemos musculação indiretamente, nosso corpo nunca vai deixar de ser musculoso, porque eu dependo dos meus músculos para viver.

O corpo torna-se objeto de exposição, admiração, desejo e interferências. Para as jogadoras que têm sua feminilidade e heterossexualidade posta em questão diariamente, uma vez praticam um esporte essencialmente masculino, a exposição através de fotos utilizando biquínis e maquiagem não parece vulgar, uma vez que

ressalta características essencialmente femininas, como a delicadeza, a beleza e a graça. Contudo, essa ênfase ao corpo feminino, principalmente no âmbito da prática futebolística, acaba por realimentar e criar novos preconceitos, machismos e resistências quanto à profissionalização dessas mulheres.



## PARTE III

# PROFISSIONALIZAÇÃO E MIGRAÇÕES DE MULHERES QUE PRATICAM FUTEBOL

*“Seria impossível esse futebol mágico, elástico, acrobático, se não estivesse lá o homem brasileiro (...). Eles maliciam, eles inventam, eles dão um jeitinho.”*

**Nelson Rodrigues**

### **1 – Profissionalização de jogadoras de futebol**

#### **1.1 – Distinção entre as categorias de *profissional e amador***

Para que possamos discutir como se manipula e elabora a especialização da prática futebolística das mulheres – dentro de um sistema esportivo marcado por questões políticas e sociais – é necessário que façamos inicialmente a distinção entre as categorias de *profissional* e *amador* dentro do esporte. Em meados do século XIX, nas práticas esportivas na Inglaterra, pessoas de classes abastadas vivenciavam e defendiam que o esporte deveria possuir um caráter amador, ou seja, atletas e jogadores não poderiam ser remunerados com qualquer quantia em dinheiro por suas práticas. Essa defesa do amadorismo escondia uma exclusão: a de todos os que não dispunham de recursos financeiros para praticar o esporte em tempo integral abrindo mão de trabalhos. Stigger nos fala que

Um dos refúgios distintivos das classes superiores inglesas, no contexto do esporte, foi a defesa do amadorismo (visto como critérios de esporte dessa camada social) contra o profissionalismo (considerado o esporte das classes baixas que necessitavam compensar o que deixavam de ganhar quando a ele se dedicavam). A crise entre amadorismo e profissionalismo, ocorrida em vários esportes, é uma das chaves para a compreensão do processo de democratização dessa prática inicialmente reservada a amadores, mas posteriormente democratizada e transformada em espetáculo de massa. (2005, p. 39).

A manutenção de um esporte sob a característica de *amador*, portanto sem rendimentos e salários aos seus praticantes, garantia que

pessoas de classes mais pobres da sociedade fossem excluídas de sua prática. A crise existente entre as concepções de esporte amador e esporte profissional era dessa forma, pano de fundo para discussões mais amplas que diziam respeito à democratização do esporte.

Bourdieu (1983) nos lembra que o campo das práticas esportivas vem acompanhado de uma filosofia política do esporte. Ou seja, para a antiga aristocracia inglesa, o amadorismo fazia do esporte uma prática desinteressada, tanto quanto as atividades artísticas – a própria etimologia da palavra *sport*<sup>34</sup> indica este desinteresse amador. Má contrário das artes, o esporte era um espaço para afirmação de atitudes viris e formação de caráter dos futuros líderes da sociedade. Entretanto, se inicialmente as práticas esportivas foram consideradas formas de lazer perpetuadoras de características de lideranças e virilidade dos homens da aristocracia inglesa, com o tempo, o mundo do esporte passou a incluir participantes que não dispunham de tempo livre, e para “jogar” precisavam que o jogo fosse “trabalho”. O esporte passou, assim, a ser encarado sob o prisma de uma nova forma de subsistência e de profissão incluindo os menos abastados da sociedade. E o futebol, como não poderia deixar de ser, seguiu esse processo de democratização:

A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e, portanto, profissionalizado; o momento decisivo simbólico - reconhecido como um confronto de classes - foi a derrota dos *Old Etonians* pelo *Bolton Olympic* na final do campeonato de 1883<sup>35</sup>. Com a profissionalização, a maior parte das figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, deixando a

---

<sup>34</sup> sport (v.) c.1400, "to take pleasure, to amuse oneself," from Anglo-Fr. *disport*, O.Fr. *desport* "pastime, recreation, pleasure," from *desporter* "to divert, amuse, please, play" (see *disport*). Sense of "to amuse oneself by active exercise in open air or taking part in some game" is from late 15c. Meaning "to wear" is from 1778. Related: *Sported*; *sporting*.

*sport* (n.) mid-15c., "pleasant pastime," from *sport* (v.). Meaning "game involving physical exercise" first recorded 1520s. Original sense preserved in phrases such as in *sport* "in jest" (mid-15c.). Sense of "stylish man" is from 1861, Amer.Eng., probably because they lived by gambling and betting on races. Meaning "good fellow" is attested from 1881 (e.g. *be a sport*, 1913). *Sport* as a familiar form of address to a man is from 1935, Australian English. The *sport of kings* was originally (1660s) war-making. (Online Etymology Dictionary, acesso em novembro de 2012)

<sup>35</sup> O *Old Etonians* um time fundando no ano de 1865, por Lord Arthur Kinnaird. O grupo foi considerado o último time amador da Inglaterra.

administração dos clubes nas mãos dos negociantes e outros dignitários locais, que sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para a indústria pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas acima de tudo, pela oportunidade de adquirir prestígio (HOBSBAWM, 1997, p. 297)

Essa polêmica, que marcou a primeira fase da esportivização dos jogos, vem sendo reelaborada em diferentes momentos, nos vários países para onde o futebol foi exportado, a partir da Inglaterra, ao final do século XIX. No Brasil, a polêmica foi acompanhada por outra, de caráter racial, com a exclusão dos negros no futebol<sup>36</sup>. Somente em 1930, que os primeiros negros começaram a participar de alguns jogos de futebol, mas com algumas restrições, pois ainda se acreditava que o jogador branco era superior ao jogador negro. O primeiro negro a ficar famoso e se tornar um ídolo do futebol brasileiro, democratizando assim o futebol, foi Arthur Friedenreich, filho de um comerciante alemão e de uma lavadeira negra brasileira. O seu gol levou o Brasil à vitória contra o Uruguai na final de 1919. Friedenreich até “ganhou” um choro em sua homenagem: "Um a Zero", de Benedito Lacerda, Pixinguinha e Nelson Ângelo. Mário Filho nos diz que a popularidade de Arthur se deveu mais ao fato de ele ser negro do que de ter marcado o gol e que, finalmente, o povo brasileiro começava a notar que o futebol podia e deveria ter em suas fileiras todas as cores e todas as classes (1964).

Uma vez adotado o profissionalismo no Brasil, no ano de 1933, e tendo sido abertas as portas também para os negros, o futebol passou, então a excluir as mulheres. As duas primeiras polêmicas – exclusão dos pobres e exclusão dos negros no futebol - se resolvem ainda em meados do século XX, já a polêmica em torno da exclusão das mulheres no futebol resolve-se a partir dos anos 1970, no que tem sido chamado de segunda globalização do futebol, quando o capitalismo se aprofunda transformando aos poucos e flexibilizando as relações de trabalho, enfraquecendo o vínculo clube-jogador, favorecendo a circulação de jogadores e com ela gerando lucros.

---

<sup>36</sup> Mario Rodrigues Filho em seu livro *O negro no futebol brasileiro* retrata com riqueza de detalhes a exclusão do negro dentro do futebol.

Damo (2007) nos fala que a profissionalização do futebol - um processo social - é, por definição, inacabada e compreende inúmeras transformações pelas quais a prática amadorística converteu-se num espetáculo de grande interesse do público e da publicidade. Há, contudo, que se problematizar a ideia de futebol-espetáculo. Em recente entrevista, Rial nos fala que:

o futebol sempre foi um espetáculo, aonde quer que tenha sido praticado, ele sempre foi um espetáculo. Mesmo que tenha praticantes amadores, tem gente assistindo (...), ele é um espetáculo, em diferentes sociedades, quando era um jogo, entre os Astecas, chutando cabeças, caveiras, entre maias com bolas de borracha, na China, no Cálcio, em qualquer sociedade ele teve praticantes e teve assistentes. Então ele sempre foi um espetáculo. E a sua esportivização, no final do século XIX, apenas acentuou este traço. O que eu acho que mudou é que ele agora é um tele-espetáculo (no sentido mais literal de tele, que vai além da televisão. (LUDOPÉDIO, 2012)

O que muda no sistema futebolístico, segundo Rial, é que o futebol agora é um tele-espetáculo e passa a ser consumido por outras pessoas e não somente por aquelas que vão aos estádios. Ela ressalta inclusive que, por ser um tele-espetáculo, o futebol sofre transformações em sua estética e na maneira como os clubes o praticam (LUDOPÉDIO, 2012). Além disso, o futebol agora possui um apelo comercial que passa a ser explorado por emissoras de televisão e de rádio, por patrocinadores e por marcas nacionais ou internacionais, Esse apelo recai não apenas sobre futebol, mas também sobre seus praticantes. Para um jogador de futebol, quanto mais exposto e valorizado pela publicidade e pelo público, mais prestígio, fama, dinheiro e valor no mercado futebolístico ele obtém. Ainda dentro dessa categoria da prática futebolística, temos a elaboração, a lapidação e a manutenção do dom - sinônimo de talento com a bola.

Ter dom não é a única condição para estar num centro de formação, pois o dom precisa ser lapidado, como afirmam os profissionais que trabalham nesses centros. Os atletas em formação normalmente têm uma percepção difusa sobre o assunto, mas nenhum deles jamais admitiria não ter

“bola no corpo”, outro termo equivalente para o dom. (DAMO, 2008, p. 140).

O dom é característica de valor positivo para jogadores de futebol. Quem possui o dom tem maiores possibilidades e chances de se tornar um profissional reconhecido e valorizado. O dom seria equivalente a um “cartão de visitas” com o qual o jogador comprova sua habilidade. O dom ainda é visto, pelos praticantes, como uma qualidade que antecede ao treinamento, logo natural e que “está no sangue”. Apesar de estar presente apenas em alguns jogadores, o dom pode ser aperfeiçoado, “lapidado” é o termo que se usa, o mesmo que para pedras preciosas, mas não incutido. O dom se tem ou não se tem e é substancial na visão nativa.

Estar em um centro de formação e tornar-se *profissional* da bola no Brasil, hoje, significa mais do que ter o dom. Profissional é quem possui carteira de trabalho assinada; tem a empresa contratante - clube - recolhendo os tributos e encargos como Previdência, Fundo de Garantia; recebe valores advindos dos direitos de imagem; recebe salário mensal; assina contratos, geralmente com um ano de duração, que regulamentam suas práticas e garantem seus direitos e deveres para com o clube; enfim, está amparado por leis federais que regulam e protegem os interesses do jogador e dos clubes/empresas. A principal lei brasileira que regula a prática desportiva nacional é a Lei Pelé, sancionada sob o número 9615/98, pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no dia 24 de março de 1998. A Lei criada para dar mais transparência e profissionalismo ao esporte nacional, recebeu alterações, inclusões e novas redações desde sua sanção. Conta com 96 artigos, dos quais destacamos alguns, sobretudo aqueles que regulam e explicam a categoria de esporte profissional no Brasil. As alterações feitas na Lei são mencionadas no corpo desta dissertação.

Art. 28. A atividade do atleta profissional é caracterizada por remuneração pactuada em contrato especial de trabalho desportivo, firmado com entidade de prática desportiva, no qual deverá constar, obrigatoriamente: (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011).

I - cláusula indenizatória desportiva, devida exclusivamente à entidade de prática desportiva à qual está vinculado o atleta, nas seguintes hipóteses: (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

a) transferência do atleta para outra entidade, nacional ou estrangeira, durante a vigência do contrato especial de trabalho desportivo; ou (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

b) por ocasião do retorno do atleta às atividades profissionais em outra entidade de prática desportiva, no prazo de até 30 (trinta) meses; e (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

II - cláusula compensatória desportiva, devida pela entidade de prática desportiva ao atleta, nas hipóteses dos incisos III a V do § 5o. (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).<sup>37</sup>

Art. 34. São deveres da entidade de prática desportiva empregadora, em especial: (Redação dada pela Lei nº 9.981, de 2000)

I - registrar o contrato especial de trabalho desportivo do atleta profissional na entidade de administração da respectiva modalidade desportiva (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011)

Ou seja, segundo a Lei Pelé, todo esportista no Brasil é considerado profissional se possuir um contrato que regularize sua situação junto à entidade da prática desportiva – o clube. O referido contrato deve ser registrado no órgão que administra a modalidade. Nele deve constar ainda alguma cláusula sobre rescisão. Pela mesma lei, é considerado não-profissional, ou amador, todo esportista que encontrar-se em plena liberdade de prática esportiva, ou seja, o esporte amador está marcado pela inexistência de contrato de trabalho, sendo, no entanto, permitido ao atleta receber incentivos materiais e de patrocínio (Lei 9615/98, acessada em outubro de 2012<sup>38</sup>)

---

<sup>37</sup> § 5º O vínculo desportivo do atleta com a entidade de prática desportiva contratante constitui-se com o registro do contrato especial de trabalho desportivo na entidade de administração do desporto, tendo natureza acessória ao respectivo vínculo empregatício, dissolvendo-se, para todos os efeitos legais: (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011).

I - com o término da vigência do contrato ou o seu distrato; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

II - com o pagamento da cláusula indenizatória desportiva ou da cláusula compensatória desportiva; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

III - com a rescisão decorrente do inadimplemento salarial, de responsabilidade da entidade de prática desportiva empregadora, nos termos desta Lei; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

IV - com a rescisão indireta, nas demais hipóteses previstas na legislação trabalhista; e (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

V - com a dispensa imotivada do atleta. (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

<sup>38</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm)

Carravetta (2006) nos fala que jovens jogadores do futebol, quando nas categorias de base, tendem a ficar menos tempo na escola regular (os centros de formação são chamados de “escolinhas”, por isso usaremos o adjetivo regular para nos referir à escolarização no primeiro e segundo ciclo) e que, não raro, abandonam de vez seus estudos, uma vez que recebem ajuda de custo para participar dos treinos e só se dedicam ao futebol. A carreira de jogador de futebol está associada à possibilidade de prestígio e fama iminentes, conforme aventou uma das Poderosas, no capítulo anterior: um pai prefere o filho jogador de futebol a vê-lo formar-se para ser um funcionário comum, como qualquer outro. Carravetta utiliza a categoria de *pseudoprofissão* para identificar jovens atletas das categorias de base no futebol de homens. Por *pseudoprofissão*, Carravetta compreende esses jovens que recebem ajuda de custo, alimentação, habitação, vale-transporte, assistência médica e odontológica para praticar o futebol – nota-se que não recebem salários.

Já vimos que, no Brasil, desde o ano de 1979, foi permitido às mulheres a livre participação no futebol. Deixando de ser uma prática ilegal, ganhava novas adeptas. Mesmo que a profissionalização do futebol de homens tivesse ocorrido apenas por volta da década de 1930, quando as Ligas Cariocas e Paulistas fizeram um acordo que previa uma multa, ou ressarcimento, pelas transferências dos atletas entre os clubes (OLIVEIRA, 2002), o futebol praticado por mulheres permaneceu, por muito tempo, como prática desportiva amadora. Somente com a criação da Lei Pelé, que regula os desportos nacionais, é que o futebol de mulheres começou a ser, mesmo que minimamente, organizado e profissionalizado.

Como já pudemos evidenciar, inclusão das mulheres no sistema futebolístico nem sempre veio acompanhada de plenos direitos, deveres e proteção. Jayne Caudwell nos lembra que, em alguns países como Brasil, China, Índia, Senegal, Nigéria e África do Sul, o futebol de mulheres vivenciou o “golden years”, assim denominado quando as atletas podiam jogar livres de problemas. Contudo, esses momentos não representam uma trajetória linear. Segundo ela, “in most countries, despite the evidence of the increasing numbers of players (...) women continue to face resistance to their active participation. This is most apparent in how playing opportunities for women lack financial resourcing and positive sociocultural support” (2011, p. 333).

No retorno à cidade de Foz do Iguaçu, em junho de 2012, para continuar os estudos sobre questões relacionadas à profissão e à migração de jogadoras de futebol no Brasil, deparei-me com atletas

bastante desanimadas – estado muito diferente de quando as conheci em outubro de 2011. O motivo: seus salários encontravam-se atrasados há dois meses. Esse desânimo reinante entre as jogadoras, deixava-as ansiosas, por conta da insegurança quanto à continuidade das atividades do time<sup>39</sup> e tornou-se um pouco pior quando, o então treinador Alekssandro, pediu desligamento. Em declaração à imprensa<sup>40</sup>, Gezi Damasceno, que assumia agora a responsabilidade pelo time, disse que o clube não conseguia mais sustentar suas despesas e que as contas estavam disponíveis para quem quisesse acompanhar. A informação foi seguida por uma nova onda de desânimo e de preocupação entre as atletas. O medo de serem mandadas embora, no meio do ano, portanto sem possibilidades de encontrar times que as pudessem contratar, levou algumas atletas, inclusive, a cogitarem abandonar a carreira de jogadora de futebol. O que elas relatavam, à época, era que as instabilidades e inseguranças vividas dentro do futebol de mulheres nem sempre compensavam a alegria e o amor pela modalidade. Felizmente, poucos dias após o retorno do campo – julho de 2012 - as jogadoras receberam os salários atrasados e retomaram suas atividades normais no time.

Em virtude dos acontecimentos, que culminaram com a minha chegada em campo, que consegui conversar bastante com as atletas sobre os aspectos que permeiam a questão da profissão e da profissionalização dentro do futebol de mulheres. Soube que no time, até então denominado Foz Cataratas Futebol Clube, nenhuma das atletas possuía carteira assinada, embora todas possuíssem um contrato de emprego e prestação de serviços. Este era assinado por elas – as contratadas -, pelo contratante – o time - e por mais duas testemunhas. Consegui ver um contrato de trabalho que seria devolvido à contratante no dia seguinte. As jogadoras não ficam em posse de uma via. No contrato não havia registro em cartório ou órgão competente/regularizador da modalidade. Ao menos na folha assinada pela jogadora, pela contratante e pelas testemunhas não havia carimbo de reconhecimento de firma ou selo/timbre visíveis.

Elas assinam um contrato nomeado de *Instrumento particular de contrato de prestação de serviços e uso de imagem* que regula uma série de direitos e deveres da jogadora para com o time e seus administradores. Contudo, como já percebemos pelas falas das atletas

---

<sup>39</sup> Vale lembrar que no início do ano de 2012, o Santos Futebol Clube, o 1º do ranking nacional do futebol de mulheres, encerrou as atividades por falta de investimento financeiro e patrocínio dispensando todas as atletas.

<sup>40</sup> Ver Anexos. Anexo 2.

com quem convivemos, nem todos os times de futebol operam dessa forma. Conforme relato da jogadora Marina, ela passou por times de futebol que não pagavam suas atletas, mas seguiam disputando campeonatos - locais, estaduais, regionais e nacionais – contra times que ofereciam melhores condições e estrutura como: salários, alimentação, transporte, residência às jogadoras.

Em acesso<sup>41</sup> ao site da Confederação Brasileira de Futebol, encontramos um Cadastro Nacional do Futebol Feminino, elaborado pela Diretoria de Competições da CBF, em maio de 2012, o qual nos mostra que o Brasil conta com 265 times de futebol praticado por mulheres<sup>42</sup>. Dentre esses times, é certo, encontram-se aqueles descritos pela jogadora Marina, nos quais as jogadoras não são remuneradas para jogar bola, e portanto não são profissionais, uma vez que não possuem contratos e nem vínculos de emprego com os clubes. É certo também que o número de times – 265 – não corresponda ao real, visto que à época da elaboração do Cadastro, times como o Avaí Futebol Clube e o Santos Futebol Clube já não mantinham suas atividades com atletas mulheres, e no entanto, figuram no rol. O que nos leva a pensar, inclusive quando observamos os sites utilizados pela CBF como fontes de pesquisa para a elaboração do Cadastro - [ogol.com.br](http://ogol.com.br) / [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br) / [wikipedia.com.br](http://wikipedia.com.br) – que o futebol de mulheres não é levado a sério enquanto esporte profissional. Se a própria Confederação Brasileira de Futebol trata com aparente descaso as esportistas mulheres registradas na Federação relegando-as a um pretensão amadorismo, quem as tratará profissionalmente?

Descrevemos aqui algumas especificidades encontradas no contrato assinado pelas jogadoras da cidade de Foz do Iguaçu. Na sessão que trata das Obrigações da Contratada, a atleta deve estar presente em todas as competições, jogos, treinos e coletivas de imprensa nos dias, locais e horários estabelecidos pela Contratante e sempre utilizando as roupas do time. A jogadora deve comprometer-se a estar disponível para todos os compromissos publicitários e cede o uso de sua imagem, sem qualquer ônus, à contratante. A jogadora não está autorizada pelo

---

<sup>41</sup> Acesso em 14/11/2012

<sup>42</sup> Acre 8 equipes; Alagoas 15 equipes; Amapá 7 equipes; Amazonas 3 equipes; Bahia 12 equipes; Ceará 11 equipes; Distrito Federal 17 equipes; Espírito Santo 13 equipes; Goiás 8 equipes; Maranhão 8 equipes; Mato Grosso 7 equipes; Mato Grosso do Sul 2 equipes; Minas Gerais 16 equipes; Pará 12 equipes; Paraíba 6 equipes; Paraná 6 equipes; Pernambuco 12 equipes; Piauí 7 equipes; Rio de Janeiro 13 equipes; Rio Grande do Norte 4 equipes; Rio Grande do Sul 25 equipes; Rondônia 5 equipes; Roraima 2 equipes; Santa Catarina 5 equipes; São Paulo 28 equipes; Sergipe 5 equipes; Tocantins 8 equipes.

contrato a exercer atividades de trabalho ou empresarial com o exercício da atividade esportiva.

Dentro da sessão Normas de Comportamento, as jogadoras são penalizadas em até 15% de seu salário caso cometam atitudes desrespeitosas em relação aos dirigentes, treinadores, colegas, atletas, jornalistas, público, árbitros e representantes da FIFA e da CBF. Sobre a Rescisão de Contrato, cabe à Contratante rescindir contrato por justa causa se a) a atleta não cumprir alguma cláusula do contrato assinado; b) se ficar doente ou sofrer algum acidente advindo de conduta desregrada; c) se a atleta for condenada, mesmo que temporariamente, por crimes não culposos; d) se a atleta se envolver com substâncias ilícitas; e) se a atleta se envolver em atividades anti-éticas que denigram a imagem da contratante; e) caso a atleta não apresente rendimento nas atividades dispostas pelo Contratante - treinamentos, amistosos, jogos e forma física.

Nas Outras Obrigações da Contratante, o time se responsabiliza por colocar à disposição das atletas uma estrutura técnica adequada, bem como materiais esportivos; compromete-se a pagar 30% do saldo do contrato, caso venha a rescindi-lo por outros motivos que não se enquadrem na justa causa; por fim responsabiliza-se ainda por tratar as lesões, contusões e fraturas ocorridas somente no âmbito de treinamento, amistosos e jogos em que a atleta tiver sua representatividade. Segundo as jogadoras, o tratamento contra contusões é realizado se, quando em campo jogando ou treinando, as atletas tiverem os pés enfaixados por gaze. Esse enfaixamento ajuda a prevenir lesões mais graves e é mais eficaz, segundo elas, quando realizado por um profissional fisioterapeuta.

Figura 10- Poderosas se enfaixando antes de amistoso – 14 de junho de 2012



Figura 11 - Poderosa enfaixando os pés.



Fotos: Mariane da Silva Pisani

Por fim, na sessão que descreve as Outras Obrigações da Contratada discorre-se que, caso a atleta se transfira para outra agremiação nacional ou internacional, caberá à Contratada, nos termos do Art. 28 da Lei 9615/98<sup>43</sup> – a Lei Pelé -, uma indenização de no mínimo 60% do valor total da remuneração acordada em contrato. Caso a transferência ocorra após rescisão do contrato - proposta pela atleta - a cláusula penal sofre uma redução para 50% do valor total do salário acordado. Embora com desdobramentos menores que a da antiga lei “do passe” - anterior à lei Pelé -, esta cláusula é uma proteção ao clube que limita a circulação das jogadoras.

Dentre as discussões levantadas aqui sobre as categorias *profissional* e *amador*, percebemos que o futebol praticado por mulheres ainda não pertence a nenhuma delas. Se por um lado as jogadoras de futebol no Brasil não podem ser consideradas amadoras, na medida em que recebem salários, assinam contratos – como é o caso do Foz Futebol Feminino – e passam a maior parte da sua vida jogando, por outro lado também não podem ser consideradas profissionais, uma vez que não possuem todos os direitos assegurados em lei<sup>44</sup>. Às vezes, precisam trabalhar, além de jogar para garantir seu sustento e, na maioria dos casos as atletas ainda seguem estudando. É Jean Williams quem melhor nos ajuda a definir a situação

under FIFA rules they would be considered professionals as they earn above their basic expenses from the game and in some cases spend most of their working lives playing it. However, most are more accurately semi-professional, as they either work in addition to football to support themselves or are studying at the same time (2011, p 5, grifo nosso)

Jean Williams faz ainda uma distinção entre três tipos de profissionalismo que o futebol de mulheres deveria percorrer para se estabilizar enquanto atividade desportiva reconhecida: o micro

---

<sup>43</sup> § 1º está claro que o valor da cláusula indenizatória desportiva será livremente pactuado pelas partes e expressamente quantificado no instrumento contratual, obedecendo os limites máximo de até 2.000 (duas mil) vezes o valor médio do salário contratual, para as transferências nacionais; e sem qualquer limitação, para as transferências internacionais. Já no § 2º da Lei, expressa-se que são responsáveis pelo pagamento da cláusula indenizatória desportiva o atleta e a nova entidade de prática desportiva empregadora.

<sup>44</sup> Ter carteira de trabalho assinada; ter a empresa contratante recolhendo os tributos e encargos como Previdência, Fundo de Garantia; receber valores dos direitos de imagem; receber salário mensal; assinar contratos.

profissionalismo no qual os indivíduos importantes podem ser identificados – por exemplo, quando reconhecemos por nome determinadas profissionais: Cristiane ou Marta -; o meso profissionalismo, momento de criação de maiores oportunidades nacionais e internacionais, através campeonatos e até a criação da Copa do Mundo Feminina; e o macro profissionalismo com uma multiplicidade de competições e torneios internacionais, onde as mulheres possam mostrar seu talento no futebol (2011), este último ainda a ser melhor desenvolvido.

## **1.2 – Profissão: Jogadora de futebol, mercadoria que ninguém compra**

Durante as entrevistas realizadas com as *Poderosas do Foz* algumas questões relacionadas à trajetória de vida e carreira foram abordadas e amplamente discutidas no capítulo anterior. Dos questionamentos surgiram discussões relacionadas à possibilidade de o futebol de mulheres ser considerado uma profissão. Das respostas obtidas, nenhuma foi contrária a esta posição: todas as jogadoras creem que o futebol é uma profissão e um meio de vida possível, contudo é pouco valorizado dentro do mercado esportivo e não oferece às suas atletas a possibilidade de uma aposentadoria dentro da modalidade – é raro que exista algum clube que pague INSS para as jogadoras. Certa tarde, enquanto realizava uma entrevista com uma jogadora, chegaram outras atletas para juntar-se a nós. Percebi ali uma boa oportunidade de abrir para elas a discussão relacionada à profissão e futebol de mulheres. Fui procurada pelas jogadoras, em alguns momentos, para conversar sobre questões relacionadas ao futebol e à profissão.

Como algumas atletas participavam dessa conversa, mas nem todas concederam entrevistas, vamos identificá-las aqui de dois modos: as que autorizaram o uso de suas falas e nomes, têm a autoria revelada; as que não o fizeram, mas expressão opiniões significativas para a compreensão do tema, aparecem sob rubrica “jogadora A”, “jogadora B”, e assim por diante. Algumas participantes da conversa não se pronunciaram, por isso acreditamos que todas se encontravam representadas nas opiniões emitidas pelas colegas durante a conversa daquela tarde. Conversamos sobre questões que envolvem a profissão de jogadora de futebol, entre elas a relação entre dirigentes, treinadores e as atletas; a existência ou não do dom futebolístico; a possibilidade de serem financiadas por empresários; o Bolsa Atleta; medidas de incentivo para o crescimento e valorização da profissão no Brasil.

### 1.2.1 – Técnicos e dirigentes

Desde o primeiro dia em campo, ainda em outubro de 2011, ouvi referências de algumas atletas sobre a existência de uma treinadora pela qual grande parte da nova geração de jogadoras de futebol passou. Uma reclamação comum entre as jogadoras é que no Brasil não existem escolinhas de futebol para meninas e que Magali, a treinadora mencionada, é uma das poucas mulheres que ainda ensina os fundamentos básicos do esporte para garotas<sup>45</sup>. Às vezes, lembrada com carinho, outras, pela rigidez com que tratava as meninas, Magali foi citada, muitas vezes, durante minha permanência em campo, como pessoa importante na formação de jogadoras de futebol no Brasil.

Miguel: Como você costuma comandar suas meninas? É linha dura, conservadora ou mais aberta para conversas, tipo mãezona?

Magali: Na verdade eu cuido de tudo no departamento de futebol feminino, da parte administrativa, dentro de campo, de cada atleta em particular, já que temos um lugar onde vinte atletas moram, então na verdade eu sou técnica, mãe, roupeira, massagista, médica, enfermeira, entendeu? Então o estilo de trabalho deve ser enérgico, tipo um Luxemburgo misturado com Felipão. Procuo ter um pouquinho de cada um para poder tocar, até porque a maioria das atletas é menor de idade. A coisa funciona mais ou menos assim, as meninas procuram o Juventus para se formar e crescer dentro do futebol. Elas saem de casa e passam a ser de minha responsabilidade. Assim elas devem ser tratadas como filhas, ou melhor, mais que isso. Ainda mais porque devem estar sob orientação constante e muitas não estão muito preocupadas em escutar e seguir o que passamos. Não gostam do que falamos, acham que estamos errados, e normalmente quebram a cara. Eu não acho que quebrando a cara é o melhor caminho para se aprender. Então eu mantenho essa rigidez para que as coisas saiam certinhas, para que não se erre, para não atrapalhar o jogo e a equipe. (MIGUELITO, 2012)

---

<sup>45</sup> Diziam-me as atletas que, se fosse preciso, ela segurava o pé das meninas e ensinava exatamente em qual lado da costura da bola bater para que o chute saísse com precisão.

É muito comum que, no futebol de mulheres, dirigentes, técnicos, massagistas e fisioterapeutas sejam homens, diferentemente de outros países onde a legislação, por vezes, obriga que seja uma mulher a técnica, como é o caso da Alemanha<sup>46</sup>. Conforme discutido no capítulo anterior, toda relação e interação social envolve certos tipos de poder, e no relacionamento jogadora-técnicos/dirigentes não poderia ser diferente. Há, no contrato de emprego, uma cláusula expressa sobre multa de 15% do valor salarial caso a atleta falte com respeito aos seus colegas e treinadores. Entretanto, não existe contrapartida que garanta uma reparação, seja através de multa ou de outros meios, caso algum direito da atleta seja ferido. Em campo, no time das *Poderosas*, não presenciamos, em nenhum momento, atitudes desrespeitosas, quer por parte das atletas ou dos técnicos, fisioterapeutas ou dirigentes. No entanto, várias jogadoras relataram episódios ocorridos ao longo de suas trajetórias pessoais, nos quais tiveram que enfrentar situações de assédio moral e sexual por parte dos integrantes homens das comissões técnicas; de massagistas que “passavam do limite” em suas massagens fisioterapêuticas; de técnicos que as agrediam verbalmente em virtude de suas orientações sexuais; de vigilância exacerbada em suas vidas particulares. Todas essas situações foram narradas, mais de uma vez, por diversas jogadoras em diferentes momentos de suas trajetórias no futebol. Em todas pediram sigilo. Na sequência, as atletas manifestavam a vontade de que o futebol de mulheres fosse também dirigido por mulheres.

Jogadora A: Há mulheres em outros cargos no futebol, aqui no Brasil acho que vi duas ou três, não vi muitas. Eu não sei se não é do interesse das jogadoras ou se as pessoas não acolhem. Mas seria muito bom se tivéssemos treinadoras, porque aí é uma pessoa que já viveu, então ela entende mais dos nossos sentimentos.

Mariane: De quais os sentimentos que você está falando?

Jogadora A: Eu digo de querer as coisas, ela tem o “feeling”. Sabe o que a gente tem, entende o que a gente está falando.

Mariane: Você acha que uma comissão composta por homens às vezes não atende à demanda? Falta,

---

<sup>46</sup> Ver Anexos. Anexo 5.

às vezes, possibilidade pra eles entenderem as meninas?

Jogadora A: Não generalizando, mas alguns que eram pra fazer a diferença não fazem.

O que vemos no Brasil atualmente é que as mulheres raramente aparecem em cargos de presidência ou em cargos de comando de equipes formadas por homens, tampouco estão presentes nas equipes “femininas” – a não ser em cargos tidos como “femininos” como psicólogas e nutricionistas. No ano de 2009, quando Patrícia Amorim assumiu a presidência do Clube de Regatas do Flamengo, tivemos uma mudança nesse cenário. Contudo, em se tratando de comando de equipes, continua sendo espaço predominantemente de homens, e isso, por vezes, traz algumas conseqüências que são inaceitáveis, como assédio e outros constrangimentos de ordem sexual. Nota-se que nos países onde o futebol praticado por mulheres é mais desenvolvido e valorizado – como Estados Unidos da América, Alemanha e alguns países nórdicos como Suécia e Noruega – as Seleções são treinadas por mulheres. Dos últimos cinco Mundiais Femininos (1995, 1999, 2003, 2007 e 2011), somente em 2003 e 2007 – ambas as edições vencidas pela Alemanha - a seleção campeã foi treinada por uma mulher. Esperamos que, em futuro próximo, não exista mais discriminação de sexo nas comissões técnicas e mesmo nas comissões de gerência dos clubes. Homens e mulheres poderão, então, treinar, massagear, “fisioterapeutizar” times, sejam eles de homens ou de mulheres, quem sabe até, times mistos.

### **1.2.2 – O dom**

Sobre as definições do que é o dom no futebol, Arlei Damo nos oferece uma discussão bastante detalhada. Para o autor, que estuda a formação de jogadores de futebol, o dom se apresenta como uma capacidade, uma habilidade e até mesmo um jeito diferenciado de correr, de dominar ou de bater na bola. Essa capacidade é observada por técnicos e olheiros que transformam, lapidam e manipulam esse talento através do trabalho em campo – em virtude disso, o dom pode ser algo passível de aperfeiçoamento ou desperdiçado.

O dom não é substância, mas representação. Trata-se de uma categoria importante, justamente porque consegue preservar uma dimensão intangível às definições, um mistério, portanto. Há sempre um

residual que não pode ou que não se deseja compreender, mas que reverbera no modo como se relacionam os agentes no interior do campo. Pode-se argumentar que os futebolistas são produzidos a partir do treinamento metódico nos centros de formação, mas sempre se pode contra-argumentar que nem todos os que são recrutados têm a mesma sorte. Há, portanto, diferenças no aprendizado e, por mais que tente precisá-las, haverá sempre uma possibilidade de questionamento. (DAMO, 2007, p. 200)

Ainda segundo Damo, o dom pode ser encarado como um “jeito”, um “isso” ou um “algo a mais” que o jogador possui e que não se consegue explicar, e que “não há como pensar o dom artístico e, particularmente, o dom futebolístico sem o público, pois o dom não sugere substância, mas relação, troca, circulação (...)” (DAMO, 2008, p. 193). O dom é também uma categoria nativa, internalizada por jogadores e treinadores, como podemos ver na fala abaixo. Entre estes homens, no entanto, ele é visto como substância que se reconhece ao olhar:

Fernanda: Aqui mesmo, eles [técnicos] sabem quando a pessoa é diferenciada. Eles têm olho para isso. Dá para saber e dizer, aquela lá tem o dom. Faz tempo, nós pegamos as meninas e começamos a falar cada uma que tinha o dom de jogar futebol. Quem não tem o dom tem a técnica. É aquela pessoa que joga bem, mas não é aquela que tem uma coisa a mais, não tem o dom.

Mariane: Acho que eu não conseguiria ver isso...

Fernanda: Não conseguiria? Se eu olhar assim, uns 10 minutos de jogo, eu já sei se tem o dom ou não. No jeito de jogar, no jeito que vai na bola, no jeito de driblar, todo o jeito de correr e dominar a bola, de dominar no peito. Então a gente sabe quando a pessoa sabe, quando tem aquele algo a mais.

Fernanda nos mostra que, assim como com os jogadores de futebol, as jogadoras também possuem dom. Ele pode ser administrado, transformado, lapidado e manipulado; contudo, diferentemente dos homens, as mulheres enfrentam muito mais obstáculos e preconceitos para iniciar suas carreiras – vide uma amiga da jogadora Adriane Nenê,

cuja a mãe proibia terminantemente de jogar. Como o dom pode vir a ser aperfeiçoado ou desperdiçado, é bastante comum que, no futebol de mulheres, muitos dons e talentos se percam ao longo do caminho. E se perdem, muitas vezes, por falta de incentivo social e familiar no início da carreira, por falta de locais adequados para o treinamento de meninas, por falta de apoio à modalidade por parte dos órgãos competentes, por falta de salários dignos que estimulem as atletas. Enquanto representação, o dom só é reconhecido socialmente como tal quando incide sobre agentes sociais tidos como capazes de expressá-lo – e, especialmente para gerações mais velhas, este não é o caso das mulheres no Brasil. A proibição de jogar da parte da mãe da amiga de Adriane, longe de ser uma exceção, é a regra que confirma a enorme discriminação que o futebol “feminino” continua sofrendo, mesmo depois de liberado oficialmente em 1979.

Jogadora B: Deus te deu um dom para um esporte, ele te deu um dom! E tem um filho da puta que fica lá no banco coçando o saco e que ganha cem mil, e você que se mata no dia a dia, joga, joga, joga, não ganha mil. Não mata isso? Não dá uma revolta? Auto estima vai lá para baixo. Para que eu vou me destacar e me destruir? Primeiro, os caras sempre olham as mesmas meninas, segundo não tem valorização. Eu jogo mesmo, eu dedico tudo porque eu gosto do que eu faço, mas não por causa de dinheiro, nem pensando que eu vou ficar rica com isso, que é uma ilusão.

Ficar rica, a “ilusão” de que fala a jogadora, passaria por ter acesso a bons contratos, o que no futebol praticado por homens é normalmente mediado por um profissional cada vez mais poderoso: o empresário.

### **1.2.3 – Empresários**

Nenhuma das jogadoras com quem conversei no time de Foz do Iguaçu possui um empresário. Elas contaram, inclusive, que é difícil para uma jogadora que tenha empresário conseguir algum contrato bom no Brasil, pois os times tendem a refutar aquelas que venham amparadas pela presença empresarial. Acredito que a fala mais significativa sobre a relação entre empresário e futebol de mulheres encontra-se no trecho abaixo:

Jogadora B: É difícil para gente ter empresário, porque o empresário quer também retorno, né? E muitas vezes o futebol feminino não dá retorno. Por que, vamos supor, eu estou aqui no Foz, com o que eu ganho eu vou repassar o que para o meu empresário? As que conseguem alguma coisa a mais já fizeram seu nome, já conseguem, pois estão contratos melhores no futebol. Agora as que começaram agora, fica mais difícil arrumar empresário, pela desvalorização do futebol feminino. Todo mundo que investe no futebol feminino quer ter retorno e não tem retorno porque não tem valorização.

Mariane: Não, mas o que precisaria para ter retorno?

Jogadora B: Igualdade como o masculino, as autoridades maiores deveriam olhar mais para o futebol feminino, a CBF, a presidente. Vou fazer uma comparação pequena para você já ver a diferença O Foz Cataratas feminino e o Foz do Iguaçu masculino, vai lá ver quanto os caras ganham e a diferença do reconhecimento do trabalho e da estrutura que eles tem. Por que é assim? Porque é masculino.

Mariane: Mas o dinheiro deles não vem de patrocínio também?

Jogadora B: Vem sim, mas eles ganham mais. Só que eles investem por quê? Porque são homens, porque sabe que pode dar retorno, porque se vender tem pra onde vender. A mulher não tem para onde vender, ninguém compra, você entendeu? É uma mercadoria que ninguém compra!

Bitencourt (2009) nos mostra que a presença de empresários para mediar a relação jogador-clubes ajuda e favorece a circulação de atletas dentro do meio futebolístico. Jogadores não são mais objetos de posse, contudo

Estão presos a relações contratuais com empresários e clubes, assim como atrelados a direitos federativos regulados pelos organizadores do esporte, a partir de uma complexa trama que envolve as quantidades e qualidades do capital de que o atleta dispõe para

compreender e interferir na regulação de suas opções e possibilidades (Bitencourt, 2009, p. 142).

Uma vez que não possuem empresários, a circulação de jogadoras de futebol fica comprometida. Quando ocorre é por falência de algum clube ou porque seus contratos findam. Sobre elas não incide nenhum valor de mercado, seja para a venda ou a troca entre clubes, pois as transferências - nacionais ou internacionais - não geram lucros ou renda. Bitencourt (2009) nos diz ainda que, através de empresários, jogadores conseguem bons contratos para atuar em grandes clubes e, dessas negociações, aqueles recebem tanto sobre as transações quanto sobre os salários dos atletas. Esta prática não existe no sistema futebolístico de mulheres.

#### **1.2.4 – O Bolsa Atleta**

Um dia em campo, acompanhei as jogadoras preenchendo o formulário do Bolsa Atleta. Perguntei-lhes como era o funcionamento, então elas me contaram que o Bolsa Atleta é um programa do Ministério do Esporte disponível para todas as modalidades esportivas no Brasil. Em visita ao site, encontramos alguns esclarecimentos. O programa visa “garantir uma manutenção pessoal mínima aos atletas de alto rendimento, buscando dar condições para que se dediquem ao treinamento esportivo e à participação em competições visando o desenvolvimento pleno de sua carreira esportiva” (Ministério do Esporte<sup>47</sup>), e concede ainda uma ajuda de custo, durante um ano, nas seguintes categorias: Bolsa-Atleta Categoria Olímpico/Paraolímpico, com valor mensal de R\$ 3.100,00; Bolsa-Atleta Categoria Internacional, com valor mensal de R\$ 1.850,00; Bolsa-Atleta Categoria Nacional com valor mensal de R\$ 925,00; Bolsa-Atleta Categoria Estudantil, com valor mensal de R\$ 370,00; Bolsa-Atleta Categoria Base, com valor mensal: R\$ 370,00 (Ministério do Esporte<sup>48</sup>). Em todas as categorias, o pré-requisito para recebimento da Bolsa é ter participado de algum campeonato na modalidade. Entretanto, para as categorias Estudantil, Nacional e Internacional é preciso ainda, além da participação, ter obtido alguma colocação entre o 1º e o 3º lugar nos torneios disputados.

Para a obtenção do Bolsa Atleta é necessário apresentar alguns documentos como a declaração da entidade de prática desportiva, no caso o time de futebol, atestando que o atleta está regularmente

---

<sup>47</sup> Ministério do Esporte. <http://www.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/> Acesso em novembro de 2012.

<sup>48</sup> Idem.

vinculado a ela e que participa regularmente de treinamento; declaração da entidade nacional de administração do desporto da respectiva modalidade, no caso a CBF, atestando que o atleta está regularmente inscrito junto a ela e que participou, no ano anterior, da competição esportiva máxima no âmbito ao qual pleiteia o auxílio. Este documento precisa ainda indicar o resultado obtido na competição. Contudo, conforme as informações no site do Bolsa Atleta, “a inscrição e o preenchimento dos requisitos fixados em Lei não garantem a contemplação com a Bolsa-Atleta. A concessão de Bolsas esta condicionada exclusivamente aos recursos financeiros destinados à Bolsa-Atleta e aos critérios técnicos fixados anualmente em Portaria” (Ministério do Esporte<sup>49</sup>).

Em conversa informal com uma funcionária da Confederação Brasileira de Futebol, soube que os atletas homens raramente pleiteiam esta bolsa, uma vez que seus salários são bons desde as categorias de base. Segundo ela, o reconhecimento e o tratamento dados ao futebol de mulheres são diferentes aos dispensados para o futebol de homens. Isto faz com que, por exemplo, a Seleção Principal das Mulheres seja menos valorizada – quanto se trata de visibilidade e até mesmo dos recursos financeiros dispensados a ela pela própria Confederação Brasileira de Futebol - que uma categoria de base do futebol de homens. A funcionária acredita que esta diferenciação de tratamento passa por uma questão de reconhecimento, uma vez que faltam apoio e patrocinadores, faltam investimentos, faltam escolinhas para as meninas.

### **1.2.5 – Incentivo e valorização do futebol de mulheres no Brasil**

Buscamos compreender ao longo desta pesquisa como é manipulada e elaborada a especialização da prática futebolística das mulheres. Entendemos que, assim como os homens, as atletas são reconhecidas também com o dom da bola ou a “bola no corpo” e que essas características de talento despontam quando ainda pequenas – conforme evidenciado no capítulo anterior. Desde crianças, as jogadoras buscam inserir-se no do futebol, contudo possuímos no Brasil um sistema sociopolítico desportivo que começou excluindo negros (FILHO, 1964) e pobres, e que continua por excluir mulheres. Muitas vezes, jogadoras não conseguem aprimorar seu dom, e esse pode inclusive se perder. Apesar de tudo o que falta, sobram idéias de como é

---

<sup>49</sup> Ministério do Esporte. <http://www.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/> Acesso em novembro de 2012.

possível melhorar o cenário futebolístico brasileiro na visão de uma atleta, ver Anexo 3.

Sabemos que a mídia de modo geral – jornais, rádios, televisão, revistas e outros meios – constitui um elemento preponderante na construção da carreira de um jogador de futebol (PISANI, 2011). Se o momento vivido pelo atleta for estável e favorável ele será bem aclamado, caso contrário, o jogador receberá duras críticas sobre suas atuações em campo e até menções sobre a sua vida pessoal (PISANI, 2011). É através da mídia que homens são transformados em mitos ou em vilões. As jogadoras de futebol não expuseram se os meios midiáticos possuem papel importante na construção de suas carreiras. Contudo, o time da cidade de Foz do Iguaçu tem todas as suas partidas transmitidas pela rádio *Transamérica Foz*. A jogadora Fernanda nos lembra que, mais do que ser amplamente noticiado, o futebol de mulheres deveria ocorrer em horários compatíveis com a presença do público:

Fernanda: Aqui no Foz qualquer jogo é transmitido pela rádio (...) o time do Foz é bastante prestigiado aqui [na cidade]. A torcida também está começando a prestigiar (...). Mas quem vai numa terça-feira, às três horas da tarde, assistir um jogo?

Os meios de comunicação apoiam, alimentam e expõem o mercado existente no sistema futebolístico, afinal, também recebem – assim como os empresários - sua fatia nos lucros do tele-espetáculo. Como transformar o futebol de mulheres em algo visível, consumido, rentável e valorizado se os horários determinados pelos reguladores da modalidade são impraticáveis para tais feitos? Se conseguirmos responder a essa pergunta, talvez possamos perceber que a mídia pode ajudar a transformar essas atletas em mercadoria de valor.

Essas mulheres, predominantemente negras e de origem humilde, quando escolhem o futebol como um meio de subsistência o escolhem “por amor”, mas sabem que serão mercadorias sem valor no sistema futebolístico. “Por amor”, contudo não parece dar conta de explicar as razões pelas quais essas mulheres escolhem esse projeto de vida e quais os benefícios que advindos dessa escolha. O prazer em chutar uma bola pode ser uma das respostas, certamente, não é a única. Miriam Grossi (2012), ao estudar um convento de freiras em Angelina, estado de Santa Catarina, mostrou que por trás da idéia de “chamado de Jesus” estava a possibilidade de as freiras saírem de casa no meio rural,

de estudarem, de evitarem um casamento - que as manteria em um trabalho igual ao de suas mães (casa – roça – filhos) - e de terem a oportunidade de viajar para a Europa, o que muitas, efetivamente, conseguiram.

Mariane: Qual a principal dificuldade que tu tinhas fora do país, na Suécia, quando jogavas?

Marina: Eu posso dizer que fui uma exceção, porque normalmente as atletas jogadoras enfrentam muita dificuldade. (...) Eu só jogava, eu só treinava e era a vida que eu pedia para Deus. Eu nunca reclamei de nada do que acontecia na Suécia, pelo contrário, todos os anos que eu fui, eu vivi muito a Suécia. Eu tinha muitos amigos, eu aproveitei demais culturalmente a Suécia, eu ganhava muito melhor do que eu ganhava aqui para trabalhar das 8 as 6 da tarde. (...) O fato de eu só jogar me dava um certo conforto. No começo a comida foi muito difícil, porque não era a mesma comida, os mesmos costumes. A língua foi um pouco complicada também, porque os primeiros cinco meses até você pegar... você colocar o ouvido para ouvir é muito difícil. (...) Sem conta o frio, porque a Suécia é um país muito frio, chega a fazer -30°C (...) às vezes passava o dia inteiro em claro, porque existe a escuridão na Suécia, que amanhece 11 horas, escurece às 13 horas e de repente, na época no verão, não anoitece. (...) Então eu sentia muita dificuldade, mas não posso reclamar de nada, eu gostava muito de lá (...), consegui comprar minha própria residência, ganhei mais do que eu devia e economizei bastante. Foi uma experiência maravilhosa.

A jogadora Marina, quando nos conta as dificuldades enfrentadas em sua emigração para a Suécia, levanta pontos que nos ajudam a compreender o que subjaz, à da escolha das jogadoras. Podemos pensar em uma série de hipóteses: maior independência, tendo em vista que passam longos períodos longe de suas casas; possibilidade de maior agência sobre suas vidas e escolhas pessoais (ORTNER, 2007a), de vivenciarem uma homossexualidade, de adquirir prestígio e fama, mesmo que pequenos se comparados aos dos jogadores homens. Essa escolha pode estar ainda relacionada com a classe social dessas

mulheres, pois mesmo ganhando pouco com o futebol, é mais do que ganhariam sendo empregadas domésticas ou ocupando profissões que remuneram menos, uma vez que grande parte delas não possui ensino superior. Sem contar que, dependendo do clube, as atletas não gastam com alimentação, residência e estudos.

Quando um time consegue uma boa colocação em campeonatos, as atletas recorrem ao Bolsa Atleta para aumentar seus rendimentos. Mas, é importante frisar que, apenas três dos aproximadamente 260 times de que se tem conhecimento no Brasil recebem por ano este auxílio. Os três melhores colocados na Copa do Brasil de Futebol Feminino garantem às suas jogadoras um dinheiro a mais no final do mês. Assim, atualmente 72 jogadoras de futebol no Brasil recebem o Bolsa Atleta, se considerarmos 24 jogadoras por time, contra mais de 6000 mulheres que, às vezes, não recebem um salário sequer. Milhares jogam bola e trabalham no contraturno para garantir renda. Mesmo que intitulem-se mercadorias sem valor, essas atletas esforçam-se tanto, ou mais, que atletas homens da mesma modalidade e ainda consideram o que fazem como uma profissão.

Jogadora B: Então o feminino é isso, é desmerecido o nosso trabalho. Não é que a gente não dá retorno porque a gente não faz por onde, a gente faz. Tem menina aí que joga até mais que um menino. Só que o que eu falo é o seguinte, você pega um perna de pau, um moleque, você tem para onde vender, nem que seja por uma mixaria, mas você vende. Você pega uma menina craque, não tem para onde vender.

Marina: Eu considero o futebol profissional, apesar de ele ser amador no papel, eu ganho para fazer isso, eu saio de minha casa às oito da manhã, eu chego em casa às sete horas da noite, trabalho dois períodos por dia, então eu considero isso como uma profissão. Seria egoísta, deixa eu achar outra palavra, seria amadora em dizer que a profissão é amadora, porque eu luto pela profissionalização dela.

Paula: Eu faço o que eu gosto. Não, o que eu amo! Então tem prazer, sabe. Tem gente que fala “futebol não é profissão” e futebol é profissão, sim. Como qualquer outra. Até em feriado a gente está treinando. Domingo, com sol, com chuva, estamos

jogando. Todo mundo no Natal está com a família e a gente não. Já passei o Natal assim, Dia das Mães, dos Pais, treinando. Aí falam que não é profissão? É uma profissão como qualquer outra. A gente treina, não sei se você acompanha, mas o que eu faço: a gente acorda, vai pro treino, volta, almoça, aí vou pra fisioterapia e chego 19h. É um treino? É um treino. É um trabalho? É um trabalho. E o Foz hoje? Bem a estrutura do Foz é fantástica. Tem muito a melhorar? Tem. Mas pro futebol feminino é top. Talvez tenha o Santos, porque está no Campeonato Paulista, que é muito mais disputado que o Campeonato Paranaense.

Figura 12 - Meninas e mulheres observando o jogo amistoso entre as *Poderosas do Foz* e o time de homens da categoria sub-16. Junho de 2012.



Foto: Mariane da Silva Pisani

Mesmo com todas as dificuldades que enfrentam ao longo da carreira, as jogadoras insistem e persistem na profissão. Felizmente, em um dos amistosos que pude acompanhar das *Poderosas do Foz* percebi que a plateia era composta quase que exclusivamente por mulheres. Meninas jovens, trajavado uniformes de futebol, estavam paradas do lado de fora do campo observando e acompanhando as jogadoras em ação. Durante o intervalo do jogo entre as *Poderosas* e um time de homens do sub-16, as garotas da plateia iniciaram uma brincadeira entre si. Em círculo, davam toques na bola, passando de uma para outra, o

clássico jogo do bobinho. No centro, uma pessoa em desvantagem – o bobinho - deveria encostar na bola para poder sair da berlinda. No meio da roda, um menino, único representante do sexo masculino encontrado entre as garotas.

Algumas leituras são possíveis dessa cena: perceber que a brincadeira com bola, no mundo infantil não faz distinção entre meninos e meninas, nem estabelece a supremacia daqueles sobre estas; nem cria preconceitos tão comuns e inculcados pelos adultos (pais, mães, técnicos); nem subverte a ordem, visto serem as meninas a estar em posse da bola, nem por isso o menino parece constrangido, submisso ou diminuído, como tantas vezes as meninas o serão enquanto crescem. Da observação daquele momento, nasce a possibilidade e o desejo de que um dia, na vida adulta, homens e mulheres possam ocupar os mesmos espaços, com os mesmos direitos, e a mesma valorização dentro do futebol. Por fim, uma pergunta, nascida das inquietações das próprias atletas e por uma delas externada, quando o assunto versa sobre profissionalização e profissão dentro do futebol:

Jogadora B: E é sempre a desculpa deles, quando a gente vai reivindicar alguma coisa eles falam: A maior culpada disso é vocês, é má informação de vocês, é mau profissionalismo de vocês. E a gente acaba se limitando.

Mariane: Já foram reivindicar alguma coisa e ouviram isso?

Jogadora B: Com certeza.

Mariane: E como foi?

Jogadora B: A gente vai reivindicar alguma coisa, pedir direito, salários atrasados, condições melhores de treino, e falam “primeiro façam a parte de vocês, sejam profissionais que depois fazemos a nossa”.

Mariane: Mas o que eles querem dizer com isso? Vocês não dão duro, não treinam e correm o dia inteiro?

Jogadora B: É uma pergunta que a gente faz todos os dias: Em que parte nós não estamos sendo profissionais?

## **2 – As migrações de jogadoras de futebol**

Descrever os deslocamentos migratórios de jogadoras de futebol é evidenciar como eles se entrelaçam às questões de globalização e mercantilização vividas no sistema futebolístico. Nos diria Marcos

Alvito (2006) que tudo aquilo que ocorre em um jogo de 2.<sup>a</sup> divisão regional, em um subúrbio qualquer, é resultado de uma configuração mundial, onde novas estruturas se formulam e se pensam o tempo todo. O esporte, aqui especificamente o futebol, é visto e compreendido como um evento globalizado. E é por isso que pode ser pensado enquanto integrador de diferentes níveis do sistema futebolístico mundial (RIAL, 2008). Para definir globalização recorremos a Anthony Giddens, que nos diz ser ela a intensificação das relações sociais em escala mundial, essas relações ligariam as localidades distantes entre si de tal maneira que acontecimentos locais são remodelados e ressignificados por eventos que ocorreram a milhas de distância e vice-versa. (GIDDENS, 1991).

O Brasil é atualmente um dos maiores exportadores de "pés-de-obra". Milhares de jogadores de futebol saem do país anualmente para atuar em times de outras localidades. Como já visto em outros estudos (RIAL, 2006, 2008, 2009; PISANI, 2011), a circulação dos principais nomes do futebol brasileiro passam pelos grandes centros de negócios futebolísticos como a Inglaterra, a Espanha, a Itália e a Alemanha. Estas localidades ditam algumas estruturas e lógicas do sistema futebolístico brasileiro, sobretudo para o futebol praticado por homens.

Apesar de as migrações femininas possuem um fluxo reduzido, se comparado numericamente ao fluxo migratório dos jogadores, o número de jogadoras que sai do país em busca de novas oportunidades de trabalho cresce expressivamente a cada ano e, desde o seu início, envolveu nomes importantes no futebol praticado por mulheres no país<sup>50</sup>. Segundo Nina Tiesler, nos últimos vinte anos um fenômeno totalmente novo surgiu nos estudos de gênero, migração, mulheres e esporte: a migração internacional de mulheres jogadoras de futebol. Segundo ela, "just as boys all over the world, also a growing number of girls dream about becoming a professional footballer and pursue this dream at intensively investing into their skills over years" (2011). Tiesler nos fala ainda que existem mais de 30 milhões futebolistas do sexo feminino registradas, apesar disso, ganhar a vida como jogadora de futebol só é possível em 17 dos 168 países listados pela FIFA. "This means for highly talented and skilled women in 90% of the countries that they actually have to leave their home in order to act as professionals" (TIESLER, 2011)

Lembra-nos Williams que "an international network of women's football existed from mid 1960s, while into the 1980s UEFA/FIFA were

---

<sup>50</sup> Dados verificados no site da Confederação Brasileira de Futebol.

debating there was sufficient depth in competitive women's football to host 'official' tournaments” (2011). Como exemplo ela cita a jogadora Sue Lopez, inglesa nascida em 1945, que jogou no Southampton Women's Football Club – Inglaterra - nas décadas de 1960 e 1980, mas transferiu-se, nesse meio tempo, para a Itália, para jogar pelos times de lá na década de 1970 (WILLIAMS, 2011).

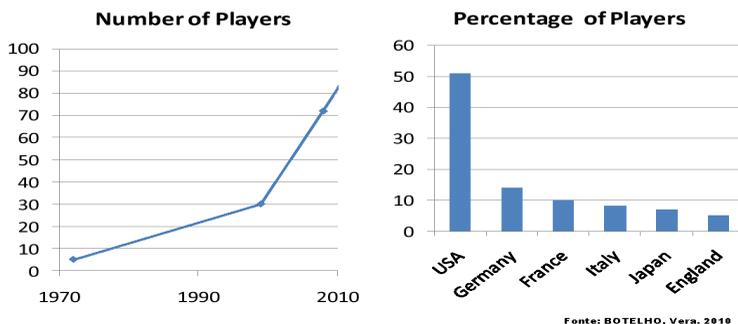
Assim como os homens que passam pelos grandes centros de negócio do sistema futebolístico, as mulheres também saem do Brasil em busca de novas oportunidades na carreira, porém, seguem outra tendência, uma vez que elas não fazem, em sua grande maioria, migrações para o continente Europeu. O destino mais visado por essas mulheres é os Estados Unidos da América. Em alguns trechos das falas das jogadoras, pudemos perceber que, nos EUA, o incentivo ao futebol de mulheres é dado ainda na infância.

Mariane: Isso é legal. Chegou a passar algum preconceito aqui ou lá por ser jogadora de futebol?

Adriane Nenê: Sempre tem, mas lá [Estados Unidos da América] não. Acho que até quando uma menina nasce, o pai já dá uma chuteira pra ela, porque lá é cultura deles as meninas jogarem futebol. Tanto que nas preliminares dos jogos, eles sempre colocavam meninhas de 5, 6 anos pra jogar, então já é cultura deles. Já aqui no Brasil não, por mais que a gente busque parar o preconceito, sempre tem alguma coisa, um cara machista que fala que futebol não é pra mulher, até as próprias mulheres mesmo, chegam e falam alguma coisa.

Thaís: Sinceramente, do tempo que eu fiquei lá [Estados Unidos da América], vi que desde pequena tem muito suporte para o esporte. O futebol é muito valorizado. Meninas com cinco ou seis anos já vão para escolinha, já aprendem a passar, a chutar, essas coisas. Coisa que aqui no Brasil não tem. Então você vai jogar bola na rua, igual a mim que jogava bola na rua com meu irmão e os amigos dele. Então o que acontece? Você sai driblando, você não tem um fundamento igual elas têm. Você não tem um professor pra orientar.

Figura 13 – Gráfico de Vera Botelho (2010)



A partir de uma pesquisa realizada por Botelho (2010) com jogadoras de futebol da Escandinávia, tomamos conhecimento de que o número de atletas que emigram cresce a partir dos anos 2000, e que a maioria sai para atuar nos EUA. Ainda segundo Botelho, as principais razões para as migrações de mulheres que praticam futebol são: experiência cultural “besides playing football I also wanted to have the adventure and to live in another country and work on another language (Sara-USA-2009)”; ganhos econômicos “the salary was not high but they offered me good living conditions: housing, car, extra-money for food (Merete-Germany-1999)”; fixar residência/novas oportunidades de vida “Yes, definitely. There are so many more opportunities in the US, especially in the sport world (Cecilie-USA-2007)”; por amor ao jogo “It was for the love of the game but also for the money (Pia-Italy-1985)” (BOTELHO, 2010). Ratificando o estudo de Botelho, as Poderosas do Foz, que já realizaram migração, foram em sua maioria para os Estados Unidos da América, sendo que apenas uma atleta foi para a Suécia.

A escolha dos EUA como o principal centro migratório das jogadoras dá-se pelo fato de que o futebol de mulheres nos EUA recebeu grandes investimentos ente os anos de 2009 e 2011, por isso, foi formada uma Liga Americana Profissional - denominada *Women's Professional Soccer* – para a realização de competições de alto nível de futebol praticado por mulheres. Fundada em 29 de março de 2009, nos serve como um indicador a apontar e a justificar o grande fluxo migratório jogadoras de futebol, a partir de 2010, para o país. Pelas entrevistas realizadas com as Poderosas do Foz, detectamos que, apenas uma dentre as atletas entrevistadas, migrou neste período compreendido

entre 2009 e 2011. Do Foz, somente ela foi chamada para atuar na *Women's Professional Soccer*. As outras atletas realizaram suas migrações em anos anteriores a 2009 e atuaram em Ligas Universitárias. A jogadora que foi para a Suécia também atuou em uma liga profissional sueca

A Women's Professional Soccer era composta por sete equipes nas duas primeiras temporadas (2009 e 2010) e seis equipes na temporada de 2011. Entretanto, em 30 de janeiro de 2012, a liga anunciou a sua suspensão. Em site norte americano, o *The Onion*, foram elencadas de maneira irônica, refletindo preconceito e machismo, as razões pelas quais a Women's Professional Soccer (WPS) chegou ao fim:

1) Most teams had fewer than one Hope Solo<sup>51</sup> on their roster at any given time; 2) Tried to establish teams in markets where women's soccer isn't traditionally watched, such as the United States; 3) Turns out there are already web sites that stream video of kicking women that don't require a sham sports league organized as a cover; 4) The shared vision of giving little girls strong, positive role models not actually shared by anyone; 5) Missed the mark on the first maxim of sports business: Market to 18-39 year-old men with sad, empty lives; 6) The few televised games the league managed to air were in competition with the ability to turn the TV off and go to sleep; 7) Many of the best players chose a more lucrative career path, such as unemployment<sup>52</sup>

Entretanto, as causas oficiais para o fim da WPS foram as lutas internas existentes entre as pessoas da organização, a falta de recursos investidos e o pouco retorno financeiro obtido<sup>53</sup>.

Adriane Nenê: Por exemplo, morava no mesmo condomínio: Eu, Érika e a Formiga. Só que a Formiga morava em outro apartamento, e no outro morávamos eu, a Érika e mais duas americanas. As

---

<sup>51</sup> Goleira norte americana reconhecida como umas das melhores atletas da WPS.

<sup>52</sup> <http://www.theonion.com/articles/why-womens-professional-soccer-failed-in-the-us,28336/>  
Acesso em novembro de 2012

<sup>53</sup> [http://espn.estadao.com.br/noticia/238370\\_LIGA%20AMERICANA%20DE%20FUTEBOL%20FEMININO%20E%20CANCELADA%20E%20MARTA%20DEVE%20VOLTAR%20PARA%20FUTEBOL%20SUECO](http://espn.estadao.com.br/noticia/238370_LIGA%20AMERICANA%20DE%20FUTEBOL%20FEMININO%20E%20CANCELADA%20E%20MARTA%20DEVE%20VOLTAR%20PARA%20FUTEBOL%20SUECO) Acesso em novembro de 2012.

outras jogadoras moravam em outros lugares. Tinha um carro pra nós quatro, como não tínhamos carteiras, as duas de lá é que dirigiam. Eles pagavam o carro, mas a gasolina não. Éramos responsáveis pelo carro, a gente podia fazer o que quisesse, como passear. Tinha tudo e alimentação também. A gente recebia a cada 15 dias, não era por mês, era por quinzena, era dia 15 e dia 30. Se o dia 15 caísse no domingo, eles depositavam dia 13, na sexta, nunca depois, sempre antes. Coisa de outro mundo. Estava até conversado sobre isso ontem, acho que foram os custos muito altos, os salários altos de algumas jogadoras [que levaram à extinção da Liga]. A princípio tinham contratos de 2009 a 2011, que durou só esse tempo mesmo, todos esperavam que durasse mais. No primeiro ano, tinha sete times, e aí, no segundo ano, o time que foi campeão, que foi o time da Marta, quebrou, faliu.

Mariane: Mas tinha patrocínio pra esse time?

Adriane Nenê: Tinha, todos os times tinham. Mas o nosso não tinha, era só um cara que bancava tudo. Daí, no ano seguinte, eles levaram a Marta pra lá, porque a Liga era quem escolhia as jogadoras que iam pra cada time. Eles escolheram a Marta. O patrocínio, que era do *Los Angeles*, pelo qual ela jogava foi junto com ela para o meu ex-club. Acho que foi até por isso que quebrou o time. No outro ano da Liga - em 2011, último ano - esse meu ex-club foi campeão em 2010, e em 2011, quebrou também. Acho que o custo é muito alto, todo ano algum time saía, provavelmente por questões de custo mesmo. Mas, com certeza, a coisa que mais tenho de importante no meu currículo, foi de ter jogado em uma Liga Profissional Americana.

No início da primeira liga, em 2009, era permitido a cada time norte americano assinar contrato com até cinco jogadoras estrangeiras, a escolha das atletas foi realizada pelo sistema *draft*<sup>54</sup>, que significa recrutamento. O *draft* existe para garantir o equilíbrio da competição e através dele cada equipe de futebol de mulheres teve direito a escolher uma atleta estrangeira, por rodada, para compor o grupo. Nos Estados Unidos o *draft* mais famoso é o da Liga de Basquete - a NBA -

---

<sup>54</sup> Fonte: <http://www.draftbrasil.net/blog/sobre-o-draft/> Acesso em novembro de 2012.

chegando a ser amplamente televisionado para todo território estadunidense. É interessante notar que quatro das cinco primeiras jogadoras estrangeiras escaladas para atuarem na Liga, no ano de 2009, eram brasileiras<sup>55</sup>.

Tabela 2 – Rodadas do *draft* em 2009 na Women's Professional Soccer – EUA.

<p><u>1ª Rodada</u>            Bay Area: <b>Formiga</b> (Brasil)            Boston Breakers: Kelly Smith (Inglaterra)            Los Angeles: <b>Marta</b> (Brasil)            St. Louis: <b>Daniela</b> (Brasil)            Chicago Red Stars: <b>Cristiane</b> (Brasil)            Washington Freedom: Homare Sawa (Japão)            Sky Blue FC(NJ/NY): Sarah Walsh (Austrália)</p>	<p><u>3ª rodada</u>            Bay Área: Eriko Arakawa (Japão)            Boston Breakers: <b>Maycon</b> (Brasil)            St. Louis: Lotta Schelin (Suécia)            Washington Freedom: Lisa De Vanna (Austrália)            Chicago Red Stars: Karen Carney (Inglaterra)            St. Louis Melissa: Tancredi (Canadá)            Sky Blue FC (NJ/NY): <b>Ester</b> (Brasil)</p>
<p><u>2ª Rodada</u>            Bay Area: Christine Sinclair (Canadá)            Boston Breakers: <b>Fabiana</b> (Brasil)            Los Angeles: Aya Miyama (Japão)            Washington Freedom: Sonia Bompastor (França)            Chicago Red Stars: Heather Garriock (Austrália)            St. Louis: <b>Renata Costa</b> (Brasil)            Sky Blue FC (NJ / NY): <b>Rosana</b> (Brasil)</p>	<p><u>4ª rodada</u>            Bay Area: <b>Erika</b> (Brasil)            Boston Breakers: Shinobu Ohno (Japão)            Los Angeles: Duan Han (China)            Washington Freedom: Louisa Necib (França)            Chicago Red Stars: Caroline Jonsson (Suécia)            Los Angeles: Margret Lara Vidarsdottir (Islândia)            Sky Blue FC (NJ/NY): Kelly Parker (Canadá)</p>

Fonte: [www.socceramerica.com](http://www.socceramerica.com). Tabela feita por Mariane da Silva Pisani

Já no primeiro ano de competição da Women's Professional Soccer, dez jogadoras brasileiras estavam inscritas na Liga - contra quatro japonesas, três australianas, três canadenses, duas francesas, duas inglesas, duas suecas, uma chinesa e uma islandesa - Formiga, Marta, Daniela, Cristiane, Fabiana, Renata Costa – atualmente uma Poderosa do Foz -, Rosana, Maycon, Ester e Erika migraram em 2009 de seus times para jogar nos Estados Unidos da América, numa evidente

<sup>55</sup> <http://www.socceramerica.com/article/28601/brazilians-dominate-womens-international-draft.html> acesso em novembro de 2012.

valorização do “pé-de-obra” da jogadora brasileira no exterior. Mesmo que no Brasil a mulher jogadora de futebol seja uma mercadoria sem valor, conforme declara uma Poderosa, no exterior, as brasileiras são lembradas e contratadas quase sempre como primeira opção.

Adriane Nenê: Bem eu joguei em 2009 (...) aí veio o convite para jogar a Liga Profissional Americana, nos Estados Unidos.

Mariane: Como é que foi esse convite?

Adriane Nenê: Lá eles têm uma lista que eles chamam DRAFT que são das jogadoras que geralmente disputam na Seleção principal ou que disputam o Mundial ou as Olimpíadas, pelas suas Seleções. Só que meu nome não estava nesta lista, meu nome não estava nesse DRAFT, justamente por eu nunca ter disputado uma Olimpíada e nem um mundial pela Seleção principal, só pela sub20. Estavam a Erika e a Formiga, que foram escolhidas para jogar nesse time lá da Califórnia. O técnico lá deste time estava assistindo o nosso mundial sub20, e tem a Sissi, aquela que todo mundo conhece e sabe que foi a segunda melhor do mundo, bem, ela era auxiliar técnica lá e eles estavam assistindo ao mundial. A Sissi estava conversando com a Erika, para acertar os detalhes da ida dela ir para fora, e a Sisi perguntou sobre mim se eu era atacante: "A Nenê, nosso técnico aqui viu ela jogando e queria trazer ela para cá", e aí a Erika falou "eu vou conversar com ela, ver se ela se interessa". Quando ela veio me falar eu pensei "nossa, você está brincando comigo" e ela "não, eu estou falando sério, eles te viram jogar".

Mariane : Então eles chegaram em você através da Erika?

Adriane Nenê: Sim, como a gente estava no Mundial e jogando, e a Erika também participava ela foi e perguntou. Ela falou "o Albertin - que era o técnico - tinha assistido alguns jogos e se interessou para te levar para lá". E ele meio que estava abrindo uma exceção, porque para ter jogadoras estrangeiras, elas precisam estar nesta lista do DRAFT. E eu falei “poxa, será que eu ainda preciso falar isso, será que eu vou aceitar?! (risos)”. Não tinha nem como recusar. Porque assim, eu sempre

ouvi propostas de ir para fora, mas sempre tive muito medo. "Sou empresário, vou te levar não sei pra onde", mas eu sempre falei assim "eu vou, pretendo ir sim, eu quero jogar fora. Mas eu só vou quando for uma coisa, quando eu sentir que for uma coisa séria de verdade. Se tiver alguém que eu conheça para ir junto comigo melhor ainda. Então eu vou esperar uma oportunidade assim". E aí, surgiu.

Marina: Nesse período [em que estive em BH], teve uma jogadora que foi chamada para jogar fora do Brasil, só que ela não podia ir sozinha por causa da idade que tinha. E ela chegou e fez um convite para as meninas dizendo quem podia levá-la para fora, pois ela tinha uma proposta. A princípio eu não me interessei, porque não me interessava em ir, mas depois eu fiquei pensando: "eu vou lá, um mês, depois volto". Era uma proposta para a Suécia (...). Aceitei a proposta de levá-la para fora e foi aí que consegui sair do Brasil, mas não para jogar, fui como acompanhante. (...) Mas como destino existe e eu acredito nele, o primeiro amistoso que ela foi fazer na Suécia, contra um time de outra cidade, o governador da cidade veio pedir um autógrafa para ela, no vestiário do time dela, eu estava junto. Ele brincou com o meu tradutor e disse "Será que essa menina não joga também?". O tradutor traduziu e eu balancei a cabeça falando que sim. E aí ele perguntou qual era a minha posição e eu falei que era zagueira. Ele brincou e disse "nossa, o nosso time está precisando de uma zagueira! Você não quer fazer o teste?". Entre ele falar e eu estar dentro de campo demorou mais ou menos uns quinze minutos, porque ele me arrumou chuteira, meia, calção. (...) No outro dia, eu era destaque no jornal, eu tinha jogado bem, e duas semanas depois, eu tinha contrato nesta equipe.

Thaís: Meus pais só deixaram ir porque ela [Mayara, a amiga] estava lá [nos Estados Unidos da América] também, e tinha outra amiga dela por lá. Só que a Mayara mudou de faculdade e eu estava me sentindo sozinha, não conseguia arrumar amigo.

E o que eu fiz? Levei 3 melhores amigas minhas que jogavam comigo em Santa Catarina.

Mariane: E pode indicar assim?

Thaís: Pode. Eles amam brasileiros. Então você indica e eles levam (...). Eles dão muito valor para as brasileiras. Eu era bem valorizada, a Mayara era também. Todas as meninas com quem eu conversei eram bem valorizadas por esse diferencial.

Mariane: Bem valorizada como? O técnico tratava melhor?

Thaís: Tratava diferenciado. Na minha faculdade tinha um teste físico para fazer. Corrida, corrida, corrida! Para eles, futebol é muita corrida, e eu não sou muita boa com o físico. Igual hoje, eu estava correndo e fiquei muito cansada, sinto muito essas coisas. Ele falava “quem não passar nesse teste não vai jogar”. Só que eu não tinha passado no teste e ele deixava uma menina de fora e me colocava para jogar, entende? Eu reprovei em uma aula, e teve uma jamaicana que reprovou também, e o que ele fez? Cortou parte da bolsa dela, a alimentação e a deixava no banco. E ele não fez isso comigo.

Jean Willians levanta, como característica marcante do futebol de mulheres, a existência das redes informais que se criam entre as jogadoras que atuam fora do país. Segundo as Poderosas que já atuaram fora do Brasil, essas redes funcionam da seguinte forma: quando uma jogadora é descoberta por um olheiro e recebe o convite para jogar ela geralmente aceita a oportunidade e migra. Chegando ao exterior, o técnico do time estrangeiro menciona a necessidade de alguma outra jogadora e elas prontamente indicam uma atleta que esteja no Brasil. O técnico contata a atleta indicada, que geralmente é amiga da jogadora que já está no exterior, e faz o convite para que ela também jogue no time. As atletas entrevistadas deixaram bem claro que, mais do que ser uma boa jogadora, é preciso ter um círculo de convivência e de relacionamento muito bom. Não adianta só ir para os treinos e jogos e fazer gols. Se fora de campo a atleta não tiver um bom relacionamento com as colegas, menores serão as chances de ser lembrada no exterior. Além de Adriane Nenê e Marina, duas outras Poderosas também foram contratadas para atuarem em times no exterior. Entretanto, não eram times profissionais, como no caso das duas primeiras atletas. Paula e Thaís foram chamadas para atuar em times da Liga Universitária nos Estados Unidos.

Mariane: E como você recebeu a proposta para jogar em outro país?

Thaís: Eu estava com meu pai na praia e tinha olheiros vendo. Tinha um técnico que já tinha conversado com a Mayara [na época da entrevista ela também era uma das Poderosas], que é minha amiga. Ela quem me indicou lá. Como eles já tinham me visto também, então eles concordaram. Eles estavam precisando. Eles vieram para ver ela [a Mayara]. Como eu estava lá também e eles gostaram, me chamaram. Mas o meu pai só deixou mesmo por conta da faculdade.

Mariane: E eles te deram uma bolsa de estudos? E o que você estudou?

Thaís: Como eu não sabia inglês, fui para uma escola chamada “Junior College” que é para internacionais [estrangeiros] ou americanos que não alcançam uma nota, porque lá você não faz vestibular.

Mariane: Então você foi com o pretexto de jogar futebol por essa faculdade?

Thaís: Isso. É uma faculdade de 3ª Divisão

Mariane: E o que é uma faculdade de 3ª Divisão?

Thaís: Tem o futebol “top dos tops” de onde saem as meninas que vão pra Seleção Nacional, que ganham pra jogar. Lá nos Estados Unidos todo mundo que joga profissionalmente passa pela faculdade, passa por onde passei. Só que como eu não sabia inglês, eu não podia ir para uma faculdade de 1ª Divisão.

Mariane: Então a divisão é pela faculdade?

Thaís: Isso.

Paula: Fui pros EUA, voltei pro Brasil e voltei pra lá. Lá joguei em uma liga que não é Profissional, porque tem a Profissional nos EUA, que é a liga número 1. E aí tem uma liga que é abaixo. Eles fazem um contrato, mas assim, funciona desse jeito: você estuda em uma universidade e tem um período de férias de verão que é o *summer*, que eles chamam de *Summer Week*. São três meses que pega maio, junho e julho. São esses três meses que você joga. As equipes de níveis muito fortes, por exemplo, tinham meninas que eram da Seleção Americana e

que não tiveram uma chance na Liga Profissional (...). Eu fui pra lá, estava estudando nos Estados Unidos e fui achar um time pra jogar essa Liga Americana. Joguei os 3 meses. (...) Além do que na Estudante, na Liga Universitária, você não pode receber dinheiro porque você já recebe a bolsa, a alimentação. Também não podem saber que você jogou no Profissional.

Mariane: Chegou a jogar na Liga Universitária?

Paula: Então, joguei na Liga Universitária, acho que por dois anos. Já na primeira vez que eu fui. E depois eu fui pra essa “segunda” liga, mas eu não recebi. No mesmo ano em que eu fui jogar essa segunda liga, montaram essa liga profissional [a WPS].

Mariane: E como é que se deu essa mudança de uma liga pra outra?

Paula: Você tem sites pra buscar. Eu fui acompanhando os times. Eu falei que queria conhecer a Califórnia porque eu morava em um lugar totalmente diferente, morava no Kentucky, perto do Tennessee. E tem uma lista de todos os times, então procurei o time da Califórnia. Entrei em contato com o cara, conversei com ele, mandei o vídeo e o DVD. E aí beleza.

Mariane: A Thaisa foi por intermédio do pessoal que a viu jogando e chamou-a para ir. Foi diferente, não?!

Paula: Ah, é que talvez, não sei. Quando eu fui não tinha nenhuma brasileira lá. Não tinha amigas lá, entendeu?

Jean Williams nos diz ainda que existem questões maiores e mais complexas relacionadas à migração que podem ser abordadas quando o assunto é futebol praticado por mulheres. Segundo a autora, o futebol das mulheres é negligenciado, excluído do sistema esportivo e ainda sofre com a falta de apoio econômico, como foi o caso da Liga Profissional Americana que decretou falência depois de três anos de atuação. Em virtude desses fatos, da instabilidade que assola as ligas/torneios, os clubes e as jogadoras promovem uma migração, por vezes forçada (2011). Pudemos evidenciar isso em campo. Uma das Poderosas com quem conversamos em junho de 2012, era, até o início daquele ano, jogadora do Santos Futebol Clube, time do litoral do estado de São Paulo. Entretanto, o time já não possuía mais condições

financeiras de sustentar a equipe de mulheres e resolveu pela sua dissolução em janeiro de 2012. A atleta viu-se obrigada, então, a procurar outro time para continuar a jogar, ou teria de encerrar sua carreira. Contatou alguns times do estado de São Paulo, mas acabou aceitando a proposta do time da cidade Foz do Iguaçu. Assim, a jogadora que antes atuava em São Paulo teve que deslocar-se para o oeste do Paraná para dar continuidade a sua carreira. É bastante comum no cenário do futebol de mulheres que times declarem problemas financeiros e a quase falência, como foi o caso do time de Foz, que em junho de 2012, anunciou não estar mais conseguindo arcar com as despesas<sup>56</sup>. Essa instabilidade de que nos fala Williams, e que assola o futebol de mulheres em nível nacional ou internacional, faz com que muitas jogadoras troquem anualmente de times, ora porque estes fecham, ora porque não podem mais manter todas as atletas na equipe.

O Ministério das Relações Exteriores elaborou uma cartilha intitulada “Orientações para o trabalho no exterior: modelos, jogadores de futebol e outros profissionais brasileiros”. Segundo a cartilha, na sessão destinada aos jogadores de futebol, a FIFA prevê duas formas regulamentares de transferência ao exterior de jogadores e jogadoras:

(A) para jogadores profissionais de futebol: por intermédio do Sistema Internacional de Transferência (Transfer Matching System – TMS em inglês), em vigor desde 2010, pelo qual a federação estrangeira pede a transferência à CBF; e (B) para jogadores de futebol amadores, jogadores de futebol de salão e jogadoras de futebol/futsal: por intermédio da Certidão de Transferência Internacional (International Transfer Certificate – ITC em inglês). (Ministério Das Relações Exteriores, 2012).

Sendo assim, atletas de futebol/futsal que sejam transferidos através desses dois mecanismos contam proteção jurídica do sistema FIFA e podem recorrer ao órgão em caso de dificuldades trabalhistas no exterior. Assim como quaisquer outros migrantes que buscam condições melhores de vidas em outros países, as jogadoras de futebol também passam por inúmeras dificuldades, entretanto nenhuma das que foram relatadas exigiram que a atleta recorresse à Embaixada Brasileira no exterior, ou contatasse a FIFA para saná-las. O ponto é que, diferente

---

<sup>56</sup> Ver Anexos. Anexo 2.

dos jogadores de futebol, as mulheres não possuem empresários que as auxiliam na adaptação ao novo país. Geralmente, essa ajuda vem de outras jogadoras brasileiras que já estão atuando no exterior. Nas redes informais criadas entre si, essas mulheres reforçam seus laços de amizade e garantem uma permanência maior nos times fora do Brasil, ajudando-se mutuamente na solução das dificuldades encontradas.

Mariane: É mais seguro ir com uma colega?

Adriane Nenê: Não que é mais seguro, mas você se sente mais seguro tendo alguém que você conhece do que você ir só, ir assim, deve ser muito difícil. Eu tinha isso na minha cabeça, de ser melhor se alguém fosse comigo. Daí coincidiu de dar tudo certo, o primeiro convite pra jogar fora veio de uma amiga para jogar na Liga Americana Profissional.

Além das dificuldades iniciais inerentes à saída, as jogadoras mostram que nem sempre a adaptação ao novo país é um processo fácil.

Adriane Nenê: Lá [nos Estados Unidos da América] tinha a Sissi [ex-jogadora brasileira] que era a auxiliar técnica. As coisas que precisavam traduzir ela dava uma força pra gente, no começo ela falava tudo. A gente entendia uma coisa ou outra, mas com o tempo a gente começou a entender legal. Tinha muito brasileiro no lugar onde a gente estava. (...) O pessoal era sempre disposto a ajudar, chamavam a gente pra ir almoçar na casa deles, todo lugar por onde a gente passou tinha brasileiros, e quando chega brasileiro de fora é como se estivesse recebendo alguém da família. Eles são muito receptivos, sempre chamavam a gente para ir a casa deles, só que a gente não podia. Era do aeroporto pro hotel, do hotel pro estádio e voltava, não tinha tempo, mas era muito bom porque a gente se sentia um pouco em casa, todo lugar que a gente ia achava alguém falando português.

Mariane: E saudade de casa, tinha muita?

Adriane Nenê: Muita, eu já estava louca. E olha que fiquei só sete meses. A gente não passou dificuldade nenhuma, nem com relação ao idioma ou a comida, mas mesmo assim estava louca pra voltar pra casa, porque é diferente, a cultura é diferente, o calor humano é outra coisa.

Mariane: O que tinha de tão diferente?

Adriane Nenê: A forma de eles serem mesmo é um pouco mais frio, mais fechado, e eu acho que a gente transformou um pouco. Aqui a gente se vê, beija e dá abraço, e eles são mais fechados. A gente chegava fazendo bagunça dentro do vestiário, a Formiga é uma palhaça só! Era engraçado, então mudava um pouco o espírito.

Paula: A primeira semana lá [EUA] foi muito difícil. Porque a alimentação deles é muito diferente. Porque assim, a gente lida com todos os tipos de atletas: futebol, basquete, vôlei. E você vê a alimentação de um cara do basquete, tu vai almoçar - eu comia arroz, brócolis - e eles comiam três hambúrgueres com batata frita. Os caras tinham dois metros então é muita diferença, sabe. E americanos, a alimentação deles é muito diferente. Eu sofri muito quando cheguei lá. Emagreci cinco quilos em uma semana.

Sobre processos migratórios, Glauca Oliveira de Assis nos lembra que nas teorias migratórias da década de 1970 “havia um pressuposto de que os homens eram mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade” (2007, p. 749). Esse pressuposto favorecia a ideia de que a migração era uma ação racional e individual dos homens e que as mulheres estariam confinadas a um papel secundário nesse processo, ou seja, ficariam na qualidade de apoio e suporte para esses homens migrantes. Ainda segundo Oliveira de Assis, “as imigrantes contemporâneas beneficiam-se da expansão das oportunidades educacionais e de emprego, além de uma legislação liberalizante no que se refere ao divórcio e às discriminações de gênero” (2007, p. 750). Isso fica evidente na migração das Poderosas Paula e Thaisa, que aproveitaram a oportunidade para estudar enquanto realizavam suas migrações profissionais. Elas saíram e aperfeiçoaram seus estudos ao mesmo tempo em que praticavam o futebol. Mesmo que não tenham atuado pela Liga Profissional Americana, o fato de terem essa experiência internacional em outros clubes é um aspecto levado em consideração no momento de discutir salário quando retornam ao Brasil para darem continuidade as suas carreiras nos clubes daqui.

Outro ponto interessante ressaltado por Oliveira de Assis diz respeito às motivações para a migração das mulheres. Fatores não

somente econômicos, interferem nas decisões pela migração. Segundo ela, “as mulheres migram não apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada” (2007, 751). Não creio que as jogadoras de futebol brasileiras que migram estejam conscientes desse rompimento com posições subordinadas enfrentadas por mulheres desportistas no Brasil. Entretanto, conforme levantado por Jean Williams, as jogadoras de futebol que migram rompem com a ideia, muitas vezes existente no imaginário social e histórico de seus países de origem, de que o futebol é um esporte de homem (2007), portanto somente valorizado se praticado por atletas homens. Se no seu país de origem não são valorizadas, ou reconhecidas como desportistas da modalidade, quando atuam em outros lugares angariam para si valorização, respeito e retorno econômico maior que o recebido no próprio país. Sue Lopez, que migrou para Itália em 1970, nos diz que “I realised playing in Italy that I was one of the best players, and as a successful striker, very valued, and respected by everyone I encountered – unlike in England some times!” (WILLIAMS, 2011, p. 11). E, assim como ela, as jogadoras brasileiras também reconhecem que, no exterior, a profissão de futebol de mulheres é muito mais valorizada e respeitada.

Mariane: E a galera acompanhava?

Adriane Nenê: Muito, totalmente diferente daqui como as pessoas lidam com o futebol feminino, é uma coisa muito mais séria; campanhas de marketing, propagandas na TV.

Mariane: Você já fez alguma gravação ou campanha?

Adriane Nenê: Não, lá só os mais tops, tipo a Marta ou a Cris. E eles valorizam muito as jogadoras de lá, idolatram. Então o pessoal faz um negócio sério mesmo, os ingressos são todos pagos, e não são baratos, saem por volta de 30 dólares, e lotava. E aquela loucura, gente com camisetas e faixas na cabeça, eles idolatram mesmo. Depois dos jogos nós tínhamos que ficar 1 hora dando autógrafos, tinha um corredor e as pessoas ficavam de um lado e do outro, e a gente tinha que ficar 1 hora lá, tinha no contrato que a gente teria que ficar 1 hora à disposição dos fãs, era todo jogo em casa a mesma coisa, nos jogos fora eles escolhiam as que ficavam depois pra fazer isso. Mas os jogos em casa todas tinham que ficar.

Paula: Nos EUA, uma liga universitária você acha que é profissional. Porque você tem patrocínio esportivo, você ganha material, chuteira, uniforme. Aqui no Brasil você não tem essa estrutura de patrocinador. Os hotéis, você fica nos melhores hotéis. A gente foi pra Disney. E nossa, cinco estrelas. Você viaja pra um campeonato regional e vai de avião! Aqui no Brasil, não. Você vai de 12h de ônibus, vai de 15h de ônibus. É uma estrutura. Vai de uma cidade pra outra de avião. E que valor que dão pra Marta? Tem gente que não conhece a Marta. Ela é a maior jogadora, ela é a melhor do mundo e ainda é brasileira. Que valor que o Brasil “bota” nela? Não que tenha que beijar o chão que ela pisa, imagina, nunca. Mas acho que tem que dar valor pra ela. Sabe de onde ela saiu? De um lugarzinho no nada. E onde ela está agora? Ela não tinha nada e foi jogar no RJ. Ela passou pelo Vasco e outros times e hoje [2011] ela está nos EUA. Não deveria estar aqui no Brasil jogando?

Não parece haver um projeto efetivo, nem social, nem individual, de sair para jogar no exterior – com exceção, talvez, de Adriane Nenê que declarou que sempre ter vontade de atuar fora do Brasil. Há, contudo, a vontade de sair, e o que parece, muitas vezes, é que as contingências e as coincidências da vida levam-nas para o exterior como foi o caso das Poderosas Marina, Nenê e Thaisa. Marina foi como acompanhante de outra atleta e, somente depois de chegar à Suécia, foi convidada para jogar; Nenê foi a convite de um técnico que a viu jogando pela televisão; Thaisa migrou a convite da amiga que já estava no exterior. As oportunidades apareceram e todas elas aproveitaram. Apenas Paula demonstrou a iniciativa de procurar um time no exterior para jogar.

As migrações de jogadoras de futebol no Brasil ainda são pouco controladas e regularizadas pela CBF, haja vista que a própria não disponibiliza em seu site nenhum dado sobre a migração das mulheres, diferente do que faz com os atletas homens. Sobre eles, a Federação disponibiliza dados anuais sobre quantos jogadores saem, de que times se transferem e para onde (time e país) vão. Vale ressaltar ainda que, mesmo que sejam supervalorizadas enquanto atletas brasileiras no exterior, essas jogadoras não movimentam nenhum dinheiro com suas transferências, pois só migram – seja para o exterior ou mesmo para

outros times no Brasil – depois que seus contratos acabam. Nem o time para onde vão, nem o time de onde saem lucram com essas transferências. Como lembra uma Poderosa “mulher não é mercadoria de valor”, e não é pelo fato de que ninguém a quer, – está mais do que comprovado de que, no exterior, o talento da atleta brasileira é requerido - mas pelo fato de que elas não movimentam nenhum capital. Parece comum que o futebol de mulheres, seja no Brasil ou no exterior, sofra com a falta de investimento.

Por fim, em uma entrevista concedida à revista *Seleções Reader's Digest* em 2008, a jogadora Marta, com 22 anos, foi questionada sobre a possibilidade de voltar ao Brasil um dia. A atleta, considerada, à época, três vezes a melhor do mundo – alcançando a inédita marca de cinco premiações nos dois anos seguintes – responde, com o que podemos considerar um pedido para o futebol de mulheres em geral:

Pergunta<sup>57</sup>: Quando você volta a jogar no Brasil?

Marta: Teria de haver interesse de muita gente. Dos clubes, claro, mas também das empresas. Existem esforços como o do Santos, do Corinthians, mas é preciso que os patrocinadores se interessem pelo futebol feminino. Acho que ainda vai demorar, mas um dia acontece.

Tanto a WPS quanto o Santos Futebol Clube encerraram suas atividades no ano de 2012 por falta de patrocínios. São sintomas da demora anunciada por Marta em 2008.

As migrações realizadas por jogadoras de futebol possuem especificidades se comparadas às migrações dos jogadores. Diferente deles, as mulheres não movimentam dinheiro quando se deslocam, quer em território nacional quer em internacional, e por não movimentar dinheiro elas também não possuem empresários que possam garimpar melhores clubes para suas atuações esportivas. Quando se transferem só o fazem depois de findados seus contratos, assim não arcam com multa rescisória. Esses deslocamentos, sobretudo os internacionais, são momentos possíveis, mas não determinantes – pelo menos entre as entrevistadas isso não ficou claro – para a elaboração de um projeto de vida dentro do futebol.

Os limites dessas migrações encontram-se, portanto, nessa ausência de mercado no sistema futebolístico de mulheres. Quando saem

---

<sup>57</sup> Ver anexos. Anexo 6.

do Brasil para jogar é por convite – geralmente inesperado, de alguma amiga; ou para estudar e até por acaso – como ocorreu com Marina que foi como tutora da jogadora Marta para Suécia e, estando lá, conseguiu uma vaga no time. Pudemos notar que tanto Marina quanto Adriane Nenê, que disputaram Ligas Profissionais no exterior, realizaram suas migrações em virtude da rede informal de contatos que possuíam. Ambas eram amigas de jogadoras excepcionalmente valorizadas e reconhecidas no sistema futebolístico de mulheres: Marta, no primeiro caso e Erika, no segundo. As outras jogadoras que migraram, saíram do Brasil com o pretexto de estudar. Paula foi por conta própria, mas Thaisa foi a convite de uma amiga. Isso reforça, novamente, a centralidade das redes de contato quando se trata de migrações internacionais de jogadoras de futebol.

Por fim, percebemos que, através dessas migrações, as jogadoras sentem-se valorizadas, reconhecidas e prestigiadas. Adriane Nenê nos fala que permanecia por uma hora após o jogo para dar autógrafos aos fãs; Thaisa relatou que o técnico a tratava diferente das outras atletas: em relação a ela, a atleta percebia uma maior flexibilidade, um maior reconhecimento. Atuar em um time no exterior permite ainda que a jogadora receba salários dignos, como os recebidos por Marina que, com a atuação na Suécia, conseguiu comprar uma casa no Brasil.

## CONCLUSÕES

Passaram-se 91 anos desde a primeira partida de futebol de mulheres no Brasil. Desde então, restrições e leis proibiram e cercaram-lhes o direito jogar bola. As justificativas, de cunho machista e repletas de preconceitos, buscaram se amparar em princípios biológicos - “natureza feminina” - para alardear a incompatibilidade delas com essa prática desportiva. Não bastassem as questões aventadas, ainda lançavam suspeitas sobre a sexualidade daquelas que insistiam em jogar futebol, pois no Brasil futebol é coisa de homens. Apenas em 1979, com a revogação da Lei proibitiva, as mulheres puderam voltar aos campos de futebol. Contudo, mesmo que não estivessem mais impedidas pela legalidade da prática, os preconceitos e os machismos perduraram, existem e se perpetuam em todos os obstáculos e dificuldades que elas precisam transpor para se estabilizarem enquanto jogadoras de futebol valorizadas, social, cultural e economicamente.

Há três anos, o time *ADI/Foz Futebol Clube* surgiu no cenário futebolístico brasileiro. Tem entre os patrocinadores duas empresas de expressão internacional: a Hidrelétrica Binacional de Itaipu e a Coca-Cola. Nesse curto tempo de existência, o grupo de jovens jogadoras conseguiu chegar à final de uma das mais importantes competições de futebol da América Latina, a *Copa Libertadores da América de Futebol Feminino*, na qual alcançou o segundo lugar, perdendo na disputa por pênaltis para a equipe Colo-Colo, do Chile. Fundado em Foz do Iguaçu, Paraná, para ser o celeiro de jogadoras da Seleção Brasileira de 2016, o time leva o nome da cidade como importante representante do futebol praticado por mulheres, e, através dos títulos conquistados, em tão pouco, tempo reforça e legitima o apelido que suas jogadoras receberam dos fãs, torcedores e jornalistas iguaçuenses: *Poderosas do Foz*.

Desde seus primeiros chutes em uma bola, as mulheres negociam, em relações de poder, espaços na modalidade, à medida em que os conquistam, acabam por desconstruir e tensionar o modelo de gênero hegemônico existente. Quando ainda crianças, enfrentam as negativas de pais e mães, dos meninos contra quem jogam, das escolinhas de futebol, dos vizinhos e dos conhecidos. Durante esses momentos, não raro que são desestimuladas e desencorajadas – novamente sob pretextos machistas e preconceituosos – a seguir carreira. Em virtude disso, muitas mulheres não chegam, sequer, a ter a real oportunidade de mostrar o seu futebol, de lapidar o dom futebolístico e de tornar-se jogadora.

As *Poderosas* aqui entrevistadas contaram com o apoio familiar no início de suas carreiras. Por vezes, o maior incentivo veio da mãe, em outras, do pai. E como as atletas desse trabalho não eram filhas únicas, a maioria delas começou jogando bola com os irmãos e com os amigos dos irmãos. Nesses momentos, ao mostrarem jogo, destreza e habilidade iguais e até superiores aos meninos, viravam atração, despertavam estranheza, indignação, desconforto e surpresa dos espectadores. Causavam, desde meninas, rupturas no modelo de gênero hegemônico que ainda acredita serem as mulheres indivíduos “frágeis”. Portanto, não poderiam praticar esporte tão competitivo ou agressivo como o futebol. Caso pratiquem, não devem nunca ser melhores que um homem.

Ainda que consigam driblar os obstáculos iniciais do processo de tornar-se jogadora de futebol, os preconceitos com o esporte praticado por elas continuam presentes em suas vidas. Ficou evidente no discurso das atletas entrevistadas que ainda é fortemente veiculada a ideia que associa jogadoras de futebol à masculinização e à homossexualidade. Isso para elas é causa de baixa autoestima, pois mesmo que possuam práticas homoafetivas – não declaradas -, se consideram bastante femininas. Em claras tentativas de extirpar traços masculinos do futebol praticado por mulheres, algumas campanhas de “conscientização” promovidas por órgãos reguladores do esporte. Pedem às atletas que deixem os cabelos compridos, cuidem da aparência e não ostentem “jeito de homem”. E novamente vemos escancarados, ou oficializados, os machismos e preconceitos, pois a tentativa é de encaixar essas mulheres nas normas de gênero. Assim, elas podem seguir praticando o futebol desde que permaneçam femininas e não demonstrem interesse sexual por mulheres.

No início do ano de 2012, algumas jogadoras de futebol do estado de São Paulo foram convidadas a fazer um ensaio para um calendário. Exibindo corpos torneados e repletos de músculos, as atletas posaram para fotografias muito bem maquiadas, penteadas e trajando biquínis. Para algumas *Poderosas do Foz*, esse ensaio fotográfico valorizou o trabalho das jogadoras de futebol na medida em que elevou a autoestima das atletas por mostrar o lado feminino do esporte. Sem desconsiderar a visão delas, as fotos também exacerbaram questões referentes à sexualidade, ao fetiche e à objetificação do corpo da mulher. Essas questões se fazem presentes durante toda a trajetória esportiva dessas atletas. Se na década de 1980 as revistas esportivas já traziam imagens de jogadoras de futebol - as belas: mulheres brancas de cabelos compridos e fotografadas também de biquínis; e as feras: mulheres negras, de cabelos curtos, fotografadas em campo com o uniforme do

time – não foi com intuito de exaltar as belas e execrar as feias, mas realimentar preconceitos e desvalorizar ainda mais a modalidade. Assim também o ensaio realizado em 2012, mesmo expondo um lado mais “feminino” daquelas mulheres continua a repetir padrões de pensamentos – sobre o futebol praticado por elas – que não se modificaram apesar do tempo.

O ambiente de trabalho das jogadoras de futebol pode-se mostrar também bastante delicado. Elas atuam em um esporte que exige a exposição dos corpos à disciplina rígida de treinos, fisioterapias e massagens, assim, a comissão de treinamento e de fisioterapia deveria ser composta também por mulheres. Não presenciamos nenhum desrespeito por parte de técnicos, treinadores ou fisioterapeutas no ADI/Foz Futebol Feminino, contudo as jogadoras relatam que, por vezes, sofrem ao longo de suas carreiras com assédio moral e sexual por parte dos homens que convivem com elas no meio futebolístico.

Questões que envolvem profissão e profissionalização não parecem claras para as jogadoras. Pela Lei Pelé, sancionada em 1998, as jogadoras são atletas profissionais uma vez que assinam contratos com clubes e estão registradas na federação reguladora da modalidade, a Confederação Brasileira de Futebol. Entretanto, essas atletas podem ser consideradas semi-profissionais, na medida em que muitas delas precisam trabalhar e estudar, ao mesmo tempo, para se sustentar e garantir um futuro. Apesar de as Poderosas entrevistadas considerarem o futebol como profissão, uma vez que trabalham dois períodos por dia, é raro que existam jogadoras que consigam viver apenas com o que ganham da prática desportiva e mais raro ainda encontrar ex-atletas que vivam da modalidade depois que se aposentam. Além disso, está claro para todas as atletas que a continuidade dos estudos é uma garantia de que, após aposentadoria no esporte, por volta dos 35 anos, elas terão outra profissão que lhes garanta a subsistência.

A atenção e a organização dispensadas pela CBF ao futebol de mulheres são mínimas. Isso fica evidente na falta de controle sobre a quantidade de times de futebol de mulheres existe no território brasileiro e sobre as atletas que saem anualmente para atuar no exterior. Essa falta de controle, por parte do órgão oficial regulador da modalidade, pode ser considerado um descaso, uma desvalorização deliberada dessas jogadoras. No Brasil, nas competições regionais, muitas vezes disputam entre si times que possuem alguma infraestrutura – oferecem moradia, salários, alimentação, fisioterapia - contra times que sequer pagam suas jogadoras fazendo com que elas procurem a subsistência por outros meios, ou seja, jogam futebol e trabalham. Através das competições

regionais, os melhores representantes de cada estado brasileiro, 32 equipes no total, disputam entre si a *Copa do Brasil de Futebol Feminino*, organizada pela CBF. Os melhores colocados neste torneio têm o direito de pleitear o Bolsa Atleta, programa de incentivo do Ministério do Esporte. O Bolsa Atleta é um auxílio financeiro destinado aos desportistas brasileiros de qualquer modalidade para que só joguem. Porém, somente os atletas que se encontram registrados nas federações nacionais e que alcançarem o primeiro, o segundo ou o terceiro lugar em campeonato nacional têm direito a ele. Os jogadores de futebol brasileiros, apesar de terem direito a esse auxílio, nunca o pleiteiam, porque desde as categorias de base possuem uma superinfraestrutura, chegando a receber altos salários apenas para ficar no banco de reserva.

É uma realidade anunciada pelas *Poderosas do Foz* que o time onde jogam é “top” dentro do cenário futebolístico atual. Contudo, mesmo sendo uma das melhores equipes brasileiras, com boa estrutura e excelentes patrocinadores, o ADI/Foz Futebol Feminino enfrentou, em junho de 2012, problemas com suas contas e finanças. O time paga salários, arca com despesas de alimentação, transporte, habitação e médico, contudo o retorno é pouco, ou nulo. O sistema futebolístico tornou-se ao longo dos anos um mercado. Jogadores de futebol valem milhões e suas transferências, nacionais e internacionais, geram aos clubes e aos empresários muito lucro. As jogadoras de futebol são, contudo, mercadorias sem valor. Ninguém as compra, ninguém as vende, elas não giram capital e, portanto, não agregam sobre si valor financeiro. Assim, elas se transferem somente depois que terminam os contratos com os clubes, por isso a maioria das circulações acontecem em fins de temporada.

A circulação ocorre em virtude das redes informais de contato. Pela ausência de um empresário que possa mediar boas propostas, é unânime entre as *Poderosas do Foz* a necessidade de criar laços de amizade e companheirismo com as colegas de time. Afinal, mais do que preservar a boa convivência por viverem juntas em longos períodos de treino e jogos, é através das indicações das amigas que essas jogadoras conseguirão boas transferências internacionais. As *Poderosas do Foz* que migraram o fizeram por convite de amigas jogadoras. No ano de 2009, quando a *Women's Professional Soccer* foi criada nos EUA, dez, das vinte e oito atletas estrangeiras convocadas para aquela temporada, eram do Brasil, reflexo da valorização e do reconhecimento internacional - processo da globalização do futebol - às atletas brasileiras. Os nomes mais importantes do futebol praticado por

mulheres no Brasil atuaram na *WPS* que, infelizmente, por falta de investimento financeiro, faliu início do ano de 2012.

As migrações não aparecem como ponto crucial e determinante para que se tornem jogadoras de futebol. Assim, as migrações podem ser motivadas por várias razões como: ganhos econômicos - uma *Poderosa* conseguiu comprar uma residência própria no Brasil atuando na Liga Profissional da Suécia; experiência cultural - todas as atletas entrevistadas declararam ter aproveitado positivamente as diferenças socioculturais com as quais se depararam no exterior; viver novas oportunidades de vida - as jogadoras declararam que atuar fora do Brasil traz experiências pessoais e profissionais que são incorporadas e agregadas no momento de negociarem novos contratos de trabalho ao voltar para o país de origem; ou por “amor ao jogo”. A categoria de *amor* abarca outras possibilidades, dentre elas a de conquistar maior independência financeira, maior agência sobre suas vidas, vivenciar uma homossexualidade ou de adquirir prestígio e fama.

Por fim, em recente conversa com uma ex-atleta do ADI/Foz Futebol Clube, surgiu a questão já sabida: o futebol de mulheres no Brasil e suas praticantes sofrem com os preconceitos e machismos que levam à falta de apoio da federação à modalidade, à falta de incentivo da prática pela sociedade, à ausência de patrocinadores e à falta de visibilidade ao esporte. Para a atleta, é uma pena que as mulheres jogadoras de futebol não tenham o devido reconhecimento perante os meios midiáticos. Segundo ela, o que seria algo muito pequeno para os meios de comunicação, como noticiar os jogos e até mesmo transmitilos, para as jogadoras seria algo estrondoso, pois ajudaria no processo de valorização e reconhecimento do trabalho destas atletas. Fica evidente através dessa etnografia que as jogadoras de futebol ainda enfrentam preconceitos, sofrem com o machismo e precisam lidar diariamente com os obstáculos que são impostos às suas práticas esportivas. As jogadoras com quem convivi durante um mês em Foz do Iguaçu relataram diversos episódios de superação e de persistência diante das dificuldades, elas são, por excelência, mulheres verdadeiramente *poderosas*.



## REFERÊNCIAS

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização In: *Análise Social*, vol. XLI (179), 2006, 451-474 p.

ARANTES, Antonio A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000. 190 páginas.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. *No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e Ciência em um centro de treinamento de futebol uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. Florianópolis, 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

BOTELHO, Vera. *Leaving the core? Emigration of Scandinavian Female footballers in Sport as a global labour market; female football migration*, 3-4. December 2010. University of Copenhagen.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983

BRUSCHINI, Cristina. *Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?* Latin American Studies Association. Chicago, Illinois. 1998

CARRAVETTA, Elio Salvador Praia. *Modernização da gestão no futebol brasileiro: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo*. Porto Alegre: AGE, 2006.

CAUDWELL, Jayne. Gender, feminism and football studies. In *Soccer & Society*. vol 12, nº 3. May 2011.

COELHO DOS SANTOS, Silvio. *Os índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: EdUFSC, 1997

DAMO, Arlei . *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. 359 p.

\_\_\_\_\_. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - VOL. 23 nº. 66. fevereiro/2008

DUNNING, E; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte in KNIJNIK, J. (org) *Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri. 2010.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo In *Cadernos Pagu* (17/18) 2001/02: pp.9-79.

FERREIRA ANTUNES, Fátima. "*Com brasileiro, não há quem possa!*": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp, 2004

FLORIANI, Dalila. Descrevendo e rastreando modos de experienciar: Discussões teórico-metodológicas desenvolvidas a partir de um trabalho de campo no / do Twitter. In: *Revista Mosaico Social*, ano 5, n. 5, 2010. [p. 85 - 100]

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. 18ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOZ DO IGUAÇU. Secretaria Municipal de Turismo. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. *Perfil do visitante do parque Nacional do Iguaçu*: Período 24 a 30 de novembro de 2009. Disponível em: <[http://www.pmf.pr.gov.br/Turismo/uploadFiles/perfil\\_de\\_visitantes.pdf](http://www.pmf.pr.gov.br/Turismo/uploadFiles/perfil_de_visitantes.pdf)>. Acesso em: set. 2012.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Foz do Iguaçu - PR*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410830>>. Acesso em: jun. 2011.

FRANZINI, F. "Futebol é coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, 2005, p. 315-328.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*, São Paulo, Editora da UNESP, 2.<sup>a</sup> ed.1991.

GROSSI, Miriam. Conventos e celibato feminino entre camponesas do sul do Brasil in <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1266>. Março de 2012.

\_\_\_\_\_. Identidade de Gênero e Sexualidade In: *Antropologia em Primeira Mão*, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional In: *Mana* 3(1):7-39, 1997

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. Disponível em: <[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=port&searchmode=term](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=port&searchmode=term)>. Acesso em: x nov. 2012.

HOBSBAWM, Eric. A produção em massa das tradições: Europa, 1870 a 1914. In HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (ORG). *A Invenção das tradições*, 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JESUS, Rodrigo Paulo de. *De "vila operária" a bairro dos trabalhadores: processo de constituição do bairro Vila "C" - 1977 a 2008*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História. Marechal Candido Rondon. 2009.

KNIJNIK, J. (org) *Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri. 2010.

KNIJNIK, J; VASCONCELOS, E. Sem impedimento: o coração das mulheres que calçam chuteiras no Brasil in COZAC. J (org) *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume. 2003.

KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. São Paulo: Editora 34, 2008.

Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm) Acesso em outubro de 2012.

LEIRIS, Michel. *A África fantasma*. Trad. André Pinto Pacheco, apresentação Fernanda Arêas Peixoto. São Paulo: CosacNaify, 2007

LINS RIBEIRO, Gustavo. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico In: *RBCS* Vol. 25 nº 74 outubro/2010

LUDOPÉDIO. *Entrevista Carmen Rial*. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1207>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

MANTOVI, Valdez. *Áreas verdes: uma percepção paisagística do refúgio biológico bela vista no meio urbano de Foz do Iguaçu*. Especialista no Curso de Pós-Graduação em Análise Ambiental e Regional em Geografia. Colegiado do curso de Geografia. Centro de Ciências Humanas Educação e Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2006

MIGUELITO. *Entrevista com Magali, treinadora de futebol*. Disponível em: <<http://miguelito56.blogspot.com.br/2009/10/entrevista-com-magali-treinadora-de.html>>. Acesso em: x set. 2012.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Orientações para o trabalho no exterior: modelos, jogadores de futebol e outros profissionais brasileiros*. 2012

OLIVEIRA ASSIS, Gláucia. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional* In *Revista Estudos Feministas*. v.15 n.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007

\_\_\_\_\_. *A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo – as experiências de e/í migrantes em viagens não-autorizadas no mundo global* In *Cadernos Pagu* (31), julho-dezembro de 2008:219-250.

OLIVEIRA, Frank Alves P. *O contrato de Trabalho do Jogador de Futebol*. Goiânia, 2002,

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: interpretando a Antropologia *In Sobre o Pensamento Antropológico*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência *In Reunião Brasileira de Antropologia*. Conferências e práticas antropológicas. Textos de Bárbara Glowczewski (et.alli.). Org Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry. Blumenau: Nova Letra, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma atualização da teoria da prática *In Reunião Brasileira de Antropologia*. Conferências e práticas antropológicas. Textos de Bárbara Glowczewski (et.alli.). Org Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry. Blumenau: Nova Letra, 2007a.

PAULILO, Maria Ignez. "O peso do trabalho leve" *In: Revista Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC, vol. 5, nº 28, p. 64-70, 1987.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal*. RBCS Vol. 23 n. 67 junho/2008

PISANI, Mariane da Silva. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Curso de Ciências Sociais. *Muito samba e pouco trabalho: A representação dos jogadores de futebol brasileiros que atuam no exterior*. Florianópolis, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

RIAL, Carmen S. Por uma antropologia do visual *In Horizontes Antropológicos*, n.2, 1995. Porto Alegre : PPGAS, UFRGS.

\_\_\_\_\_. “Por que todos os ‘rebeldes’ falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. *In: CARMO, Renato; MELO, D.; BLANES, R. (orgs.). A globalização no divã*. Lisboa: Tinta-da-China, 2009.

\_\_\_\_\_. “Jogadores brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém...” in *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*. Vol. LXI, n.o 2, jul-dez 2006.

\_\_\_\_\_. “Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior” in *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: ano 14, n° 30, jul/dez 2008.

\_\_\_\_\_. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2009 - v. 109

ROBIN, Audrey. *Les filles de banlieue populaire*. L'Harmattan, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2ª ed. ampliada. Rio de Janeiro. 1964.

ROSALDO, Renato. *Cultura y Verdad: La reconstrucción del análisis social*. Quito: Abya-Yala, 2000

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II) In: *Mana* vol.3 n.2 Rio de Janeiro Oct. 1997

SAMAIN, E. “Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia” In: *Horizontes antropológicos* n.2. 1995. p.19-48.

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. Descoberta de foz do iguaçu e a fundação da colônia militar In: *Revista de Educação*. Vol. 5 n° 9 jan/jun 2010, p. 293-297.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995

SOARES DE ALMEIDA, Caroline, PISANI, Mariane da Silva. 100 anos de torcida: a presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis, ontem e hoje. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA: REPENSANDO DESIGUALDADES EM NOVOS CONTEXTOS, 3., 2011, Curitiba. *Anais do III Seminário Nacional Sociologia & Política*. Curitiba: 2010. v. 13, p. 3 - 21.

Disponível em:  
<[http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais2011/13\\_315.pdf](http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais2011/13_315.pdf)>. Acesso em: out. 2012.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline. Boas de bola: um estudo acerca do ser jogadora de futebol no Esporte clube Radar durante a década de 1980. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., 2012, São Paulo. *Grupo de Trabalho Antropologia dos Esportes*. São Paulo: 2012.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006

TACCA, Fernando de. Rituais e festas Bororo: a construção da imagem do índio como "selvagem" na Comissão Rondon In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 45, n. 1, 2002

TIESLER, Nina. *Main trends and patterns in Women's Football Migration*. Disponível em: <[http://www.diasbola.com/PDF/foomios/TIESLER\\_Main%20Trends%20WFM\\_Maastricht.pdf](http://www.diasbola.com/PDF/foomios/TIESLER_Main%20Trends%20WFM_Maastricht.pdf)>. Acesso em: 201

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 6 .ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1999

\_\_\_\_\_. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

WILLIAMS, Jean Williams. *Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labour Markets*. 20 de setembro de 2011



## ANEXOS

### Anexo 1

<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1921/primeira-partida-de-futebol-feminino> (acesso em 10 setembro de 2012)

### 1921

#### Primeira partida de futebol feminino

A primeira partida de futebol feminino do Brasil aconteceu em São Paulo. O confronto entre as senhoritas tremembeenses e as senhoritas catarinenses foi anunciado com destaque no jornal A Gazeta como atração das festas de São João. Só em 1979 o Conselho Nacional de Desportos (então órgão máximo do esporte nacional) revoga a Deliberação nº7/65 que determinava que a prática do futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo, beisebol e lutas era vetada para as mulheres. O futebol feminino e os demais esportes puderam começar a se desenvolver a partir de então. Em 1981 a modalidade teve sua primeira liga – ainda de forma amadora – e em 1982 viu o próprio CND baixar recomendação em que reconhecia a necessidade de estimular a participação da mulher nas diversas modalidades esportivas.



1921

Foto: Carioca atletico clube sa

Crédito: Carioca atletico clube sa

## Anexo 2

<http://www.transamericafoz.com.br/foz-cataratas/aleksandro-fogagnoli-deixa-o-foz-cataratas> (acesso em 15 de junho de 2012)



### **Aleksandro Fogagnoli deixa o Foz Cataratas**

O técnico e diretor da equipe, Aleksandro Fogagnoli, confirmou em entrevista coletiva hoje pela manhã que se desligou do Foz Cataratas. Quem deve voltar a assumir as Poderosas é Gezi Damasceno.

Fogagnoli deixa a equipe poucos dias depois das meninas do time da fronteira confirmar o atraso de salários. Na ocasião, a volante Bia e a lateral Paulinha, não souberam dizer quem era responsável pela dívida com as jogadoras.

No comando na equipe na ocasião, Aleksandro, responsabilizou o antigo comandante Gesi Damasceno. “O clube não estava sustentando as despesas atuais e inclusive as pessoas interessadas poderiam conferir as contas do clube”. Respondeu, Gesi, no mesmo dia.

Fogagnoli, após anunciar a sua saída, disse que vai continuar trabalhando com o futebol feminino, mas fora do projeto das Poderosas.

O Foz Cataratas irá disputar ainda o Campeonato Paranaense e a Copa Libertadores da América neste ano.

---

Alessandro Kunhaski  
Rádio Transamérica

### **Anexo 3**

#### **Trecho de entrevista com as Poderosas do Foz. Realizada em junho de 2012.**

*O feminino ainda é amador, se o feminino fosse profissional e tivesse vários clubes, como o masculino... O masculino tem primeira divisão, segunda divisão, terceira divisão, série A2. Tem quatro divisões, tem quatro divisões! Você pega, quantos clubes tem o masculino só no Paraná - to falando por baixo -: Atlético Paranaense, Coritiba, Paraná, aí tem depois os mais baixinhos, Londrina, Cianorte, Cascavel, Toledo, Francisco Beltrão. Você vai vendo, em São Paulo nos temos São Paulo, Corinthians, Santos, Palmeiras, Guarani, Portuguesa, São Caetano. Rio de Janeiro tem o Vasco, Flamengo, Botafogo.*

*E o feminino? Você pega o Paraná: Foz e Novo Mundo, que é o certo, e o Assaí quando entra! Tem o Londrina, que não é definitivo, então quatro times. Você pega São Paulo, o Santos acabou - pra você ver, ainda o que tem, acaba! -, o Foz está para acabar, está em crise. Tem Juventus, São Bernardo, Portuguesa, São José, Centro Olímpico, Francana, Ferroviária e mais dois aí que eu esqueci o nome. São poucos. No Rio, tem o Vasco e o outro time que eu esqueci o nome, enfim tem quatro times. De todos esses times que eu falei seis deles muitas meninas jogam de graça. O Assaí joga de graça, o Londrina paga algumas, o Novo Mundo eu não sei, mas deve ser por aí também. O Juventus é de graça, o São Bernardo é de graça. O Rio eu não sei, mas a maioria lá é de graça, o Vasco paga algumas.*

*Desmerece, para o feminino começar a crescer, tinha que primeiro profissionalizar, a CBF botar uma regra: Corinthians tem que ter um time feminino, Palmeiras tem que ter um time feminino, o Flamengo tem que ter um time feminino. Todo time de primeira divisão tem que ter um time feminino. Aí sim, se a CBF, junto com a presidente Dilma e junto com autoridades maiores fizessem uma lei assim "todo time masculino de primeira divisão tem que ter um time feminino". Ainda estou botando de primeira, o certo seriam todos. A gente só quer se valorizada, valor, valor! Ser reconhecida naquilo que você faz, não quero ganhar que nem o Neymar, duzentos mil, milhões, não sei. Só "milzinho" para ter reconhecimento naquilo que você faz. Então a CBF lançou isso?! Corinthians é obrigado a ter, o Palmeiras, o Flamengo, o Vasco, você imagina que coisa linda! Ia chover de menina por aí, muita menina para de jogar porque tem que trabalhar, porque não consegue vencer na vida jogando bola. Eu tenho muitas amigas que jogaram futebol de salão comigo, muitas, que jogavam demais, destruíam e*

*pararam de jogar porque tinha que trabalhar. Agora, se ganhasse para jogar, tava jogando. Não que jogar não seja um trabalho é que ele não tem retorno, nem pra gente mesma. (...)*

*Tem que colocar a Dilma, não dizem que a mulher está buscando seu espaço? Cada vez mais a mulher está sendo independente? Ela devia bater a tecla lá, fazer uma reunião com a autoridade maior, com a CBF, chegar lá e falar assim:*

*"nos temos a melhor do mundo, que é a Marta, cinco vezes eleita. O futebol feminino já trouxe para nós medalhas no Pan e outras, e só não traz mais porque não tem valorização, e eu acho que essas meninas jogam bola de uma facilidade que é bonito de ver. Eu quero dar a chance para essas meninas, elas não precisam ter a mesma valorização que os homens, mas pelo menos 10% dessa valorização. Gostaria que vocês vissem esse lado e colocassem uma lei aí pro Corinthians, pro Flamengo.. Podem tirar e dar um pouco para elas. Pode dar um jogo de camisa, um campinho para elas treinar, um salarinho digno para essas meninas fazerem o que gostam, cinco mil para cada uma".*

*Olha que maravilha! Cinco mil é o que as banbanbãs ganham, o que para os caras não faz nem cócegas. Cinco mil para 25 meninas, é muito para o Corinthians? Por mês gente, isso para o Corinthians, seria muito? Eu falei cinco mil porque estou jogando alto. Eu acho pouco para eles. Eles poderiam falar, a gente paga um salário de 3 mil para cada uma. A gente ganha miséria, tem menina que joga de graça, só por gostar do que faz, imagina se ganhasse isso. Imagina como o feminino ia evoluir.*

*Eles vão e chamam a imprensa, vão na televisão, tudo mundo Record, Band, SBT. Chega a Dilma com uma notícia para dar juntamente com o presidente da CBF: "A partir de hoje, a gente bate o martelo, o futebol feminino é profissional". Pensou? Cada time de primeira divisão é obrigatório ter um time feminino. Ia ser a coisa mais emocionante do mundo. Aí ia ser gostoso de jogar: "ah, não estou bem no Foz, mas recebi uma proposta do Corinthians. Fulano quer comprar a jogadora tal por não sei quantos mil". O clube ia lucrar. (...) A peça que o Foz não está precisando, eles podem estar precisando lá. "Nossa, está lá no banco e a gente precisando, vamos contratar aquela jogadora!". "Nossa a menina está destruindo, mas eu vou vender ela*

*porque to precisando de dinheiro para comprar a outra jogadora, porque a outra serve melhor que ela". (...) Só que não dá pra você fazer isso sem dinheiro, sem porra nenhuma, não dá nem motivação pra treinar. Você entra em campo e nem treina direito porque já sabe que o povo não vai te olhar mesmo. Vai dando um desanimo.*

*Nós estamos brigando pela igualdade, mas quando chegar na igualdade a gente já não vai estar jogando mais. Eu quero um dia ver, mesmo que eu estiver velhinha, eu quero ver. Do mesmo jeito que eu sofro, as que vão vir vão sofrer também. Sofrer que eu digo é passar por coisas que você não precisava. A partir do momento em profissionalizasse e que cada clube tivesse um time de futebol feminino, esses jogos consequentemente iriam acontecer. Hoje tem o jogo Palmeiras e Santos, o jogo anterior? O feminino. É quatro horas o jogo dos caras, duas horas é o das meninas. Já ia cair na graça do torcedor, o torcedor também já ia gostar do futebol feminino. Porque você está vestindo a camisa do clube, está no ranking, está contando como profissional. Só de você estar vestindo a camisa já ia despertar a paixão. Nem pro Ronaldo ter uma filha que jogasse, o Pelé ter uma filha que jogasse. Nem pro Pelé ter uma menina assim que gostasse de futebol. Se o Pelé tivesse uma filha que jogasse...*



## **Anexo 4**

[http://jie.itaipu.gov.br/print\\_node.php?secao=turbinadas1&nid=15269](http://jie.itaipu.gov.br/print_node.php?secao=turbinadas1&nid=15269)  
(acesso em setembro de 2012)

### **A Gazeta do Iguçu**

O Foz Cataratas, base da seleção brasileira feminina sub-17 estreou ontem sob olhares de um bom público que compareceu ao Estádio do ABC. A equipe da fronteira venceu por 2 a 1 o time da Universidad Autonomia de Assunção, no Paraguai, vice campeão da Libertadores da América do ano passado. O jogo foi transmitido para todos os estados do Brasil e mais 44 países pela Rede Bandeirantes de Televisão. O Foz Cataratas, que representará a cidade no Campeonato Paranaense, abriu o placar com Bia no primeiro tempo. Ainda na primeira etapa, a atacante Dulce Maria, da Universidad Autonomia, empatou o jogo cobrando pênalti. Já no segundo tempo, aos 16 minutos, Bebel cobrou falta para o Foz Cataratas e colocou a bola na rede, definindo o placar final da partida.

Ao ser questionado sobre o porquê ter escolhido Foz do Iguçu para investir no futebol feminino, o narrador Luciano do Valle não precisou pensar muito para responder. "É uma cidade que está precisando mostrar que pode formar muita gente para o esporte brasileiro. Para provar isso temos a Canoagem Slalon. Foz está formando gente e assumindo a responsabilidade que é uma filosofia do governo brasileiro", contou Luciano, que é o responsável pela formação do elenco, diretor da empresa LUVA, jornalista e narrador da TV Bandeirantes.

Ele acredita que se cada cidade apadrinhar duas modalidades esportivas, em 2016 o Brasil terá uma grande equipe nacional olímpica. Ele fez questão de ressaltar o apoio recebido pelas grandes empresas que patrocinam o Foz Cataratas, além da Itaipu Binacional.

### **CBF e o futebol feminino**

Para Luciano, há um certo distanciamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) com o futebol feminino. Entretanto, ele também diz acreditar que isso seja plenamente justificável e reversível. "A CBF tem que cuidar de muitas gerações, o Brasil hoje é campeão em todas as categorias e se não é esta chegando lá, então não há tempo pelos calendários internacionais de dar uma atenção devida à seleção feminina. Não que não se dê, mas não é o que elas precisam. Elas precisam de muito mais, e não só essas que estão jogando, mas o mais

importante são as categorias de base, a gente vai descobrir muitos talentos, não tenha dúvida nenhuma", anunciou Luciano.

Sobre a paixão do brasileiro pelo futebol, o jornalista acredita que há espaço para ambos os sexos no coração da torcida. De acordo com ele, os índices de audiência em transmissões de futebol feminino são altíssimos. "Com as experiências que temos há mais de 10 anos na TV Bandeirantes, posso dizer que os maiores índices de audiência em transmissões são do futebol feminino". Luciano justifica o motivo. "Um país que tem uma jogadora eleita quatro vezes a melhor do mundo (Marta), que exporta jogadoras para todo o mundo só não é bom aqui dentro por falta de estrutura. O nosso futebol feminino hoje lembra muito o masculino na década de 70, as meninas gostam de jogar bola, elas não vem para criar confusão. Você não vê uma menina dessas cavar um pênalti ao invés de procurar marcar o gol, essa mentalidade agrada o público, o público não é bobo", concluiu o experiente narrador esportivo.

### **Itaipu Binacional e o esporte**

Segundo o superintendente de Comunicação Social da Itaipu Binacional, Gilmar Piolla, a Itaipu apóia o esporte porque acredita que o esporte contribui para a sociedade. Além disso, a Binacional possui um projeto a longo prazo para estimular esportes de potencial olímpico. "Nós estamos apoiando diversos projetos, e esta equipe do Foz Cataratas, nós acreditamos que poderá ser a base da futura seleção brasileira pois possui um grande potencial", observou Piolla.

Ele confirmou que a Itaipu Binacional continuará apoiando esta iniciativa, bem como todas as outras bem estruturadas e que valorizem a cidade e a região. "Apoiamos todos que ajudem a gente a fomentar uma imagem positiva da nossa cidade", concluiu.

## **Anexo 5**

<http://www.footoob.com/futebol/feminino/2011/04/15/treinadoras-impoem-suas-marcas/>

(acesso em novembro de 2012)

### **Treinadoras impõem suas marcas**

Posted on 15 abril 2011 by andreza

Em cerca de dois meses terá início a Copa do Mundo Feminina da FIFA Alemanha 2011, um torneio que colocará seis mulheres no centro das atenções. Se não acontecer nenhum imprevisto até o pontapé inicial da competição, seis das 16 seleções serão comandadas por treinadoras. Essas técnicas são representativas de uma tendência que vem crescendo nos últimos anos: está se tornando cada vez mais comum ver mulheres dirigindo equipes de futebol feminino.

A Inglaterra, por exemplo, é responsabilidade de Hope Powell. A técnica de 44 anos foi a primeira mulher a obter uma licença profissional da UEFA, em 2003. A seleção anfitriã terá Silvia Neid, dois anos mais velha, na lateral do campo. Em janeiro, a alemã recebeu o prêmio de Treinadora do Ano da FIFA, entregue pela primeira vez na história. A norueguesa Eli Landsem, 49, assumiu o cargo de treinadora do país, campeão mundial de futebol feminino em 1995, há cerca de dois anos e foi a primeira mulher a comandar a equipe. Por fim, duas excelentes seleções da América do Norte, EUA e Canadá, também serão dirigidas por mulheres, respectivamente, a sueca Pia Sundhage (51) e a italiana Carolina Morace (45). E há ainda Ngozi Uche, que estará à frente da perigosa equipe da Nigéria – país que fez bonito na última Copa do Mundo Feminina Sub-20, quando chegou ao vice-campeonato, na Alemanha.

### **Nos passos das pioneiras**

Esses são os principais nomes de uma nova geração de treinadoras que estão seguindo os passos de importantes personalidades da versão feminina do esporte mais popular do mundo, como Tina Theune, April Heinrichs, Elisabeth Loisel e Marika Domanski-Lyfors. Sem o incansável trabalho dessas verdadeiras pioneiras não seria possível que, hoje, técnicas como Neid e Sundhage estivessem à frente das duas seleções mais bem colocadas no Ranking Mundial Feminino da FIFA/Coca-Cola, esbanjando charme e conhecimentos futebolísticos.

Mas quais fatores contribuem para que as mulheres estejam se adaptando tão bem à função de treinadora? “Quando você avalia um

técnico, isso não tem nada a ver com o sexo”, declarou Sundhage em entrevista recente ao FIFA.com. “No entanto, as mulheres têm muita dificuldade de arrumar um trabalho como treinadoras. Tive a felicidade de trabalhar na China, na Noruega e, agora, nos EUA, mas isso não aconteceu com todas as minhas colegas. Apesar de tudo, devo dizer que apenas uma mulher que superou todos os obstáculos ao longo da sua carreira como jogadora sabe o que significa jogar nesse nível. Mas prefiro não examinar se isso torna a técnica melhor ou não.”

Marta Tejedor também acredita que as treinadoras têm certas vantagens psicológicas. A espanhola comanda a seleção do Chile e, embora a seleção chilena não tenha se classificado para a Alemanha 2011, ela vem desempenhando um papel vital para o aumento do número de jogadoras no país andino. “As mulheres têm mais identificação com as jogadoras e a relação de confiança acontece em um nível superior quando falamos sobre certos assuntos”, contou ela em entrevista ao FIFA.com.

Obviamente, não é raro que alguém precise intervir em disputas entre as atletas e apaziguar os ânimos. “Existem desafios como a relação entre futebol e estudos ou futebol e responsabilidades familiares”, explicou Tejedor. “É preciso compreender que as jogadoras têm de lidar com grandes pressões.” No entanto, a treinadora garante que não acredita que o sexo do comandante da equipe seja tão importante. “Não acredito que isso seja um fator decisivo. A meu ver, não se trata da questão ‘homem ou mulher’. Trata-se de estar preparado profissionalmente.”

### **A importância da continuidade**

Há cerca de 15 anos, Theune, que mais tarde viria a conquistar o título mundial com a Alemanha em 2003, deu uma declaração importante em entrevista ao jornal alemão Zeit. “Acredito que as jogadoras estão ficando mais confiantes e mais femininas”, disse ela antes de atribuir enorme importância a uma pequena diferença. “As mulheres dão mais valor ao toque de bola e ao jogo coletivo durante os 90 minutos, enquanto o jogo dos homens tem mais lançamentos longos e depende mais da garra.”

No entanto, é claro que os homens também contribuíram muito para a evolução da versão mais bela do esporte bretão. O técnico do México, Leonardo Cuéllar, por exemplo, trabalha há muitos anos com muita dedicação no futebol feminino, assim como o técnico da Suécia, Thomas Dennerby. O escocês Tom Sermanni, que comanda a Austrália, também teve um importante papel no desenvolvimento do futebol das

garotas na Terra dos Cangurus. Além disso, embora a Alemanha tenha conquistado dois títulos sob o comando de mulheres, o primeiro técnico do país foi Gero Bisanz, que esteve à frente da equipe entre 1982 e 1996.

No final das contas, o que fala mais alto no futebol são os resultados. Dos últimos cinco Mundiais Femininos, apenas em 2003 e 2007 a seleção campeã era treinada por uma mulher. Resta aguardar para ver se será um homem ou uma mulher que levantará o troféu da Alemanha 2011 no dia 17 de julho em Frankfurt.

Fonte: FIFA



P&R

## De Dois Riachos para Pequim

A alagoana Marta sonha com o ouro olímpico. E a gente sonha em vê-la jogando no Brasil.

POR DIRLEY FERNANDES

**M**arta está animada e nem tenta disfarçar. Os motivos são dois. O primeiro é que, finalmente, o sol saiu na cidade de Umea, na Suécia, onde ela mora desde 2004. As temperaturas estão elevadas – algo em torno dos 18°C! – e isso já permite que a alagoana de Dois Riachos, cidadezinha a 200 quilômetros de Maceió, possa passear um pouco nas horas vagas e, quem sabe, até fazer um churrasco com as companheiras do seu clube, o Umea Ik. O violão, no qual ela dedilha as músicas de Ana Carolina e do conterrâneo Djavan, não vai faltar.

O segundo motivo que faz a inquieta Marta mal dominar a ansiedade é o fato de a Olimpíada, que representa grande oportunidade para a Seleção Brasileira, estar chegando. Depois de ser vice-campeã em Atenas (2004) e na Copa do Mundo (2007), Marta sabe que falta um título de expressão mundial para coroar um currículo que já ostenta a

dupla nomeação como melhor jogadora do mundo (em 2006 e 2007), além de conquistas que se tornam ainda mais expressivas pelo fato de Marta ter apenas 22 anos. Além disso, nossa “Pelé de saias” está consciente de que o futuro do futebol feminino brasileiro, que ainda engatinha, pode depender da conquista do ouro em Pequim. De quebra, a medalha vai representar a chance de, um dia, Marta vir a defender, em gramados brasileiros, as cores do seu clube de coração, o Corinthians.

**P.** Você e as meninas vêm de um vice em Atenas e outro na Copa do Mundo. Chegou a hora do ouro?

**R.** Estamos buscando esse sonho, afinal fomos duas vezes vice-campeãs. Numa, eu perdi um pênalti na decisão. Estamos com isso engasgado. A única coisa que nos resta agora é vencer. E em Olimpíada, é técnica, sim, mas também garra e determinação. E isso nós temos.

**P.** Quando a gente fala em Dois Riachos, do que você se lembra?  
**R.** Da época em que eu jogava bola com os meninos. Em qualquer espaçoinho que houvesse, a gente improvisava o campinho, a bola e começava o jogo.

## Todo jogo eu saio com dor na perna, com hematoma, de tanta pancada!

**P.** Mas você já imaginava ser jogadora? Com que idade?

**R.** Desde que me dei por gente. Com 10, 11 anos, eu já comecei a me preparar para ser atleta profissional. Não tinha outra coisa para mim.

**P.** Sua família concordava?

**R.** Meu pai se separou cedo de minha mãe. Minha mãe (Tereza) era zeladora da Prefeitura; ia para o trabalho cedo, voltava tarde. Não tinha tempo. Ela achava estranho esse negócio de eu ficar no meio dos garotos. Procurava dar conselhos. As pessoas da cidade já começavam a comentar e isso deixava minha mãe preocupada. Ela, porém, nunca me disse para parar de jogar.

**P.** E a escola, como era?

**R.** Comecei a estudar com 9 anos, porque minha mãe não tinha como me levar. Também não podia comprar material escolar, pagar o transporte... tudo isso parece pouco, mas sai caro para quem não tem condições. O que eu fazia era tentar aprender um pouco

mesmo em casa. Eu me interessava pelo estudo. Só que o futebol foi ganhando tanto espaço na minha vida que eu ficava na escola só pensando nas jogadas, matava aula para jogar... o que não aconselho ninguém a fazer.

Mas eu só pensava em bola. Logo depois, comecei a jogar no CSA.

**P.** Em Macció?

**R.** Não. Esse CSA é de Dois Riachos mesmo. Joguei futebol de campo e futsal, sempre com os homens.

**P.** Como você veio parar no Rio?

**R.** Um olheiro me viu jogando em Alagoas e pegou o nosso telefone. Um ano depois, ligou e perguntou ao meu primo Roberto se eu não poderia ir para o Rio. A gente decidiu que eu deveria tentar. Peguei um ônibus e fui. Tinha 14 anos. Quando cheguei, fiquei na casa desse olheiro. Depois me mudei para a concentração do Vasco.

**P.** E quanto você ganhava?

**R.** Ajuda de custo. Pouco mais do que um salário mínimo. Era o que eu tinha para me sustentar. Até que decidiram acabar com o futebol feminino e eu fiquei sem ter onde jogar, mesmo já tendo ido para a Seleção Sub 19.

**P.** Deu vontade de voltar para Alagoas e tentar outra coisa?

**R.** Isso nem me passou pela cabeça. A única coisa que eu pensava era em como continuar jogando. Mas fiquei sem dinheiro para nada. E teria de dei-

zar a concentração. Os amigos é que me ajudaram nessa hora.

**P.** Como você se virou?

**R.** Eu precisava me manter na Seleção Brasileira. Fui jogar futsal em Duque de Caxias (RJ), depois joguei em Minas Gerais e no Interior de São Paulo. Ai, fui convocada e me sai bem no Pan de Santo Domingo, em 2003 (a Seleção Brasileira foi campeã). Depois disso veio ao país uma equipe da TV sueca. Eles fizeram uma matéria comigo e com o Robinho.

**P.** A partir daí, veio o interesse do Urnea, seu clube atual.

**R.** Eles já tinham me visto na Seleção. Isso foi em janeiro de 2004. Nesse momento, eu já começava a receber propostas. Dos Estados Unidos, do Canadá. Eu podia para pensar. Só tinha 17 anos.

**P.** Deve ter dado medo...

**R.** Deu mesmo. Eu não conhecia nada da Suécia. Mas eles insistiram. Como eles viram que eu estava com receio, contrataram uma das minhas melhores amigas para ir comigo. A gente morou durante sete meses na casa de uma família, com um senhor português, o que facilitava nossa vida. Depois, fomos morar sozinhas.

**P.** E o que foi mais difícil?

**R.** O frio. Em janeiro e fevereiro, um frio terrível, justamente quando no Brasil estava mais quente. E não tinha dia. O sol aparecia e daí a pouco escurecia de novo. E, claro, a língua. Mas, dentro de campo, era fácil.

**P.** Falando em dentro de campo, o Pan, com o Maracanã lotado, deve ter sido um grande momento.

**R.** E foi uma surpresa. Quando entramos e vimos 60 mil pessoas gritando... Foi importante demais para o futebol feminino. Eu corria de um lado para o outro, meio sem saber o que fazer.

**P.** Outros momentos marcantes foram as duas conquistas do prêmio de melhor jogadora do mundo pela Fifa.

**R.** Em 2007 foi tranquilo. Mas a primeira vez, em 2006, foi uma loucura. Sempre sonhei com aquele momento. Posso dizer que sabia que iria chegar. Mas pensei: *Não está muito cedo?* Eu não tinha jogado tanto pela Seleção naquele ano. Tinha sido campeã no meu time, mas, poxa, estava só com 20 anos!

**P.** Depois de ser eleita a melhor jogadora do mundo, as meninas começaram a te marcar mais?

**R.** E como! Todo jogo eu saio com dor na perna, com hematoma, de tanta pancada. No último jogo, uma menina arrancou a pele inteira do meu tornozelo.

**P.** Quando você volta a jogar no Brasil?

**R.** Teria de haver interesse de muita gente. Dos clubes, claro, mas também das empresas. Existem esforços, como do Santos, do Corinthians, mas é preciso que os patrocinadores se interessem pelo futebol feminino. Acho que ainda vai demorar, mas um dia acontece. ■

## Anexo 7

<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/conteudo.phtml?id=1131065>  
(acesso em novembro de 2012)

### Tutora de Marta, paranaense revê a melhor do mundo

Publicado em 29/05/2011 | ADRIANO RIBEIRO



Marina, zagueira do Foz, acompanhou Marta na sua primeira viagem internacional

Marta, eleita cinco vezes consecutivas a melhor do mundo, e Marina Aggio, zagueira titular do Foz Cataratas, equipe do Oeste do estado. Lado a lado, os nomes das duas jogadoras não parecem ter relação alguma, no entanto, o sucesso da consagrada atleta alagoana tem o dedo da paranaense.

Marina, natural de Iretama, foi tutora de Marta em 2004, na primeira ida da atacante para a Europa. Sete anos depois, a dupla volta a se encontrar na seleção brasileira que se prepara

para disputar o Mundial da Alemanha, no fim de junho.

A trajetória das duas atletas se cruzou pela primeira vez há oito anos, em Belo Horizonte. Ambas treinavam no Santa Cruz-MG e os dribles de Marta já encantavam quem a observava. Ainda menor de idade, a futura melhor do mundo recebeu uma proposta para jogar na Europa. Porém, como não tinha completado 18 anos, precisava da companhia de uma atleta tutora, senão a transferência não poderia ser concluída.

Diante da indecisão e insegurança das outras companheiras de grupo, a paranaense Marina se voluntariou. “Ela precisava ter uma pessoa maior de idade com ela e eu resolvi ajudar naquele momento”, lembra a defensora que, na época, estava com 22 anos.

As duas moraram quase um ano juntas na Suécia, onde Marta defendia o Umea. Marina também ganhou a oportunidade em outro time sueco, o Sjalevads IK. Juntas, elas superaram o difícil período de adaptação ao país de clima e costumes tão diferentes dos brasileiros. “O lugar não ia se adaptar a nós, então tivemos de nos adequar da melhor maneira”, diz.

A alagoana permaneceu na Europa por seis temporadas e se consolidou como a melhor do mundo no futebol feminino. A paranaense ficou no Velho Continente por quatro anos e, pensando nos estudos, decidiu retornar ao Brasil, onde passou a atuar pelo Novo Mundo, de Curitiba.

No fim de 2009, quando o caminho das duas se encontrou novamente – na partida entre Novo Mundo e Santos, pelas quartas de final da Copa do Brasil – a carreira de Marina, mais uma vez, tomou um novo rumo.

“Naquela partida, o Kleiton [Lima, técnico do Santos e da seleção feminina] me viu jogando e depois passei a ser convocada”, conta a atleta que, desde o início do ano, defende o Foz Cataratas.

A menos de um mês da disputa da Copa do Mundo de futebol feminino, a tutora Marina deposita as maiores esperanças justamente em sua mais antiga colega de grupo. “Vamos com a jogadora que já foi cinco vezes melhor do mundo. É muito melhor ter a Marta a favor do que contra”, destaca.